

cc, 5  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS

*REVISTA DE HISTÓRIA  
DAS IDEIAS*

VOL. II



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1978-1979

## TEORIAS E TESES LITERÁRIAS DE ANTÓNIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA

1. O alvo principal do presente estudo é a apresentação da bibliografia de António Pedro Lopes de Mendonça aos leitores interessados de hoje. Essa bibliografia, para ser correctamente valorada, exige um largo esforço de exegese e enquadramento. No entanto, limitá-nos-emos, por agora, ao exame das suas teorias e teses literárias, deixando a análise das concepções sociais e políticas para melhor ocasião. E dentro desta óptica restrita, só procuraremos pôr em foco o autor na linha da sua inserção no movimento romântico português e na conotação recíproca da literatura e da sociedade. Polígrafo de destaque, deixou-nos, com efeito, em livro autónomo e publicações periódicas, uma gama variada de textos, de mérito assinalável.

Fez muito jovem ainda a sua estreia literária; a sua obra, contudo, nem sempre foi bem recebida pela crítica, sobranceira à juventude do autor (1). Ingressou no jornalismo pela mão de José Estêvão, e como articulista de *A Revolução de Setembro* (1846-1858) escreveu artigos em que prescrua e analisa, até ao pormenor, a sociedade do seu tempo, com particular destaque para a burguesia lisboeta. Neles, comenta também a situação política do País, contestando ou elogiando, conforme os casos, a acção dos governos que se sucedem no poder, os partidos que se formam ou se dissolvem, as alterações económicas que se operam ou se não realizam.

---

(1) Aquando da publicação das *Scenas da vida contemporanea*, refere Bulhão Pato: «... foi então que Mendonça, só, desamparado, sofreu as invectivas duma crítica mordaz que não poupou as incorrecções, erros e faltas tão desculpáveis na sua idade. Pondo-o a ridículo, um público incompreensivo alcunhou-o perjurativamente de *literato*» (BULHÃO PATO, *Lopes de Mendonça*, in «Sob os ciprestes», Lisboa, 1877, p. 98).

As letras e a política encontraram em Lopes de Mendonça um lugar não só destacado, mas indissociável. Publica, muito cedo, folhetos políticos impregnados de vigor e entusiasmo, portadores dos ideais democratas e socialistas que sempre o animaram. Em 1849 Mendonça inicia o seu curso de literatura no Grémio Literário. Limitou-se, porém, a uma introdução e a uma lição, pois as críticas implacáveis a que deu aso suscitaram uma viva polémica que conduziria à supressão do dito curso, após ter sido nomeada uma comissão para resolver o caso. «Promoveu-se quase um pronunciamento» — afirma o autor. Efectivamente os folhetinistas da *Revista Popular*, do *O Pharol*, de *A Pátria*, não tiveram contemplos. O fracasso do curso advinha do programa demasiado ambicioso para um jovem de vinte e dois anos que não tinha ainda um perfeito conhecimento da nossa literatura e do facto de ter transformado a sua lição «mais num libelo ou num folhetim em que nada disse da matéria da lição, e disse muito das suas opiniões» (1). Nos *Ensaio de critica e litteratura*, definiu já as directrizes do seu ideário socialista — mas foi sobretudo no periódico *Ecco dos Operarios* que detalhadamente apresentou a análise da sociedade existente, o conflito de muitos dos seus estratos com o sistema capitalista, e as soluções para os problemas decorrentes da luta de classes (2).

(1) \*\*\*, *Os cursos no Gremio Litterario*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2143, 8-V-1849, p. 2, cols. 2-3; vejam-se também as críticas feitas por FR. GERUNDIO (Joaquim Henriques Fradesso da Silveira), *Revista da semana* [secção da revista]. *As novidades da semana*, in «Revista Popular», vol. 2.º, n.º 7, 21-IV-1849, p. 55 e *Em má hora me lembrei...*, in «Revista Popular», vol. 2.º, n.º 8, 28-IV-1849, p. 62; sem assinatura (Mendonça atribui este artigo a Latino Coelho, veja-se «A Revolução de Setembro», n.º 2147, 12-V-1849, p. 2, col. 1), *Revista de semana* [secção da revista], *Pharol para que te abrazas*, in «O Pharol», Lisboa, Typ. de Castro e Irmão, n.º 3, 8-V-1849, p. 22; sem assinatura, também na rubrica *Revista da semana*, n.º 4, 14-V-1849, p. 29 e n.º 5, 22-V-1849, pp. 39-40; BARÃO D'ALFENIM (António da Silva Tullio), *Chronica* [secção da revista]. *A imprensa politica...*, in «A Epoca. Jornal de industria, ciencias, litteratura e bellas artes», Lisboa, Typografia da Revista Universal Lisbonense, t. 2.º, n.º 43, 1849, p. 253; t. 2.º, n.º 44, 1849, p. 271. Vejam-se ainda os artigos de Lopes de Mendonça in «A Revolução de Setembro», n.º 2129, 21-IV-1849, p. 1, col. 3; *Eu e o folhetim da Patria*, in *loc. cit.*, n.º 2139, 3-V-1849, pp. 1-3; n.º 2141, 5-V-1849, pp. 1-3; n.º 2147, 12-V-1849, pp. 1-2 e *O novo folhetim da Patria*, in *loc. cit.*, n.º 2157, 25-V-1849, pp. 1-2.

(2) «Apareceu então o jornal de Sousa Brandão e Lopes de Mendonça, o *Ecco dos Operarios*. Mendonça andava numa alegria extrema. Com que orgulho ele apresentava os seus colaboradores Chaves e Vieira da Silva.... “A minha ideia é fun-

Jornalista brilhante, Mendonça cultivou um novo género literário, o folhetim, fazendo dele um precioso instrumento de análise da actualidade e de crítica literária. O jornalismo teve, na sua concepção, um lugar de relevo enquanto forma de participação pessoal na vida pública e enquanto meio de pedagogia popular. A ilustração, isto é, o que hoje chamamos cultura, aparece-lhe como uma necessidade para todos. Isso significa que, no seu critério, a literatura deve encaminhar-se, cada vez mais, no sentido de representar os grandes acontecimentos sociais e reproduzir as diferentes transformações da opinião, reflectindo em larga medida os graves interesses que se discutem na sociedade. A revolução dos espíritos deve preceder, na sua opinião (de idealista, evidentemente), a revolução social.

Para Mendonça, o teatro, isto é, o teatro enquanto espectáculo e não já enquanto simples obra literária, tem também um papel educativo fundamental. É um meio propício de instrução que facilmente se grava no espírito do espectador. E assim o vemos experimentar este género, não sendo todavia muito feliz nas peças que escreveu, como *Affronta por affronta*, *Como se perde um noivo*, *Casar ou metter freira*, *Lições para maridos*, e outras (1).

A par do jornalismo e da literatura de imaginação, Mendonça cultivou ainda os estudos históricos. A *noticia historica do Duque de Palmella* foi precedida por outros de valor. Destacaremos o ensaio *Damião de Gões e a Inquisição em Portugal*, o estudo sobre D. Francisco cisco Alexandre Lobo e um outro sobre Nicolau Clenardo (2).

---

dar uma typografia, pôr à frente dela o Vieira da Silva e fazer-me editor de algumas obras". Lopes de Mendonça não chegou infelizmente a realizar nem esse, nem outros dos seus sonhos: mas logrou uma alegria .... foi a de auxiliar, celebrando-os quantos em Portugal se interessaram nessa época pelo espírito e destinos das classes operárias» (JÚLIO CÉSAR MACHADO, *Lisboa de hontem*, Lisboa, s.d., pp. 122-24).

(1) Temos notícia de que Lopes de Mendonça teria escrito um drama intitulado *Pedro, o artista*, mas não encontrámos nem a obra nem qualquer outra referência a ela. Cfr. *Theatro de D. Maria II*, in «Revista Universal Lisbonense», 2.<sup>a</sup> série, t. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, Typografia da Revista Universal Lisbonense, n.<sup>o</sup> 1, 9-XI-1848, p. 9.

(2) Lopes de Mendonça, sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e vice-secretário, foi encarregado com Rebelo da Silva da publicação do jornal sob os auspícios da Academia (Veja-se o *Extracto das Actas das sessões litterarias da 2.<sup>a</sup> classe da Academia Real das Sciencias*, in «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa», t. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, Typ. da mesma Academia, 1857, p. 54). Aproveitou muitos dos manuscritos ali arquivados para fazer

A sua obra literária, já com interesse meritório aquando da publicação do romance de carácter psicológico e com aflorações de actualismo, *Memorias dum doido*, em 1849, atingiu um valor relevante em 1855 com as *Memorias de litteratura contemporanea*. Espírito observador e criador, Lopes de Mendonça teve um papel fundamental na história crítica da nossa literatura (1). Com Rebelo da Silva, Andrade Ferreira e Ernesto Biester, colaborou na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Sob o signo dos grandes vultos da literatura romântica portuguesa — Garrett, Herculano e Castilho — participou com Rebelo da Silva, Tomás de Carvalho, Latino Coelho, Andrade Corvo, Lobo d'Ávila, Silva Tullio, Mendes Leal, Palmeirim e outros na *Sociedade Escolastico-Phylomatica*. Foi articulista da *Revista Universal Lisbonense*, de *A Illustração Luso-Brasileira*, na *Revista Peninsular*, em *A Patria*, em *A Semana* (2) no *Almanak Democratico*, no *Archivo Pittoresco*, em *O Panorama* e nos *Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real de Lisboa*, do *Ecco Litterario*, de *O Ecco Popular*, de *O Mosaico*, de *O Doze de Agosto*, da *Revista del Mediodia* (3).

---

a sua publicação, acompanhando-a de comentários, de que são exemplos *A Batalha de Alcaccer-Quibir*, *Os ultimos annos do reinado de D. Affonso V*, *Uma viagem à India nos fins do século XVII*, publicados em «O Panorama».

(1) MANUEL PINHEIRO CHAGAS, *Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, in «Ensaios Criticos», Porto, Casa da viúva Moré-Editora, 1866, p. 263 e ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA, *Critica Litteraria — Memorias d'um doido*, in «Revista Universal Lisbonense», 2.<sup>a</sup> série, t. 2.<sup>o</sup>, n.º 48, 5-IX-1850, pp. 579-80. Já em 1849, e referindo-se expressamente aos *Ensaios de critica e litteratura*, comentava-se num artigo, não assinado, de *O Pharol*: «Primeira obra deste género entre nós, no estilo fácil e agradável de que o autor sabe usar em todos os seus escritos, este livro deve ser lido por todos os que têm amor às letras, e sabem analisá-las» (*Ensaios de critica pelo sr. Lopes de Mendonça*, in «O Pharol», n.º 12, 2-VI-1849, p. 93).

(2) A. P. Lopes de Mendonça foi com J. A. de Santanna e Vasconcellos, empresário desta revista, a partir do terceiro volume de que foram publicados apenas seis números. Cfr. JÚLIO CÉSAR MACHADO, *Apontamentos de um folhetinista*, Porto, 1878, pp. 144-45 e INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 7.<sup>o</sup>, Lisboa, 1862, p. 227.

(3) Refere-se Lopes de Mendonça à vinda de estudantes espanhóis ao Porto e a Coimbra, representando depois teatro pela provincia. Com eles vinha o «distinto poeta» Luiz de Rivera, (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *O mundo, mesmo o nosso mundo...*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2386, 2-III-1850, p. 2, col. 1), fundador da *Revista del Mediodia*, periódico quinzenal, escrito em português e espanhol, «jornal que promete ser o enlace noticioso das duas literaturas e das duas críticas — espanhola e portugueza» (CAMILO CASTELO BRANCO, *Revista d'el medio-dia. Jornal litterario*, in «A Semana», vol. 1.<sup>o</sup>, n.º 39, Setembro, 1850, pp. 306-307).

Ao lado de Rodrigues Sampaio, António de Serpa, José Estêvão, Mendes Leal e outros contemporâneos, deu um contributo relevante ao jornalismo português. Como polemista, trouxe para o debate público problemas prementes da sociedade e da economia dos meados do século XIX (1).

#### I. ROMANTISMO E «COSTUMBRISMO»

2. O movimento romântico surgiu e medrou à ilharga de uma situação revolucionária. Mas surgiu e medrou também à ilharga de uma situação contra-revolucionária. Os seus primeiros passos são dados dentro de uma conjuntura político-social, que resulta, por um lado, das transformações operadas na sociedade e no estado pela Revolução Francesa e o Império, que o mesmo é dizer pela rebelião da burguesia e das camadas populares contra a ordem monárquico-feudal (2), mas resulta, por outro lado, da resistência oposta a essas transformações pelas forças contra-revolucionárias. A introdução das novas correntes literárias no nosso País, pela quebra que envolveu com o passado próximo, teve uma importância comparável à comoção político-social de 1828-1834. E foi porque os portugueses descobriram o romantismo, em grande parte, como emigrados liberais e não (contra o que sucedeu com os franceses) como emigrados «legitimistas», que ele em Portugal tomou uma feição formalmente revolucionária.

3. O movimento romântico deu, no plano literário, uma resposta à crise da sociedade europeia provocada pelos antecedentes e consequentes da Revolução Francesa. Reagindo perante o sistema vigente, o escritor sobreleva o sentimento à razão (3) e pretende fazer reinar

(1) Veja-se o nosso estudo *Conflitos ideológicos do século XIX. O problema paulista*, separata da «Revista de História das Ideias», vol. 1.º, Coimbra, 1976, pp. 41-118.

(2) PAUL VAN THIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, Paris, Éditions Albin Michel, 1969, p. 117 e ALBERTO FERREIRA, *Perspectiva do romantismo português*, Lisboa, Edições 70, 1971, pp. 8-9.

(3) Na fase pré-romântica subsiste ainda a linha racionalista arraigada aos moldes e regras neoclássicas, mas é atenuada com o movimento romântico que sobrevaloriza o sentimento, tornando-se mais subjectivista. Cfr. DANIEL MORNET, *Le romantisme en France au XVIII.º siècle*, Paris, 1912, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1970, pp. 92 e 179; RICARDO NAVAS-RUIZ, *El romanticismo español. Historia y crítica*, Salamanca, 1970, p. 28.

na literatura a liberdade (1). Essa reacção contra a temática, a norma rígida e os padrões clássicos, é bem notória na escola romântica alemã, na sua luta contra as tendências do iluminismo (2). Sem um suporte filosófico definido, a arte assenta na base do individualismo, fundando a oposição entre o objectivismo clássico e o subjectivismo romântico e tornando mais imediatas as exigências estilísticas (3).

(1) O romantismo surge como o liberalismo na literatura. É notória a proclamação da liberdade como ideal social. A liberdade na arte, a liberdade na sociedade é um binómio constante na obra do romântico. Ele exige a liberdade política e, em consequência, ataca o absolutismo monárquico; anseia pela liberdade de sentimento como expressão espontânea da sua imaginação e das suas aspirações e exige a liberdade literária, contrapondo-se às regras e leis que coarctavam a imaginação, a espontaneidade e a sensibilidade do romântico. Cfr. ALFRED MICHELS, *Histoire des idées littéraires en France au XIX.<sup>e</sup> siècle et de leurs origines dans les siècles antérieures*, 4.<sup>a</sup> ed., t. 2.<sup>o</sup>, Paris, 1863, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1969, pp. 183-84; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, p. 30; EDMUND EGGLI, *Le débat romantique en France 1813-1816*, Paris, 1933, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1972, p. 85.

(2) O romantismo é, em grande parte, uma reacção contra o clássico. A polémica de Schlegel é muito precisa neste ponto. Influenciado por ele, Madame de Staël tem também um lugar de destaque no debate classicismo-romantismo. A tendência romântica manifesta-se mais cedo na Alemanha do que nos outros países. Os escritores franceses estavam ainda muito arreigados à tradição clássica nos princípios do século XIX. A influência da literatura alemã, sobretudo a partir de *L'Allemagne* de M.<sup>me</sup> de Staël e a acção da literatura inglesa através de Byron faz-se sentir entretanto. Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand acolheram já essas influências. Em Espanha o tradicionalismo literário mantém-se até mais tarde e o século XVIII está, neste país, sob o signo neoclássico. O romantismo só triunfa após 1820, e é com o liberalismo que aquele movimento se impõe, embora mais moderado do que em França. Cfr. J.-F. ANGELLOZ, *Le romantisme allemand*, Paris, 1973, pp. 7-9; EDMOND EGGLI, *ob. cit.*, pp. 84 e 140-42; MAURICE ALBERT, *La littérature française sous la révolution, l'empire et la restauration*, Paris, 1898, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1970, pp. 162-65; DANIEL MORNET, *ob. cit.*, pp. 194-95; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, pp. 20-22; VICENTE LLORENS CASTILLO, *Liberales y románticos. Una emigración española en Inglaterra (1823-1834)*, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, 1968, pp. 386-87; PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, Paris, 1969, pp. 169-70. AUGUSTE SAINT-CHAMANS, *L'anti-romantique ou examen de quelques ouvrages nouveaux*, Paris, 1816, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1973, pp. 1-38.

(3) Enquanto o homem universal, o homem em geral, era o objecto da literatura clássica, para os românticos é o indivíduo que ocupa o primeiro plano. Não é uma imagem abstracta do homem que o romantismo nos apresenta, mas o indivíduo na sua complexidade e diversidade. Cfr. ALFRED DE VIGNY, *Lettre a Lord \*\*\**, in *Le more de Venise, Othello*, in «Oeuvres Complètes», Paris, 1965, p. 470; UMBERTO

No estilo, os românticos opõem-se à tradição clássica. A um estilo convencional, de imitação grega e latina, cheio de metáforas, alusões mitológicas, contrapõem grandes inovações: o vocabulário mais rico e evocador de sensações; a abundância de imagens, a riqueza em exclamações e em movimentos líricos; o predomínio da imaginação e da sensibilidade sobre a razão (1). A oposição ressalta também nos sentimentos e gostos. O romântico é individualista; e esse despertar social e literário da subjectividade condu-lo muitas vezes ao egoísmo intelectual e moral (2).

Três sentimentos estão presentes nos românticos: o da natureza (3), o da religião e o do amor. A religião, despromovida, no âmbito da estética, na doutrina renascentista e pós-renascentista, foi revalorizada

---

BOSCO, *Preromantismo e romantismo*, in «Questioni e correnti di storia letteraria», Milão, 1973, pp. 609-10; BIANCA MAGNINO, *Romanticismo e cristianesimo*, t. 1.º, Brescia, 1962, pp. 91-92; ALFRED MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 2.º, p. 287; GUY MICHAUD e PHILIPPE VAN TIEGHEM, *Le romantisme*, Paris, 1952, pp. 143-47; LOUIS MAIGRON, *Le romantisme et les mœurs*, Paris, 1910, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1977, pp. 1-2.

(1) A imaginação é uma constante nas obras dos pré-românticos, opondo-se ao espírito descritivo e racionalista do século XVIII. Ela ocupa um lugar de destaque na obra de Joseph Warton, Hamann e Blake. O sentimento pesa de igual modo na estética pré-romântica. Du Bos considera-o o árbitro da obra de arte. Muitas das obras da literatura romântica são também fruto do sentimento ardente e da imaginação do poeta. Cfr. PAUL VAN TIEGHEM, *Le preromantisme. Études de l'histoire littéraire européenne*, Paris, 1924, pp. 47-50, e *Le romantisme dans la littérature européenne*, pp. 332-41; DANIEL MORNET, *ob. cit.*, pp. 101, 106, 111, 114-15; ALBERT MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 2.º, p. 133; MAURICE ALBERT, *ob. cit.*, p. 207; EDMOND EGGLI, *ob. cit.*, p. 85; LOUIS MAIGRON, *ob. cit.*, pp. 7-8.

(2) ALBERT MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 2.º, p. 287; UMBERTO BOSCO, *Preromantismo e romantismo, cit.*, p. 610; ANTÓNIO CÂNDIDO, *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, 4.ª ed., vol. 2.º, São Paulo, 1971, p. 24; BIANCA MAGNINO, *ob. cit.*, t. 1.º, p. 92; PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, p. 229.

(3) A natureza é, para os românticos, um estado de alma. O romântico procura nela o que a sua alma não encontra entre os homens: o sonho, a melancolia, a solidão. O gosto pelo mar, pela noite, pelos lagos, pela montanha, torna-se tema preferido pelo romântico, que associa esse gosto pelo natural aos sentimentos humanos. Cfr. DANIEL MORNET, *ob. cit.*, pp. 101-14; ALFRED MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 1.º, pp. 292-93; MAURICE SOURIAU, *De la convention dans la tragédie classique et dans le drame romantique*, Paris, 1885, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1970, p. 64; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, p. 31; GEORGES GUSDORF, *Naissance de la conscience romantique au siècle des lumières*, Paris, 1976, p. 359.

pelo romantismo na expressão literária (1). E o mesmo sucedeu com o amor-sentimento, adquirindo a vida afectiva uma importância relevante sobre as outras manifestações da personalidade (2). Conjuntamente, manifestam-se sentimentos diversos no escritor romântico. Uma necessidade íntima de liberdade em todos os domínios, desde a liberdade literária ou liberdade social e moral à liberdade religiosa e política. É este princípio de liberdade o ponto de partida comum às manifestações mais diversas do espírito romântico.

No romantismo não predomina apenas o sonho vago, desligado da realidade; pelo contrário, o sonho e a vida tendem a confundir-se. O romântico não é naturalmente alegre, confiante, optimista; sofre com as decepções da vida, com a frustração do ideal irrealizado, no desacordo com o mundo (3). O seu entusiasmo e ardor manifestam-se sobretudo nas lutas pela independência e liberdade da pátria, pelo ideal político, religioso, social ou humanitário. O liberalismo literário é apenas um aspecto integrado num todo global dos problemas políticos, sociais e morais (4).

---

(1) O romantismo traz consigo o regresso às fontes da literatura moderna, regresso esse ao mundo medievo e ao espírito cristão. Sismondi, ao analisar a definição e conteúdo da palavra «romântico» vê nela contida toda a civilização em que são marcos relevantes o cristianismo e o espírito cavaleiresco. O fenómeno é sensível na Alemanha com Schlegel e De Staël. Na França, manifesta-se uma reacção contra o intelectualismo e o sentimento irreligioso do século XVIII bem como uma oposição ao princípio da autoridade muito radicado nos espíritos do século XVII de que Chateaubriand é o campeão. A linha prolonga-se através de Vigny, Hugo e muitos outros. Cfr. MAURICE ALBERT, *La littérature française sous la révolution, l'empire et la restauration*, pp. 112-14; EDMOND EGGI, *ob. cit.*, pp. 51, 82, 140-41; GUY MICHAUD e PHILIPPE VAN TIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 30, 120-22; MAURICE SOURIAU, *ob. cit.*, pp. 66-68 e 83; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, pp. 13, 16, 27-28; ANTÓNIO CÂNDIDO, *ob. cit.*, vol. 2.º, p. 320; PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, p. 234; ALFRED MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 1.º, pp. 410 e 426-32.

(2) Cfr. GUY MICHAUD e PHILIPPE VAN TIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 137-39; BIANCA MAGNINO, *ob. cit.*, t. 3.º, pp. 50-55; DANIEL MORNET, *ob. cit.*, pp. 91-126; PAUL VAN TIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 237-38; LOUIS MAIGRON, *ob. cit.*, pp. 195-208.

(3) Cfr. DANIEL MORNET, *ob. cit.*, pp. 127-53; MAURICE SOURIAU, *ob. cit.*, pp. 185-91; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, pp. 28-29, 178 e 194; ANTÓNIO CÂNDIDO, *ob. cit.*, 4.ª ed., vol. 2.º, p. 33; BIANCA MAGNINO, *ob. cit.*, t. 3.º, pp. 58-78; LOUIS MAIGRON, *ob. cit.*, pp. 273-280.

(4) Victor Hugo, por exemplo, identifica o romantismo com a liberdade (VICTOR HUGO, *Hernani*, Paris, 1926, Préface, p. 2). O liberalismo político caracteriza-se pela oposição à realeza, pelo ódio aos excessos do absolutismo monárquico. Os românticos preocupam-se com a construção de uma sociedade mais justa em que

Na opinião de Jorge de Sena, o romantismo procurou uma visão do mundo e da vida sob um prisma realista, isto é, alheio a quaisquer normas e modelos, a não ser que tais modelos se adaptassem a exprimir as novas concepções de vida (1). No entender deste escritor, há sempre um realismo em toda a produção romântica, embora possa ser camuflado pelo idealismo que pode parecer a negação das pretensões realistas. Porém «a idealização da realidade não é necessariamente a negação dela» (2), e os românticos estavam já consciencializados da oposição, mas também da continuação entre o «sublime» e o «grotesco» (3).

O movimento romântico, nos seus vários géneros, traz consigo o «herói romântico», que pode ser um grande senhor, mas é normalmente o indivíduo de origem humilde que tem consciência do contraste entre a sua situação social e o seu valor próprio. Esta a razão por que tantas vezes vive isolado da sociedade e a odeia.

O desejo de evasão do romântico, cansado do mundo que o rodeia, leva-o a interessar-se pelos países estrangeiros, por costumes e paisagens diferentes. O gosto pelo exótico é um lugar comum nos românti-

---

se limitem os privilégios e se engrandeça a representatividade popular. A literatura romântica torna-se, assim, eco dos problemas do seu tempo. Cfr. ALFRED VIGNY, *Journal d'un poète* in «Oeuvres Complètes», édition définitive, Paris, s.d., pp. 96 e 176; MAURICE SOURIAU, *De la convention dans la tragédie classique et dans le drame romantique*, Genève, 1970, pp. 202 e 252-73; ALFRED MICHIELS, *Histoire des idées littéraires en France au XIX<sup>e</sup> siècle et de leurs origines dans siècles antérieures*, 4.<sup>a</sup> ed., t. 2.<sup>o</sup>, Genève, 1969, p. 184; BIANCA MAGNINO, *Romantismo e cristianesimo*, t. 3.<sup>o</sup>, Brescia, 1963, pp. 214-36; RICARDO NAVAS-RUIZ, *El romanticismo español. Historia y crítica*, Salamanca, 1970, pp. 13-14; PAUL VAN TIEGHEM, *Le mouvement romantique. (Angleterre-Allemagne-Italie-France)*, 4.<sup>a</sup> ed., Paris, 1968, p. 161, e *Le romantisme dans la littérature européenne*, Paris, 1969, p. 249.

(1) Sobre este tópico veja-se DANIEL MORNET, *Le romantisme en France au XVIII.<sup>e</sup> siècle*, Genève, 1970, pp. 271-73; ANTÓNIO CÂNDIDO, *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, 4.<sup>a</sup> ed., vol. 2.<sup>o</sup>, São Paulo, 1971, p. 26; JORGE DE SENA, *O romantismo*, in «O Tempo e o Modo. Revista de pensamento e acção», n.º 36, Lisboa, Março, 1966, p. 280.

(2) JORGE DE SENA, *ob. cit.*, p. 281. Veja-se também GEORGES PELLISSIER, *Le réalisme du romantisme*, Paris, 1912, especialmente a Introdução, pp. 6-8 e o cap. 1.<sup>o</sup>, pp. 9-78.

(3) «... le caractère du drame est le réel; le réel résulte de la combinaison toute naturelle de deux types, le sublime et le grotesque, qui se croisent dans le drame, comme ils se croisent dans la vie et dans la création» (VICTOR HUGO, *Cromwell*, Paris, s.d., Préface, p. 32).

cos (1). Atraem-nos as viagens por terras longínquas, como o Próximo Oriente, a Índia, ou então os países do Ocidente europeu, persistindo ainda o gosto pela Grécia antiga. Este helenismo demonstra o interesse do romântico em evocar e fazer reviver os homens e coisas do passado pondo em relevo o contraste em aspectos vários com os do presente (2). Daí que o historicismo se torne outra das características românticas (3).

Salientando este aspecto, Prado Coelho refere-se ao «exagerado historicismo» do romântico que, na sua opinião, o desviava da realidade

---

(1) O exotismo tem um lugar importante na literatura romântica. O interesse pelo oriente torna-se, essencialmente desde 1780, uma constante. É dentro desta literatura fortemente impregnada de orientalismo que Victor Hugo escreve *Les Orientales*. As línguas, os costumes, as paixões, a religião, a arquitectura, a natureza de paragens longínquas sensibilizam o poeta e o romancista. Cfr. MAURICE ALBERT, *ob. cit.*, pp. 213-22; PIERRE MARTINO, *L'Orient dans la littérature française au XVII<sup>e</sup> et au XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1906, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1970, pp. 356-63; PIERRE JOURDA, *L'exotisme dans la littérature française depuis Chateaubriand. Le romantisme*, Paris, 1938, especialmente a Introdução, pp. 9-26; UMBERTO BOSCO, *Preromantismo e romanticismo* in «Questioni e correnti di storia letteraria», Milão, 1973, pp. 610-11; FRANCISCO ESTEVE BARBA, *Historia de la cultura*, 1.<sup>a</sup> ed., t. 4.<sup>o</sup>, 5.<sup>a</sup> p.<sup>te</sup>, Barcelona, 1955, pp. 1480-81; LOUIS MAIGRON, *ob. cit.*, pp. 9-32.

(2) PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, pp. 261-63; RENÉ CANAT, *L'hellénisme des romantiques. La Grèce retrouvée*, Paris, 1951, Avant-propos, pp. 8-11.

(3) Victor Hugo considerava que «le but de l'art est presque divin: ressusciter, — s'il fait d'histoire» (VICTOR HUGO, *Cromwell*, Paris, s.d., Préface, p. 48). Mas para que o drama fosse uma verdadeira ressurreição é preciso que ele «interroge les chroniques, s'étudie à reproduire la réalité des faits, surtout celle des mœurs et des caractères, bien moins léguée au doute et à la contradiction que les faits» (*Idem, ibidem*). O dramaturgo pensava no entanto que «la liberté du poète en est plus entière, et le drame gagne à ces latitudes que lui laisse l'histoire» (*Idem*, p. 62). Alfred de Vigny tem também a concepção de que «l'histoire est un roman dont le peuple est l'auteur» (*Cinq-Mars*, in «Oeuvres Complètes», Paris, 1965, p. 145). Os românticos preocuparam-se frequentemente apenas com a narrativa histórica. A par dessa corrente representada por Chateaubriand, Walter Scott, Victor Hugo, Alexandre Dumas e outros, aparece uma outra na primeira metade do século XIX na linha do racionalismo experimental que tem representantes de nomeada em François Guizot e, noutro plano, em Mignet e Thierry. Ocupa um lugar à parte Michelet. Tendo recebido as influências do romantismo alemão e da filosofia idealista de Fichte, Schelling e Hegel, patenteia uma visão colectiva da história e como força interna que cresce inconscientemente nos povos. Cfr. MAURICE SOURIAU, *ob. cit.*, pp. 229-51;

contemporânea (1). Entre as várias épocas históricas foi sem dúvida a Idade Média a escolhida pelos românticos. Esta época oferecia um largo campo onde se podia espriar a imaginação romântica, embora a sua exploração tivesse sido variável e com caracteres diferentes nas várias nações. A esta reabilitação da sociedade medieval, da religião cristã, juntava-se ainda o interesse dos românticos pelos monumentos antigos, pelas literaturas nacionais e pela literatura popular (2). «O Romantismo era uma doutrina literária de princípios se não de regras: procurava para a fundação das novas literaturas a base tradicional de cada nacionalidade» (3).

Mas os românticos não se vincularam somente às coisas do passado, não ficaram presos ao interesse pelos países longínquos, não se quedaram nas influências das literaturas estrangeiras. Manifestaram também profunda curiosidade pela vida contemporânea, nacional e local. Não fizeram tanta história do passado, como história do presente.

Existe uma certa contradição entre o interesse pelo quotidiano e o anseio de evasão no romântico. O fenómeno só é porém manifesto nos escritores que se orientam já para o concreto, para o original. É certo que entre 1815 e 1850 aparecem já obras com espírito, com um certo colorido, com humor e poder satírico. A moda generalizou-se na Europa e na América e tornou-se frequente encontrar o pitoresco

---

BIANCA MAGNINO, *ob. cit.*, t. 3.º, pp. 160-79; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, p. 26; UMBERTO BOSCO, *Preromantismo e romanticismo cit.*, pp. 601-602; PAUL VAN TIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 263-64; GEORGES LEFEBVRE, *La naissance de l'historiographie moderne*, Paris, 1971, pp. 170-204 e GEORGES GUSDORF, *Introduction aux sciences humaines. Essai critique sur les origines et leur développement*, Paris, 1960, pp. 410-11.

(1) JACINTO DO PRADO COELHO, *Romantismo*, in «Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária», 3.ª ed., vol. 3.º, Porto, 1973, p. 964.

(2) Cfr. ALFREDO MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 1.º, pp. 349-59 e t. 2.º, p. 285; DANIEL MORNET, *ob. cit.*, pp. 55-63; EDMOND EGGLI, *Le débat romantique en France, 1813-1816*, Genève, 1972, pp. 51-53; VICENTE LLORENS CASTILLO, *Liberales y románticos. Una emigración española en Inglaterra (1823-1834)*, 2.ª ed., Madrid, 1968, p. 404.

(3) THEOPHILO BRAGA, *Questões de literatura e arte portuguesa*, Lisboa, s.d., p. 284. Cfr. EDMOND EGGLI, *ob. cit.*, pp. 51 e 241; ALFRED MICHIELS, *ob. cit.*, 4.ª ed., t. 1.º, pp. 376-86 e t. 2.º, p. 149; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, pp. 16, 19, 26 e 44; ANTÓNIO CÂNDIDO, *ob. cit.*, 4.ª ed., vol. 2.º, pp. 10-11; FRANCISCO ESTEVE BARBA, *ob. cit.*, 1.ª ed., t. 4.º, 6.ª p.ª, pp. 1475-76.

na descrição de tipos e costumes (1). Exemplo concreto são as «fisiologias» do «dandy», do advogado, do poeta, do solteirão, que abundam na literatura francesa e no «costumbrismo» espanhol (2). O nome de «fisiologia» é aqui empregado metaforicamente; designa a análise de afectos, sensações, a conduta de determinados tipos humanos muitas vezes caricaturizados. É uma tendência bem notória na obra balzaquiana (3).

Os «costumbristas» visavam a observação da realidade, e no caso específico de Espanha, interessa-lhes discernir e captar as realidades espanholas, descobrindo os aspectos pitorescos e típicos. Por isso surge o povo — povo rural — como herói. Os «costumbristas» manifestaram nas suas obras a transição operada na nação do antigo regime para o período da primeira guerra civil (4). Eles têm consciência da mudança, da revolução e da evolução operadas que transformaram o país.

Assim, o «costumbrismo» examina uma realidade que escapava ao historiador, a essência da própria vida nacional, tão desvirtuada pelos contactos estrangeiros. Enfrenta a realidade contemporânea,

(1) A partir de 1830 constata-se já um certo cansaço da exagerada melancolia das novelas que pecavam pelo seu ideal romântico, distanciando-se do real concreto. O romantismo continha em si mesmo o germe do realismo (PHILIPPE VAN THIEGHEM, *Les grandes doctrines littéraires en France*, 8.<sup>a</sup> ed., Paris, 1968, p. 215). É assim que Walter Scott se preocupa já em detalhar as personagens e o ambiente. Pouco a pouco, passa-se da novela histórica para a novela de costumes contemporânea. O romancista preocupa-se sobretudo com a história dos costumes. Stendhal, Balzac na sua *La Comédie Humaine* e Victor Hugo em *Les Misérables* vêem o mundo não só com olhos de românticos mas, essencialmente, com olhos de realistas. Cfr. PHILIPPE VAN THIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 216-19.

(2) JOSÉ F. MONTESINOS, *Costumbrismo y novela. Ensayo sobre el redescubrimiento de la realidad española*, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, 1965, pp. 103-104.

(3) HONORÉ BALZAC, *La Comédie Humaine*, Paris, 1912, Avant-propos, p. XXIX. Verificamos que em Balzac há já uma mutação de uma literatura subjectiva para uma obra de análise científica do homem, dos grupos sociais e da realidade. Cfr. PIERRE CITRON, *apud* HONORÉ BALZAC, *Le père Goriot*, Paris, 1966, Préface, pp. 20-21; FRANCISCO ESTEVE BARBA, *ob. cit.*, 1.<sup>a</sup> ed., t. 4.<sup>o</sup>, 6.<sup>a</sup> p.<sup>te</sup>, p. 1518; PAUL VAN THIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, Paris, 1969, p. 296; JOSÉ F. MONTESINOS, *ob. cit.*, p. 96.

(4) JOSÉ F. MONTESINOS, *ob. cit.*, p. 43; RICARDO NAVAS-RUIZ, *El romanticismo español. Historia y crítica*, Salamanca, 1970, p. 101; MARGARITA UCCELAY DA CAL, *Los españoles pintados por sí mismos (1843-1844). Estudio de un género costumbrista*, México, 1951, pp. 46-47, 135-62.

integrando-a nas circunstâncias nacionais, mas sempre dentro de uma problemática ligada à moral, à ciência, à sociologia. O «costumbrista» não escreve por puro prazer, com um interesse meramente artístico. Retratava a sociedade através da descrição de «tipos», e este aspecto aproxima-o do «fisiologismo» francês (1). «Costumbristas» como Estébanes Calderon e Mesonero Romanos desenham com traço firme e descrevem brilhantemente os costumes espanhóis; mas Larra, conhecedor da literatura francesa, critica esse «costumbrismo» frívolo, mera reprodução dos tipos pitorescos, repositório dos usos e costumes; as simpatias de Larra são mais para o «costumbrismo» balzaquiano, para as «fisiologias» que estavam na moda em França (2).

4. Foram vários os géneros literários cultivados pelos românticos. A poesia ocupou um lugar de destaque. No teatro, a tragédia mantinha um lugar consagrado, mas é substituída pelo drama, com uma estrutura e forma livre e diversa despida das regras tradicionais, com uma acção mais extensa e personagens mais numerosas e variadas (3).

(1) Este intuito está bem patente em Mesonero Romanos que escreve: «... deseando ensayar un género que en otros países han ennoblecido las elegantes plumas de Addison, Jouy y otros, me propuse, aunque *siguiendo de lejos* aquellos modelos y *adorando sus huellas*, presentar al público espanol cuadros que ofrezcan escenas de costumbres propias de nuestra nación .... donde vayan encontrando su respectivo lugar todas las virtudes, todos los vicios y todos los ridiculos que forman en el día nuestra sociedad .... y donde al mismo tiempo que se ataque al ridículo se venga al carácter nacional de los desmedidos insultos, de las extravagantes caricaturas en que le han presentado sus antagonistas» (RAMON DE MESONERO ROMANOS, *Escenas matritenses, Las costumbres de Madrid*, série I, (Panorama Matritense), in «Obras de Don Ramon de Mesonero Romanos», t. 1.º, Madrid, 1967, p. 39). Cfr. CARLOS SECO SERRANO, *Estudo preliminar* in «Obras de Don Ramon de Mesonero Romanos», t. 1.º, pp. XCI-XCII e *Sociedad, literatura y política en la España del siglo XIX*, Madrid, 1973, pp. 63-75, 179-80 e 238; E. CORREA CALDERON, *El costumbrismo en el siglo XIX*, in «Historia general de las literaturas hispánicas», t. 4.º, 2.ª p.º, Barcelona, 1957, pp. 245-47; MARGARIDA UCELAY DA CAL, *ob. cit.*, pp. 64, 77, 100.

(2) JOSÉ F. MONTESINOS, *ob. cit.*, p. 51; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, pp. 198-99 e E. CORREA CALDERON, *cit.*, in «Historia general de las literaturas hispánicas», t. 4.º, 2.ª p.º, p. 249.

(3) PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, pp. 323-24 e *Le mouvement romantique (Angleterre-Allemagne-Italie-France)*, pp. 70-73; GUY MICHAUD e PHILIPPE VAN TIEGHEM, *Le romantisme*, Paris, 1952, p. 65; EDMOND EGGI, *ob. cit.*, pp. 97-102; MAURICE SOURIAU, *De la convention dans la tragédie classique et dans le drame romantique*, Genève, 1970, pp. 88-89, 154-55, 169-71 e 202;

Ao lado do drama evocador do passado, histórico ou imaginário, surge num lugar mais modesto o drama contemporâneo que visa essencialmente a defesa de uma tese social ou moral, muitas vezes através do herói no seu protesto contra a sociedade, contra a moral burguesa na reivindicação dos direitos do amor. O romance ocupa também um lugar importante no movimento romântico, quer se trate do romance pessoal, autobiográfico, de protesto contra a sociedade e a moral, do romance de tese ou o romance de aventuras, exótico ou histórico. A novelística, quer no plano histórico, quer na sua dimensão social, readquire uma enorme importância e a crítica literária conheceu um notável esplendor com o romantismo (1).

## II. ROMANTISMO E POLÍTICA EM PORTUGAL

5. O romantismo apenas saía das faixas, na Inglaterra e na Alemanha, quando estalou a Revolução Francesa; só depois alcançou também a França (2). Em Portugal a sua influência foi tardia e surgiu

---

JORGE CAMPOS, *El movimiento romantico, la poesia y la novela*, in «Historia general de las literaturas hispánicas», t. 4.º, 2.ª pt.º, p. 174; FRANCISCO ESTEVE BARBA, *Historia de la cultura*, 1.ª ed., t. 4.º, 6.ª pt.º, Barcelona, 1955, pp. 1503-1505.

(1) MAURICE ALBERT, *La littérature française sous la révolution, l'empire et la restauration (1789-1830)*, Genève, 1970, p. 308; FÉLIX GAIFFE, *Le drame en France au XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1971, p. 554; GUY MICHAUD e PHILIPPE VAN TIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 161-69 e 174-76; RENÉ JOHANNET, *L'évolution du roman social au XIX<sup>e</sup> siècle*, Reims, 1909, reimpressão Slatkine Reprints, Genève, 1973, pp. 14-18; FRANCISCO ESTEVE BARBA, *ob. cit.*, 1.ª ed., t. 4.º, 6.ª pt.º, pp. 1507-1508; NARCISO ALONSO CORTÉS, *El teatro español en el siglo XIX*, in «Historia general de las literaturas hispánicas», t. 4.º, 2.ª pt.º, pp. 261-335; PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, pp. 421-37; RICARDO NAVAS-RUIZ, *ob. cit.*, pp. 75-108; ANTÓNIO CÂNDIDO, *Formação da literatura brasileira (monumentos decisivos)*, 4.ª ed., vol. 2.º, São Paulo, 1971, p. 319; EDMOND EGGLI, *ob. cit.*, p. 343; MAURICE SOURIAU, *ob. cit.*, pp. 288-94; PIERRE MOREAU, *La critique littéraire en France*, Paris, 1960, pp. 99-118.

(2) PAUL VAN TIEGHEM, *Le mouvement romantique*, pp. 23, 51-53 e 139, e *Le romantisme dans la littérature européenne*, pp. 121-22 e 160-61; FRANCISCO ESTEVE BARBA, *ob. cit.*, 1.ª ed., t. 4.º, 6.ª pt.º, pp. 1485-1508; EDMOND EGGLI, *Ledébat romantique en France 1813-1816*, Genève, 1972, pp. 12-18; GUY MICHAUD e PHILIPPE VAN TIEGHEM, *ob. cit.*, pp. 8-11; UMBERTO BOSCO, *Preromantismo e romantismo*, in «Questioni e correnti di storia letteraria», p. 621 e MAURICE ALBERT, *La littérature française sous la révolution, l'empire et la restauration (1789-1830)*, Genève, 1970, pp. 3-4.

paralelamente às vicissitudes da política interna, com especial relevo para as crises políticas de 1820 a 1842.

Às transformações sociais — como já sublinhou Teófilo Braga e Marx nos ensina — correspondem manifestações na arte e na literatura (1). As nações da Europa, na sua mutação política e social, tomaram consciência da dignidade humana e exprimiram o estado dos espíritos desligando-se das formas clássicas da literatura. Em Portugal, o movimento romântico fez-se sentir tardiamente, na opinião de Teófilo Braga, só após a revolução liberal de 1820, quando «a mocidade, à frente da qual surgiu Garrett, se sentiu inspirada pela liberdade» (2). O País vivera até lá — opina o historiador — na disciplina da imitação, que no caso era imitação das formas e processos literários legados pelos séculos XVI a XVIII. E assim, só «quando a Europa tivesse a nova compreensão das literaturas sob o seu aspecto nacional, em Portugal haveríamos de imitar o Romantismo» (3). É importante, no seu entender, o facto de em Portugal os escritores não receberem a sua inspiração de tradições nacionais, de não haver uma consciência de nacionalidade, quando o romantismo trazia consigo o despertar desse espírito nacional (4).

Consciente deste problema, também Sampaio Bruno, ao lamentar «a miséria moral da literatura portuguesa», afirma: «A revolução de 1820 chama à vida política uma nação entorpecida e a reacção que pôs no trono o infante D. Miguel acaba por prestar, mercê do desterro das grandes personalidades mentais da época, o serviço eminente de vazar na fornalha da renovação literária do romantismo as imaginações que, dentro de fronteiras, pelas dificuldades e delongas de comunicação com meios mais adiantados, se revolveriam longamente no isolamento chinês duma nacionalidade perdida no fim da Europa, dentro de fórmulas esgotadas» (5).

---

(1) THEOPHILO BRAGA, *Questões de litteratura e arte portugueza*, Lisboa, s.d., p. 382; KARL MARX, *Introduction à la critique de l'économie politique*, in «Contribution à la critique de l'économie politique», Paris, Éditions Sociales, 1972, pp. 174-75.

(2) THEOPHILO BRAGA, *Historia do romantismo em Portugal. Ideia geral do romantismo. Garrett — Herculano — Castilho*, Lisboa, 1880, p. 84.

(3) *Idem*, p. 85.

(4) *Idem*, p. 101 e *As modernas ideias da litteratura portugueza*, vol 1.º, Porto, 1892, p. 87.

(5) JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *A geração nova. Ensaio crítico. Os novellistas*, Porto, 1885, pp. 9-10.

O problema do romantismo insere-se, assim, no problema mais vasto da literatura portuguesa. Tal é também o pensar de Jorge de Sena: «Portugal tornado simultâneamente área periférica da sua própria cultura e da cultura europeia, não possuía as disponibilidades nem a independência cultural cuja centralidade passava a Inglaterra, a França e a Alemanha no século XVIII» (1).

6. O movimento romântico, solidário com a revolução liberal, inicia-se em Portugal com o regresso dos emigrados, de 1823 e 1828, simultaneamente intérpretes dos novos ideais políticos e dos novos ideais estéticos. A literatura portuguesa, dominada até então pelo arcadismo, viu-se renovada por uma geração consciente (não se discute agora até que ponto com ou sem justeza) de que em Portugal estava tudo por fazer e que nada poderia fazer-se sem reformas radicais (2).

Os temas, os géneros literários, as próprias ideias, são pela maior parte objectos de importação no romantismo português — mas isso não tira que as emigrações liberais de 1823-1834, a guerra civil com o miguelismo e a mudança das instituições políticas (e não só) o tivessem marcado com uma fisionomia particular. Assim o vemos nos seus chefes de fila, principalmente em Garrett e Herculano. Foi na emigração de 1823 e 1824 que Garrett observou a transformação do romantismo e achou a orientação do seu génio. E Alexandre Herculano pertenceu à emigração de 1829 e 1831. Os exílios e viagens dessa geração foram decisivos para os destinos das letras pátrias (3) — mas não explicaríamos só com Walter Scott, ou M.<sup>me</sup> Staël ou Chateaubriand na mão o perfil característico do romantismo português. É fundamental entrar em linha de conta com as incidências das lutas políticas e sociais

---

(1) JORGE DE SENA, *O romantismo*, in «O Tempo e o Modo. Revista de pensamento e acção», n.º 36, Março de 1966, p. 284.

(2) OFÉLIA MILHEIRO CALDAS PAIVA MONTEIRO, *A formação de Almeida Garrett. Experiência e criação*, vol. 1.º, Coimbra, 1971, Introdução, p. 9; ALBERTO FERREIRA, *Perspectiva do romantismo português (1834-1865)*, Lisboa, 1971, p. 49.

(3) Cfr. OFÉLIA MILHEIRO CALDAS PAIVA MONTEIRO, *ob. cit.*, vol. 1.º, p. 17; THEOPHILO BRAGA, *Historia do romantismo em Portugal. Ideia geral do romantismo. Garrett-Herculano-Castilho*, pp. 84-85, e *As modernas ideias da litteratura portugueza*, vol. 1.º, p. 64; GERD MOSER, *Les romantiques portugais et l'Allemagne*, Paris, 1939, p. 65; HERNÂNI CIDADE, *Século XIX. A revolução cultural em Portugal e alguns dos seus mestres*, Lisboa, 1961, pp. 8-9.

concretas e diferentes, com as polémicas literárias e culturais concretas e diferentes, com as frentes e contradições de classes concretas e diferentes, em que os românticos portugueses se viram envolvidos. O romantismo não nasceu em Portugal em meio contra-revolucionário, ou de busca de uma identidade nacional ou de sublimação de um ideal histórico. Formou-se e afirmou-se à ilharga da ideologia liberal, das suas polémicas e dos seus combates.

Sem esquecer o *Camões* e *D. Branca*, de Garrett, foi sobretudo depois da Revolução de Setembro de 1836 que a nova corrente literária ganhou verdadeiro impulso com *A Voz do Profeta* de Alexandre Herculano, as primeiras traduções de Walter Scott, os *Ciúmes do Bardo* e a *Noite do Castelo*, de Castilho. Por volta de 1840, saem obras primas como o *Frei Luís de Sousa*, *Eurico*, *o Presbítero* e *O Monge de Cister*.

É discutível a existência de uma baliza política para o início do romantismo. Alberto Ferreira é de opinião que o romantismo não constitui apenas um movimento literário; tal «como o Renascimento, mais parece um facto social, paidêutico, formativo e filosófico» e deve por isso situar-se dentro de um critério social e político (1). No seu entender, o romantismo, como «movimento literário autónomo», teria surgido no nosso país em 1834 e a sua dissolução verificar-se-ia à volta de 1860, «ou seja entre o definitivo triunfo da burguesia sobre as instituições monárquico-feudais e o triunfo da fracção burguesa liberal sobre o radicalismo da pequena burguesia....» (2).

As primeiras manifestações do movimento romântico denotam a preocupação da educação das massas burguesas — aspecto em que Garrett, mas não só ele, muito se distinguiu (3). Não denotam porém,

---

(1) ALBERTO FERREIRA, *Perspectiva do romantismo português* (1834-1865), Lisboa, 1971, pp. 44-45. E Jorge de Sena afirma: «A periodização estética, como parte específica da cultura não pode nem deve, evidentemente, ser separada da História social e da História geral» (*Para uma definição periodológica do romantismo português*, in «Estética do romantismo em Portugal», Lisboa, 1974, p. 67).

(2) ALBERTO FERREIRA, *ob. cit.*, p. 41.

(3) ALMEIDA GARRETT, *Tratado de educação*, in «Obras Completas», vol. 2.º, Lisboa, 1904, pp. 281-286; cfr. AUGUSTO DA COSTA DIAS, Introdução in ALMEIDA GARRETT, *Poemas libertinos — O roubo das sabinas*, Lisboa, 1968, p. LXXXII; ANDRÉE CRABBÉ ROCHA, *O teatro de Garrett*, 2.ª ed., Coimbra, 1954, p. 29; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *O romantismo em Portugal*, vol. 1.º, Lisboa, 1974, pp. 147-48 e nts. 32 e 33.

menos preocupações com a instrução popular e o lançamento de um jornalismo que desse ao público os conhecimentos necessários para a apreensão dos problemas políticos, sociais e económicos. A acção de Herculano, Castilho e vários outros têm aqui especial relevo (1).

Em Portugal, o romantismo não toma o carácter de revolução literária, isto é, de uma ruptura completa com o classicismo (2). Uma das suas correntes mostra-se interessada na Idade Média — e exemplo dela, é Herculano que explora essa época nos seus vários aspectos. Outra, contudo, mantém o contacto com o neoclassicismo. Garrett, não interessado nos problemas medievais, «o mais nacional de todos os poetas portugueses, depois de Camões» (3), restaurou a poesia popular tradicional (4). Castilho orienta-se, ainda em 1841, por uma meta clássica, afastando-se dos caminhos seguidos pela nova geração (5).

---

(1) ALEXANDRE HERCULANO, *Opusculos*, 2.<sup>a</sup> ed., t. 8.<sup>o</sup>, Lisboa, pp. 107-11; JÚLIO DE CASTILHO, *Memórias de Castilho*, 2.<sup>a</sup> ed., t. 6.<sup>o</sup>, Coimbra, 1933; ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO, *Metodo portuguez Castilho para o ensino do ler e escrever*, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1853. Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.<sup>o</sup>, pp. 145-46, nts. 24, 25 e 26. Veja-se também a selecção e introdução de FERNANDO CASTELO-BRANCO à *Correspondência pedagógica* de António Feliciano de Castilho, Lisboa, 1975; LUÍS ALBUQUERQUE, *Notas para a história do ensino em Portugal*, vol. 1.<sup>o</sup>, Coimbra, 1960, pp. 218-34; ALBERTO FERREIRA, *ob. cit.*, p. 50; GERD MOSER, *ob. cit.*, pp. 101-102.

(2) «Os mentores do romantismo português revelaram-se homens de bom senso, de alicerces clássicos, inimigos de excessos, sem propensão mística, sem alardes messiânicos» (JACINTO DO PRADO COELHO, *Romantismo*, in *loc. cit.*, 3.<sup>a</sup> ed., vol. 3.<sup>o</sup>, p. 964). Cfr. PAUL VAN TIEGHEM, *Le romantisme dans la littérature européenne*, pp. 191-92; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *O romantismo em Portugal*, vol. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, 1974, pp. 225-26. Veja-se sobre Garrett o valioso estudo de OFÉLIA MILHEIRO CALDAS PAIVA MONTEIRO, *A formação de Almeida Garrett. Experiência e criação*, vol. 2.<sup>o</sup>, Coimbra, 1971, pp. 173-201.

(3) FRANCISCO GOMES DE AMORIM, *Garrett. Memórias biographicas*, t. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, 1881, p. 42.

(4) ALMEIDA GARRETT, *Carta ao sr. Duarte Lessa*, que serviu de prefácio à 1.<sup>a</sup> edição de *Adozinda*, publicada em Londres em 1828, in «Obras Completas», vol. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, 1904, p. 332 b. Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.<sup>o</sup>, p. 246; GERD MOSER, *ob. cit.*, p. 97; OFÉLIA MILHEIRO CALDAS PAIVA MONTEIRO, *ob. cit.*, vol. 2.<sup>o</sup>, pp. 204-205 e ANDRÉE CRABBÉ ROCHA, *ob. cit.*, pp. 125-28.

(5) ALBERTO FERREIRA, *ob. cit.*, p. 112; GERD MOSER, *ob. cit.*, pp. 103 e 108; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.<sup>o</sup>, p. 229; ANTÓNIO SALGADO JUNIOR, *António Feliciano de Castilho*, in «Dicionário de literatura...», *cit.*, 3.<sup>a</sup> ed., vol. 1.<sup>o</sup>, p. 163, e, com o mesmo título, in «Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX», vol. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, 1947, pp. 54, 59.

O movimento romântico, «resultado de uma situação histórica», insere em si os que combinam as características classicistas e as formas novas do romantismo (1).

O movimento romântico, a par de um historicismo que muitas vezes desviou os escritores da realidade contemporânea, e de uma abundante produção lírica, revelou-se também através da (embora frouxa) crítica literária. Como escreve Vitorino Nemésio, «a literatura portuguesa tem fraca consciência crítica.... A crítica, porém, como exercício literário aturado, não passou de uma espécie de erudição e de impressionismo folhetinesco nos rapazes oratórios de 1840 a 1850» (2). A crítica, à escala literária, revela-se hesitante em Garrett e Herculano; só pode dizer-se institucionalizada com a *Revista Contemporânea de Portugal e Brazil* (3). O legado do romantismo é, no entanto, largamente positivo: recuperou o atraso cultural do país, abriu novas perspectivas pela influência europeia, avivou a consciência da individualidade nacional, fez aparecer a novelística que teve em Camilo o melhor intérprete; restaurou o teatro, que recebeu de Garrett um valoroso contributo. É também nesta época que o jornalismo vai ter uma fase brilhante, surgindo como meio de comunicação com o público.

7. A «revolução» literária desenvolveu-se paralelamente (o que não quer dizer, necessariamente, em concordância) com a «revolução» política e social.

Sob o governo cabralista, a tendência para o monopolismo partidário, as limitações impostas à imprensa, o apoio ao clero e à alta finança, o esforço de recuperação das remanescências aristocráticas e da burguesia rural, desencadearam processos conflituivos desfavoráveis à superação da crise económica e social em que o País vinha a debater-se. Não só não se chegava à gestação de uma base social (estável) de apoio a uma política liberal-burguesa, mas tão pouco se chegava à definição

---

(1) ALBERTO FERREIRA, *ob. cit.*, p. 79; cfr. GERD MOSER, *ob. cit.*, p. 97 e JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol 1.º, pp. 224-31.

(2) VITORINO NEMÉSIO, *Prefácio* in MONIZ BARRETO, *Ensaio de crítica. Garrett. Herculano. Camilo. Júlio Dinis. João de Deus. Antero. Eça. Oliveira Martins. Shakespeare. Taine. Brunetière. Bourget*, Lisboa, 1944, pp. IX e XI. Cfr. MONIZ BARRETO, *A literatura portuguesa no século XIX*, 2.ª ed., Lisboa, s.d., p. 73.

(3) JACINTO DO PRADO COELHO, *Crítica literária*, in «Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária», 3.ª ed., vol. 1.º, p. 233.

estrutural da ideologia da nova frente de classes hegemónicas. É neste beco que nos apanha o movimento europeu de 1848. O seu reflexo fez surgir entre nós uma literatura de protesto social, de influência nitidamente francesa. Os textos dos grandes romancistas como Victor Hugo, Eugène Sue, Balzac, George Sand, Lamartine e as ideias dos mentores da revolução social, como Saint-Simon, Fourier, Louis Blanc, Proudhon, ecoam amplamente em Portugal.

O conhecimento dos conflitos aqui verificados entre 1836 e 1849 (1) é inseparável da inteligência das mutações verificadas na literatura portuguesa. As confrontações já durante o período da guerra civil, entre a facção vintista e a ala da burguesia liberal, recrudesceram, política e socialmente, na insurreição, de carácter agrário (mas não só) da Maria da Fonte ampliada depois pela participação do partido setembrista, na mó de baixo sob o constitucionalismo cartista e a ditadura de Cabral. Com a derrota da Patuleia, morreu também a ideia revolucionária liberal. As circunstâncias só deixavam margem para o «status quo» que abafava o crescimento do radicalismo ou para a luta contra ele através do socialismo utópico. Em esboço desde 1847 é um facto consumado desde 1850 a linha política favorável ao compromisso entre as tendências conservadoras do cabralismo e as correntes liberais da tradição constitucional (2).

Assinou-se em 29 de Junho de 1847 a Convenção do Gramido. E essa assinatura se não foi ainda o epitáfio, foi já o túmulo do setembrismo e das contradições das velhas e novas classes hegemónicas que desde os princípios do século vinham a produzir a desagregação do estado e bloqueavam uma normalidade da vida política. A fusão de classes — a média e baixa nobreza, por um lado, a média e alta burguesia, por outro — consumou-se então, implantando derradeiramente

---

(1) «Entretanto, em 1844 e em 1846-48 o País fora agitado por revoltas sangrentas. Toda a gente parecia erguer-se contra Costa Cabral — e em 1843 um jovem, que se tornará um brilhante folhetinista e virá a ser militante socialista cerca de 1850, ousava já dirigir-se aos soldados do ditador para lhes lembrar que a sua causa era a do povo e não a dos tiranos» (JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.º, pp. 178-79).

(2) Cfr. VICTOR DE SÁ, *A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*, Lisboa, 1969, pp. 271-302; ALBERTO FERREIRA, *ob. cit.*, pp. 158-61; OLIVEIRA MARTINS, *Portugal contemporâneo*, vol. 3.º, Lisboa, 1953, pp. 49-154; JOEL SERRÃO, *Temas oitocentistas — II. Para a história de Portugal no século passado*, Lisboa, 1962, pp. 251-52.

uma hegemonia política e social (sobre cultural) e tornando possível a estruturação de partidos políticos também duradouros e hegemónicos. Ficaram de fora, é certo, desta fusão de classes e frentes de classes os estratos inferiores (numerosos) da burguesia e o incipiente proletariado. A respectiva factura política, deixando margem para a acção do partido republicano, só mais tarde poderia ser apresentada.

A regeneração trouxe consigo o programa dos melhoramentos materiais e reavivou as esperanças políticas de Herculano, Garrett, José Estêvão e muitos outros. Não deixou, contudo, de trazer também, no plano nacional, o aumento da corrupção administrativa e o entorse dos ideais liberais. O seu programa correspondia ao da frente das velhas e novas classes hegemónicas. E o sistema parlamentar, se permitia o controle da administração pública na perspectiva dos interesses dominantes de classes ou fracções de classes, deixava ao mesmo tempo livre curso à centralização administrativa, fazendo do sistema constitucional, como escreve Teófilo Braga, «um pacto transitório entre o absolutismo do século XVIII e a democracia do século XIX» (1).

A regeneração correspondeu aos anseios de alguns veteranos das batalhas travadas em prol do liberalismo. O seu exemplo mais acabado é Rodrigo da Fonseca Magalhães. Esses homens, vindos muitos deles da época de 1820, tinham assistido aos fracassos das experiências feitas pelos ideólogos radicais da época do vintismo e do setembrismo. Observando o país e as classes, a sociedade e o estado, compreenderam que não era possível a paz e o progresso em liberdade com a hegemonia dos estratos burgueses ideologicamente radicais ou até com a hegemonia só da burguesia. Impunha-se uma política de conciliação (fusão) de fracções de classes, se se pretendia restaurar o estado e, com a sua restauração, tornar possível uma «ordem social» estável, apoiada na sociedade civil (para usarmos a terminologia de Gramsci), dirigida por civis e enfrentando os seus problemas pelos meios civis.

A solução encontrou contraditores e críticos. Um deles foi Henriques Nogueira, o doutrinário de uma oposição ideologicamente apon-tada para um socialismo à portuguesa (2). No seu pensamento, com

---

(1) THEOPHILO BRAGA, *Soluções positivas da política portuguesa*, vol. 2.º, Porto, 1912, p. 17.

(2) JOSÉ ESTEVES PEREIRA, *Henriques Nogueira e a conjuntura portuguesa 1846-1851*, separata da «Revista de História das Ideias», vol. 1.º, Coimbra, 1976, pp. 7-20.

a originalidade que o caracteriza, não cabia (como aliás no de outros socialistas, com ou sem essa originalidade), o esquema, mais do que teórico, pragmático, da regeneração. Diz-nos, com efeito, este escritor: «Havia contudo um período de transição a passar. O velho absolutismo insustentável à face da ilustração do século XIX, cõnscio da sua fraqueza como princípio e como facto, sitiado nos seus últimos redutos pelas forças sempre crescentes da opinião, tentou rodear-se de instituições mais ou menos populares. Nasceu deste pensamento, não sem grave luta em alguns países, o governo das monarquias mistas, chamado constitucional. Complexo monstruoso e antinómico de poderes...., tem conseguido manter o predomínio tirânico abusivo e imoral dos elementos monárquicos e aristocráticos sobre os interesses da quase totalidade dos cidadãos» (1).

A sucessão dos ministérios, a instabilidade económica originada na especulação que enriquecia os prestamistas do estado e os grandes proprietários agrícolas, a democracia social ferida pelo sistema constitucional, geram o estado de corrupção política portuguesa. É na luta anticabralista, sob a influência da revolução de 1848, baseada no princípio da associação e nas ideias proudhonianas, que a geração nova dentro do quadro político-social que esboçámos vai proclamar os seus ideais. «O aparecimento da falange de escritores progressistas no trânsito para a segunda metade do século é a consequência lógica do processo histórico nacional, no mesmo passo que reflecte a eficácia do catalítico social e político que circulou em toda a Europa com as revoluções de 1848» (2).

Os interesses tutelados pela regeneração, como já antes pelo cabralismo e até pelos governos saídos da guerra civil, eram fundamentalmente os de grupos restritos da população portuguesa. Uma grande parte da média burguesia comercial e industrial tinha o estatuto dos grupos sociais esquecidos dentro do regime; a pequena burguesia (a de estado e a agrícola incluídas) era como se não existisse; e o proletariado quer o da indústria, quer o do comércio e dos serviços, quer o da própria função pública, só estava presente na mente dos políticos e nas preocupações dos partidos como instrumentos ou objectos de produção ou de distribuição dos bens, isto é, de uma forma perfeita-

(1) JOSÉ FÉLIX HENRIQUES NOGUEIRA, *Estudos sobre a Reforma em Portugal*, Coimbra, 1923, p. 6.

(2) ALBERTO FERREIRA, *ob. cit.*, p. 158.

mente coisificada. Era natural, nestas condições, que os intelectuais e outros elementos mais esclarecidos se refugiasssem na utopia como forma de oposição à ordem estabelecida.

Nasceu, de facto, com a própria regeneração a imprensa periódica destinada ao operariado. Assim, António Pedro Lopes de Mendonça e Sousa Brandão fundaram o *Ecco dos Operarios* em 1850. No mesmo ano publica-se no Porto *A Esmeralda* com a colaboração de Coelho Lousada, Custódio José Vieira, Arnaldo Gama. E aparece, enfim, *A Peninsula*, também do Porto, com os mesmos colaboradores e ainda Amorim Viana (1). Os panfletos e jornais de inspiração socialista, discutindo os problemas políticos, económicos e sociais tiveram um papel de peso nas revoluções governamentais referentes à questão dos morgadios, aos monopólios (como do tabaco), à pena de morte, à escravatura. Na respectiva polémica destacaram-se intelectuais como Amorim Viana, Henriques Nogueira e Oliveira Pinto.

### III. MENDONÇA NO ROMANTISMO PORTUGUÊS

8. Foram apreciáveis as transmutações operadas na literatura pelo choque ideológico de 1848. O próprio Lopes de Mendonça assinala o facto: «Não é necessário ser grande profeta para derivar desta agitação intelectual, que se observa no mundo moderno, os sintomas de uma renovação social. Este combate .... contra as ideias e as pretensões, contra as instituições e doutrinas, que fundamentam a ordem social, tal qual existe, não manifesta, nem exprime senão uma dessas evoluções políticas, que têm de modificar a poesia e o século» (2). Perpassando os olhos pela literatura portuguesa, o ensaísta aponta para o seu estado de adormecimento e decadência (3). No seu entender, não eram as academias nem outras sociedades literárias que poderiam

(1) VICTOR DE SÁ, *Perspectivas do século XIX. Ensaios*, Lisboa, 1964, p. 69; JOSÉ TENGARRINHA, *História da imprensa portuguesa*, Lisboa, 1965, p. 174.

(2) ANTÓNIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1855, Appendice, p. 28.

(3) «.... a literatura depois de ter produzido os *Luziadas*, vegetava apodrecida nos *gongorismos* do conde de Ericeira, e apenas se elevava nas obras de um jesuíta — o padre António Vieira (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Ensaios de critica e litteratura*, Lisboa, Typ. da Revolução de Setembro, 1849, p. 14 e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 11-12).

fazer surgir novos talentos e enriquecê-los, pois, na sua opinião, «as arcádias eram menos templos do que hospitais das letras» (1). O marasmo literário tinha-se acentuado com o regime absolutista; numa sociedade «frívola, descuidosa e ignorante», a literatura não podia ser intérprete de ideais, sentimentos e paixões que estavam adormecidos, como também a poesia vivia sem ideias, à imagem do governo que governava, sem aspirações. É assim que Lopes de Mendonça define o período demarcado entre a morte do Marquês de Pombal e a revolução de 1820: «a sociedade dormira uma longa sesta.... o estado de entorpecimento e de atonia em que se conservava a sociedade portuguesa [era grande].... A literatura era exactamente o retrato do absolutismo» (2). Esta esterilidade social, que afectava o mundo das letras, era extremamente nociva à língua: «A imutabilidade da língua é impossível numa sociedade que se transforma: ela há-de corrigir-se, embelezar-se, crescer nas tradições e nos monumentos literários, não pode sem atraioçar a época e falsear a arte, limitar-se a uma imitação servil e inglória» (3). Lopes de Mendonça acusa essas imitações servis que, no fundo, eram o verdadeiro perigo e a causa da degeneração dos talentos. Mas essas imitações faziam-se dado o estado de adormecimento no campo literário, na poesia, na linguística. E porquê? Interrogando-se sobre a situação crítica da realidade portuguesa no domínio das letras, o ensaísta conclui: «Para que o talento ardentemente se inspire, precisam-se de comoções grandiosas, desses abalos que transtornam o mundo, imprimindo à inteligência uma decidida energia» (4). É nesta linha de pensamento que, ao analisar a revolução liberal e as suas repercussões, Mendonça não hesita em afirmar que a influência literária do vintismo não foi menos decisiva do que a transformação social que se operou. É num contexto de liberdade «de liberdade ampla e completa.... que se desenvolvem as vocações e se criam as literaturas»; por isso mesmo, a revolução de 1820 trazia consigo o despertar da literatura e da poesia, arrancando-as ao letargo em que jaziam. É neste ambiente de liberdade que Garrett escreve o seu *Catão*, que «mais do que um belo

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 51.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A litteratura e a sociedade em Portugal*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3957, 24-VI-1855, p. 1, col. 3 e p. 2, col. 1.

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1929, 18-VIII-1848, p. 1, col. 2; *Ensaio de critica e litteratura*, p. 100 e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 225-26.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 21.

trabalho literário, é um grande sintoma de regeneração social» (1). É sobretudo a partir de 1839 que, no entender de Mendonça, se «marca eficazmente uma evolução literária que, desde então até hoje, tem despertado a vocação de tantos notáveis escritores» (2). Pensa que, até Garrett, a literatura portuguesa não fora nem nacional nem popular (3). Com ele, Herculano, Oliveira Marreca e outros, o romantismo constituiu-se como movimento literário autónomo.

Pela idade e pelas posições, o autor fazia parte da chamada geração nova, que ele classifica de geração fecunda. Constituíram-na Mendes Leal, Luís Augusto Palmeirim, Andrade Corvo, António de Serpa, José Freire de Serpa e outros — toda uma «mocidade vinculada à salvação da pátria, onde contemplamos os poderosos sintomas de uma renovação social e política» (4). O papel da nova geração foi salvar o país do adormecimento, e o povo da indiferença.

Ao encontro desta necessidade, surge *O Trovador* que «nasceu da convivência intelectual de alguns mancebos esperançosos.... É de 1841 que data esta cruzada contra a preguiçosa indolência, que esterilizava mais férteis talentos» (5). *O Trovador*, com a colabora-

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A litteratura e a sociedade em Portugal*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3957, 24-VI-1855, p. 2, col. 2.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 235.

(3) «... as litteraturas .... não podem sustentar-se do passado, existem sobretudo pelo movimento das coisas presentes e pelas aspirações grandiosas do futuro» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Ensaio de critica e litteratura*, pp. 14-15). Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *O romantismo em Portugal. Estudo de factos socioculturais*, vol. 2.º, Lisboa, 1974, p. 457. É evidente que Lopes de Mendonça não rejeita totalmente o papel e o peso de tradição na litteratura, pelo contrário, ele afirma: «Respeitamos mais do que ninguém as tradições que engrandecem as nacionalidades e lhes concedem a sacrossanta legitimidade do tempo....» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 10). Acerca de Garrett escreve: «Um espirituoso folhetinista, disse do sr. Garrett que não era um literato, era uma litteratura: nós diremos mais, não é um homem, é uma nacionalidade que ressuscita» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade* in «A Revolução de Setembro», n.º 1906, 21-VII-1848, p. 1, col. 2, *Ensaio de critica e litteratura*, p. 36 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 77).

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade* in «A Revolução de Setembro», n.º 1900, 14-VII-1848, p. 2, col. 1; *Ensaio de critica e litteratura*, p. 6.

(5) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade. O Trovador. Collecção de poesias contemporaneas*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1983, 20-X-1848, p. 1, col. 1, *Ensaio de critica e litteratura*, p. 173 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 245.

ção de João de Lemos, José Freire, Rodrigues Cordeiro, Augusto Gonçalves Lima, Couto Monteiro e outros, radicava o lirismo, o romantismo sentimentalista da geração de 1840 (1). Não formulando uma acusação, Lopes de Mendonça aponta um defeito a *O Trovador*: o facto de se limitar demasiado aos sentimentos individuais. À excepção de João de Lemos e Rodrigues Cordeiro aqueles poetas não tratavam ainda das grandes questões que revolviam a humanidade, o seu campo não se alargava à vida social; continuavam a cantar o amor, a mulher, as «pieguices» sentimentais que, na sua opinião, conduziam à monotonia, à repetição. «Esta situação, na poesia nascente, à irrevogável e fatal» — afirma o ensaísta. O autor das *Memorias dum doido* mostra-se receoso pelo futuro da poesia apontando para o perigo da degenerescência da literatura, que ameaçava torná-la «piegas e choramingas» (2). Acha aí o risco do «subjectivismo melancólico» que se patenteia em Pinto Ribeiro, Soares de Passos e João de Lemos (3). Tem assim a clara noção de que os poetas, continuando a traduzir «bem ou mal essas impressões pungentes não intentarão apenas o trabalho inglório da imitação romanesca, da banalidade sentimental, da literatura reflexo» (4). O que se torna necessário é que o poeta não pode — não deve — circunscrever-se a esse sentimentalismo individual mas alargar o seu horizonte e debruçar-se sobre os problemas sociais. Se o lirismo pode absorver uma parte da vida do poeta, também este há-de encontrar-se com os princípios activos do seu século, e meditá-los (5). Nenhum

(1) À excepção de alguns «... os poetas cantam apenas a virgindade das suas comoções, em face da natureza, e dos seus íntimos desejos. É o eterno tema do amor... panteísmo do sentimento onde a idealidade às vezes se perde ...» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*..., in «A Revolução de Setembro», n.º 1983, 20-X-1848, p. 1, col. 2, *Ensaios de critica e litteratura*, p. 175 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 246).

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 1.

(3) ALBERTO FERREIRA, *Perspectiva do romantismo português (1834-1865)*, Lisboa, 1971, p. 130.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *ob. cit.*, p. 2.

(5) «A lírica é um sintoma de renovação social... o lirismo é, por conseguinte, uma forma essencial de toda a transformação civilizadora .... A poesia pode decerto percorrer o ciclo das emoções individuais, mas tem de tomar parte no movimento revolucionário, e de inspirar-se nas ideias que tentam reconstruir, compor de novo — a sociedade moderna» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1919, 5-VIII-1848, p. 1, col. 3 e p. 2, col. 3, e n.º 2003, 14-XI-1848, p. 1, col. 3, *Ensaios de critica e litteratura*, pp. 86, 90, 194-95, e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 218, 221 e 256).

poeta poderá viver independente da sua época ou divorciar-se dela impunemente (1). No seu juízo, a apreciação do poeta e da poesia tem de ser feita no enquadramento do contexto da época em que ele vive (2).

A seu critério (e citando Lerminier), a poesia tem um duplo suporte: a linguagem universal e o idioma nacional. Mendonça entende que a poesia deve tornar-se popular, isto é, deve ir ao encontro das tendências e dos desejos do povo, precavendo, naturalmente, os poetas dos perigos com que podem defrontar-se e, por isso, aconselha: «Não abduquem o ideal nas mãos do vulgo: chamem o vulgo à compreensão do ideal — à apreciação raciocinada da arte» (3). Se por exemplo a poesia não vive — não pode viver — independente do movimento social, e, por outro lado, o seu carácter essencial deve ser o da popularidade, ela será tanto mais fecunda quanto mais se enraizou no solo pátrio (4). É evidente que Lopes de Mendonça tinha plena consciência da realidade político-social portuguesa e das dificuldades que ela criava aos poetas e, conseqüentemente, à própria poesia: «Poderá ela tornar-se épica e cantar as evoluções das minorias e maiorias, os assoprados discursos dos oradores parlamentares, as farsas mais ou menos corruptas do governo representativo? Poderá ela pedir inspirações à indústria...? .... Há-de também numa sociedade materialista e cobiçosa extasiar-se.... e revelar ao mundo o mistério de poéticos amores, quando o casamento

---

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Pedro de Mello — II. Ao pé da cruz a tentação*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1676, 6-X-1847, p. 1, cols. 1-2; *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1963, 27-IX-1847, p. 1, col. 1; 2003, 14-XI-1848, p. 1, col. 3; *A crítica e o drama — Affronta por affronta*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2029, 13-XII-1848, p. 1, col. 2 e *Ensaio de crítica e litteratura*, pp. 131, 194-95, 225-27 e 331.

(2) «Para apreciar a poesia e os poetas é força considerar o tempo em que eles vivem, as ideias a que eles inevitavelmente hão-de prestar homenagem, as dificuldades que eles não podem repudiar, pela mera energia da sua vontade» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 4).

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade* in «A Revolução de Setembro», n.º 1951, 13-IX-1848, p. 1, col. 2; *Ensaio de crítica e litteratura*, p. 122.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade* in «A Revolução de Setembro», n.º 1933, 23-VIII-1848, p. 1, cols. 1-2; e *Estudos de crítica e litteratura*, pp. 109-111; cfr. *Juizo critico* ao livro de LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM, *Poesias*, 1.ª ed., Lisboa, 1851, pp. 425-27, na 2.ª edição, pp. 303-305. Este *Juizo* foi extraído do cap. X, pp. 109-119 dos *Ensaio de crítica e litteratura*, segundo nota do editor (das *Poesias*). Cfr. também *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 266.

é um contrato comercial, um dos aspectos da avidez humana?» (1). Vemos o nosso ensaísta defender uma poesia intimista em que o poeta, decepcionado com o mundo que o rodeia, não encontrando nele «nem os esplendores de grandeza, nem o viço dum culto generoso, nem as ilusões de uma crença profunda, inventa, idealiza um outro mundo....» (2). E mais tardiamente acrescenta: «O desgosto da vida, a fúnebre e angustiosa amargura que devora certas organizações não aparecerá de novo no peito destas gerações que despontam agora?» (3). Para ele, no entanto, a poesia tinha um lugar de destaque: «... [ela] penetra em tudo, modifica e adoça tudo» (4).

Fazendo uma análise crítica a «outro aspecto da poesia» — o drama — considera-o a forma mais directamente influente sobre a sociedade. Antolha-se ao ensaísta como uma das faces da liberdade do pensamento, sobretudo porque se presta a todas as necessidades da democracia (5). Na sua opinião, este género literário não podia ter

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 4-5. O protesto contra a degeneração da poesia, contra a invasão de traduções ignaras na imprensa, contra «o espírito mercantil que se insinua artificialmente nos espíritos incautos e desprevenidos», o receio de que «o demónio do industrialismo se aposses do mundo literário», estão já patentes no artigo que Mendonça havia publicado cinco anos antes (*Admiram-se de que a vida....*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2392, 9-III-1850, pp. 1-2).

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1900, 14-VII-1848, p. 2, col. 2.

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 2. Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *O romantismo em Portugal*, vol. 4.º, Lisboa, 1974, p. 726.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A litteratura e a sociedade em Portugal*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3947, 10-VI-1855, p. 1, col. 2.

(5) «O drama é a acção, o drama é a expressão do movimento individual, das suas paixões, dos seus sentimentos, da combinação da sua vida íntima, com a sociedade aonde nasceu .... Forma perfeitamente acomodada ao progressivo desenvolvimento da liberdade e à invasão sempre crescente das ideias democráticas, o drama tende dia a dia conquistar maior terreno na literatura e absorver para si quase toda a actividade do talento poético» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1910, 26-VII-1848, p. 1, col. 1 e 1913, 29-VII-1848, p. 1, col. 3, *Ensaio de critica e litteratura*, pp. 55 e 70 e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 176 e 161). Partindo destes conceitos, critica Victor Hugo que, considerando o drama como a forma mais expressiva da literatura moderna (*Cromwell*, Préface, pp. 28-34), não soube aferi-la pela história, isto é, tendo em conta a análise minuciosa das transformações sociais.

florescido nos «tempos adormecidos do absolutismo» em que os moldes rígidos de uma sociedade cortesã e a divisão em corporações e grupos das outras classes, não inspiravam essa ideia de acção e movimento que dá o ser ao género-drama. A mesma esterilidade literária, o adormecimento dos talentos originavam essa incapacidade de assimilação do drama cuja índole exigia a interligação ou o antagonismo das paixões individuais e da vida social. É assim que Mendonça analisa a importância do drama na Inglaterra em contraste com o que se passava em França e na Península Ibérica: «... é que a sociedade [inglesa] fora profundamente abalada, é que a monarquia absoluta não adquiriu nunca... a imobilidade da etiqueta, o tipo inflexível de uma existência sem contraste e sem acção» (1). Entre nós — afirma o ensaísta — o drama nasce no século XIX e tem em Garrett o seu máximo representante (2).

Para Lopes de Mendonça o teatro tivera, quer na Península Ibérica, quer em muitos mais países, uma origem clerical. Era natural que os dramaturgos, sujeitos a essa jurisdição eclesiástica, produzissem essencialmente obras de carácter místico (3). O autor das *Memorias dum doido* tem plena consciência da importância social do teatro, do seu papel de «educador e protector das turbas» e não raras vezes o vemos lançar um apelo ao governo no sentido de proteger e incrementar o teatro português (4). Mas a acção dos governos seria improficua

---

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1910, 26-VII-1848, p. 1, col. 2, *Estudos de critica e litteratura*, p. 56 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 177.

(2) «O Gil Vicente, o Alfageme, o Frei Luiz de Souza são as glórias, e os fundamentos do nosso teatro moderno» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1910, 26-VII-1848, p. 2, col. 3, *Ensaio de critica e litteratura*, p. 65 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 181). Aquando da morte de Garrett, Mendonça afirmava: «Perda irreparável para a época em que vocações intellectuais se desvairam nos conflitos da vida militante e activa, em que vozes inspiradas se extinguem uma após outra no ruído de um século que hesita perante os problemas do seu próprio destino» (*Acabamos de acompanhar ao jazigo....*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3803, 12-XII-1854, p. 1).

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 197-99.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A reforma dramatica*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1602, 18-IX-1846, pp. 1-3, *O Theatro* in «A Revolução de Setembro», n.º 1669, 28-IX-1847, p. 2, *O Theatro português*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1693, 26-X-1847, pp. 1-2, *A poesia e a mocidade* in «A Revolução de

se a nova geração não se preocupasse com a renovação dramática, e conseguiu-lo-ia «prescrutando o movimento íntimo da sociedade no meio do adormecimento das classes superiores, avaliados os segredos das nossas vitórias na guerra com os espanhóis.... interrogando as tradições.... revolvendo com curiosa penetração todo esse depósito de arquivos....» (1). Esta preocupação de fazer voltar o teatro para as realidades sociais vai ao encontro do pensamento de Herculano quando, em 1842, apelava para os jovens escritores, incitando-os a «estudar o mundo que os rodeava» (2). Assim Mendes Leal em 1849 publicava a sua obra *Pedro* pretendendo já apresentar um «drama de actualidade».

Ultrapassando já o «drama histórico», Mendes Leal «o primeiro da geração nova que acudiu ao brado da poesia dramática», enceta uma nova face do drama, pintando a sociedade, sob a influência da «musa francesa» (3). Também Ernesto Biester, seu cunhado, envereda pelo mesmo caminho, isto é, apontando já para um certo «realismo» e também sob a influência francesa. Na crítica literária que lhe faz Mendonça, este escritor afirma: «A literatura dramática modernamente há-de forçosamente aceitar o influxo da escola francesa, e os autores que quiserem descrever a sociedade, idealizando e elevando a sua perspectiva, hão-de seguramente reproduzir as cores com que se revela em outros países» (4).

---

Septembro», n.º 1971, 6-X-1848, p. 2, col. 3, *Ensaios de critica e litteratura*, p. 171 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 213. Este objectivo e as mesmas preocupações tinham animado já o espirito de Garrett. Veja-se TEÓFILO BRAGA, *Garrett e os dramas românticos*, Porto, 1905, pp. 30-31, 133-42, 166-73 e 237-57; ANDRÉE CRABBÉ ROCHA, *O teatro de Garrett*, 2.ª ed., Coimbra, 1854, pp. 222-23; MARIA ARMINDA ZALUAR NUNES, *Garrett, dramaturgo e poeta*, separata da revista «Palestra», n.º 19, s.l. e s.d..

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1971, 6-X-1848, p. 2, col. 3, *Ensaios de critica e litteratura*, p. 170 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 196.

(2) Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *O romantismo em Portugal. Estudo de factos socioculturais*, vol. 4.º, Lisboa, 1974, p. 752.

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1913, 29-VII-1848, p. 2, col. 2, *Ensaios de critica e litteratura*, pp. 73-74 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 162. Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 4.º, pp. 751-54.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Critica litteraria* ao livro de ERNESTO BIESTER, *Um quadro da vida. Drama em 5 actos*, Lisboa, 1855, p. 174.

Verificamos que o ensaísta, perante o fenómeno literário, tem em conta a acção recíproca da literatura sobre a sociedade e da sociedade sobre a literatura, embora não deixe de reconhecer o carácter específico desta última, por si mesma uma forma independente e complexa, liberta de certas tendências do século (1).

9. A par de uma renovação literária, os homens da geração de 1850 anseiam pela renovação social. Daí os ideais socialistas de muitos deles.

O poeta traduz os problemas humanos e sociais através das formas sentimentalistas, à imagem de Chateaubriand e Lamartine. O romântico invoca também a inspiração divina e um certo misticismo penetra a alma do poeta. Vemos já a influência destes escritores franceses em Garrett e Herculano (2). Lopes de Mendonça não foi de maneira alguma indiferente a esse culto do «maravilhoso cristão» e referindo-se especificamente a Lamartine, salienta o seu amor pelo divino: «filho da natureza..., fervido cristão num século de impiedade corrigindo as impetuosas explosões da sua organização apaixonada pela fé evangélica na infinita onipotência do Criador...» (3). Também no nosso ensaísta é visível a sensibilidade a um cristianismo, mas um cristianismo esclarecido, de «origem democrática», inspirador do direito social no protesto contra a injustiça e na apologia dos ideais de igualdade e fraternidade (4).

---

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Theatro de D. Maria II. Adelaide — Drama em 6 quadros*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1595, 10-IX-1946, pp. 1-2, *Esboço crítico* do livro de JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR, *Os homens de marmore. Drama em cinco actos*, 1.ª ed., Lisboa, 1854, p. 125 e na 2.ª ed., Lisboa, 1862, p. 81, *A litteratura e a sociedade em Portugal*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3947, 10-VI-1855, pp. 1-2 e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 169-70. Cfr. RAINER HESS, *Die Anfänge der modernen lyrik in Portugal 1865-1890*, Munique, 1978, p. 17.

(2) VITORINO NEMÉSIO, *Relações francesas do romantismo português*, in «Cursos e conferências», vol. 3.º, in «Boletim da Biblioteca da Universidade», Coimbra, 1936, pp. 46-55 e 60-65; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.º, pp. 213-14; OFÉLIA MILHEIRO CALDAS PAIVA MONTEIRO, *ob. cit.*, vol. 1.º, p. 309; MARGARIDA MARIA MOREIRA PEREIRA, *Contribuição para o estudo da influência de Lamartine na poesia do século XIX*, dissertação de licenciatura, policopiada, Coimbra, 1953, pp. 55-61;

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 6.

(4) «Eu acredito no cristianismo .... dele há-de derivar a emancipação do homem» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Critica litteraria. A Virgem da Polonia = pelo*

A decepção sentida pelo autor após a derrota da Patuleia e o surto efêmero da revolução em França, se lhe fez sentir o cansaço dessa paz e ordem, para ele fictícias (1), não o fez desistir do seu intento. Lopes de Mendonça desejava uma profunda revolução literária — mas desejava-a também no plano político e social (2). Trata-se de uma revolução que prepare os espíritos, pois dela resultavam os progressos da ciência, da literatura, da civilização, a autêntica regeneração que levava à instauração da democracia e do socialismo (3). Do ponto de vista da teoria da história, a análise é tipicamente idealista, não evocando sequer remotamente o materialismo de Marx.

O romantismo da primeira geração é, como vimos, caracterizado por esse lirismo sentimentalista que permanece ainda com o aparecimento das tendências socialistas em florescimento no nosso país em meados do século XIX. Essa primeira geração é essencialmente de extracção burguesa, mas os poetas que se seguiram a Garrett e Herculano não sustentaram já, qualquer que fosse a sua origem de classe, o entusiasmo dos predecessores pela revolução burguesa.

A evolução política portuguesa deixava muitos espíritos decepcionados e Lopes de Mendonça, defensor de ideais socialistas, um teórico ultra romântico, enveredando no sentido do romance intimista, não era de maneira alguma indiferente a todo o processo da realidade portuguesa. Comprovam-no a seguinte passagem: «A revolução popular de 1847 fora sufocada por esse último crime da Santa Aliança. Os espíritos caíram na modorra de que havia de sair, com Rodrigo da Fonseca, a sistematização cínica do cepticismo político, a que chamou regenera-

---

*conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1695, 28-X-1847, p. 1, col. 3). Dois anos mais tarde escreve: «A religião bem entendida não pode levar o povo senão ao uso pleno e inteiro da soberania», *O tempo, ha alguns dias,....*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2169, 9-VI-1849, p. 1, col. 2. Noutro ponto refere ainda: «O cristianismo é de origem democrática, os seus princípios morais são o ideal de todo o governo livre» (*Prologo* ao livro de LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM, *Poesias*, 1.ª ed., p. XV, na 2.ª ed., p. XI). Estes mesmos princípios estão ainda patentes nas *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 24-25.

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Estamos no fim do anno....*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2336, 29-XII-1849, p. 1, col. 1.

(2) Veja-se o nosso artigo *Conflitos ideológicos do século XIX. O problema paulal*, separata da «Revista de História das Ideias», vol. 1.º, Coimbra, 1976, pp. 40-44.

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Aproxima-se a Semana Santa....*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2404, 23-III-1850, p. 1, cols. 1-2.

ção. A perda de esperança, a demoníaca certeza do aborto de todas as tentativas generosas .... lançaram as imaginações no desconsolo e na dúvida .... Lopes de Mendonça sentiu-se trespassado do golpe até às últimas fibras do seu coração de patriota amoroso» (1).

O autor não se preocupa com as obras de tese — o que o distancia dos precursores do naturalismo. No seu entender o romance histórico «deve afastar-se o mais possível de querer provar uma ideia objectiva, de tentar formular um princípio geral e absoluto» (2). Daí a preferência por romances como *Oberon* de Wieland, traduzido por Filinto Elísio em 1802 (3), o *Obermann* de Senancour, o *Werther* de Goethe, *René* de Chateaubriand ou *Adolpho* de Benjamin Constant que considera modelos eternos do género, «retratos de uma paixão ou de uma dolorosa situação moral....» (4).

10. A par da notória influência francesa no romantismo português (5) temos de admitir a sua permeabilidade à literatura alemã e inglesa (6). A propósito deste reflexo das literaturas, Mendonça interrogava: «É possível que no contacto contínuo das nações [a literatura] possa conservar ileso a sua individualidade literária?» (7). O autor tinha consciência de que determinadas literaturas mais preponderantes haviam de ditar e prescrever as formas e os modelos consagrados, o que não significa que a literatura influenciada deixasse de

---

(1) JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *A geração nova. Ensaios criticos*, Porto, 1886, pp. 29-30.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 121.

(3) JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.º, p. 206.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *ob. cit.*, p. 121.

(5) VITORINO NEMÉSIO, *ob. cit.*, pp. 1-172; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.º, pp. 212-22; JACINTO DO PRADO COELHO, *Presença da França nas letras portuguesas dos séculos XVIII e XIX*, separata do «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», vol. 4.º, Lisboa, 1962, pp. 13-20; ANÍBAL PINTO DE CASTRO, *Balzac em Portugal (Contribuição para o estudo da influência de Balzac em Portugal e no Brasil)*, Coimbra, 1960, pp. 45-64; MÁRIO GONÇALVES VIANA, *A influência de Lamartine no romantismo português*, in «Afinidades», n.º 7/8, Lisboa, 1944, pp. 51-72; MARGARIDA MARIA MOREIRA PEREIRA, *ob. cit.*, pp. 1-206.

(6) VITORINO NEMÉSIO, *ob. cit.*, p. 44 e JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.º, p. 205 e GERD MOSER, *Les romantiques portugais et l'Allemagne*, Paris, 1939, p. 162.

(7) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *ob. cit.*, p. 212.

ter um cariz nacional, pois podia mantê-lo através dos assuntos que versava, ou dos sentimentos e recordações históricas (1).

Através da obra de Lopes de Mendonça, são muitas as citações que nos revelam o seu conhecimento directo ou indirecto de autores «clássicos» e «modernos». O elenco francês é, sem dúvida, o mais vasto. Assim aparecem-nos referidos Corneille, Molière, Bossuet, Boileau, Racine, Fénelon, Fontenelle, os filósofos Voltaire e Volney e, com mais frequência, Benjamin Constant, Chateaubriand, Béranger, Nodier, Guizot, Lamartine, Villemain, Alfred de Vigny, Balzac, Victor Hugo (2), Saint-Beuve, George Sand, Eugène Sue, Jules Janin, Alexandre Dumas, Musset, entre outros; da escola alemã avultam Wieland, Goethe, Schiller, Madame de Staël, Hegel, Hoffmann (3) e Henri Heine (4); Shakespeare, John Milton, Joseph Addison, Walter Scott,

---

(1) «Escreveria o sr. Almeida Garrett o seu precioso *Camões*, como o escreveu, se não tivesse lido o *Corsario*, e o *Child Harold* de Byron? Teria o sr. Alexandre Herculano concebido o seu *Monge de Cister* .... se Walter Scott não nos houvesse dado o modelo do romance histórico?...» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Revista litteraria. A poesia e o seculo. Carta ao doutor C.\*\*\**, in «A Revolução de Setembro», n.º 2965, 14-II-1852, p. 2, col. 2 e *ob. cit.*, p. 4). Veja-se sobre este assunto, do mesmo autor, o *Curso de litteratura professado no Grémio Litterario. Influencia da litteratura do seculo 18 na litteratura do seculo 19 e caracter da poesia neste seculo*, Lisboa, 1849, pp. 13-16 e *A moda insinua-se em tudo....*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3089, 17-VII-1852, p. 1, pp. 1-2.

(2) «Três grandes poetas conta hoje a França — Béranger, Lamartine e Victor Hugo» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Prologo* ao livro de LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM, *Poesias*, 1.ª ed., Lisboa, 1851, p. XVI, na 2.ª ed., p. XII).

(3) Lopes de Mendonça faz a tradução, possivelmente a partir do francês, de alguns contos de Hoffmann que reputava «um génio original, uma destas fisionomias que fazem escola e que inspiram muitas gerações de escritores.... A obra deste escritor alemão tem o perfume duma nacionalidade íntima que em nada destrói as belezas universais que fazem dos seus contos modelo e admiração da crítica» (*Os contos fantásticos de Hoffmann*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1953, 15-IX-1848, p. 1, col. 1).

(4) «Na Alemanha, o herdeiro de Goethe e Schiller, o poeta *humorista*, o crítico espirituoso e sarcástico, o céptico cheio de imaginação e de entusiasmo....». Assim se refere Mendonça a Heine nas *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 25. Sob o título *Horas de amor e horas de desengano* (em que Mendonça não identifica a imitação como sendo de Heine), in «A Ilustração Luso-Brasileira», vol. 1.º, n.º 13, Março, 1856, pp. 103-104; vol. 1.º, n.º 14, Abril, 1856, pp. 110-11 e, mais tarde, em *Delirios na Primavera*, e *Delirios no Outono* (Imitação de H. Heyne), in «Scenas e phantasias de nossos tempos», Lisboa, 1860, pp. 57-80, Lopes de Mendonça faz a imitação através da tradução francesa, em prosa, de G. Nerval do *Lyrishes*

Byron, Moore e Macaulay, entre os ingleses; dos italianos as citações rareiam mais, mas os nomes de Alfieri, do político Mazzini e de Giacomo Leopardi são também mencionados; de Espanha as suas preferências vão para Cervantes, Lope de Vega e Calderon de la Barca. Das letras portuguesas a sua admiração recai em Bocage, Garrett e Herculano além de muitos outros escritores coevos.

Se em algumas das suas obras Mendonça nos apresenta ainda muito do sentimentalismo da primeira fase do romantismo, o certo é que, integrado na geração de meados do século XIX, denota, como muitos outros escritores, um esforço contra esse aspecto, enveredando também por uma literatura de protesto no domínio político e social. Deduz-se o facto de uma vasta gama de publicações periódicas que procuraram contribuir para uma tarefa educativa, definindo as reformas a estabelecer, os processos de reorganização no plano político, social e económico (1). «Os redactores destas publicações, deste modo, concorrem para a elaboração de novas ideias, para a difusão de novos princípios... e promovem eficaz e salutarmente o descrédito das incapacidades dos partidos governativos e o tédio pelo jornalismo faccioso e estéril» (2).

---

*Intermezzo*, de Heinrich Heine, e não directamente do original alemão. A tradução de Nerval surgiu pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, Paris, tomo XXIII, 1848, p. 917 e ss. e foi publicada em 1855 num volume que inclui outros textos heineanos, sob o título *Poèmes et Légendes*, por Henri Heine, Paris, Michel Lévy Frères, Éditeurs, Rue Vivienne, 1855. Também os *Delirios no Mar (Imitação)*, inseridos na mesma obra de Lopes de Mendonça, pp. 81-86, e constando apenas de três capítulos, são uma imitação através da tradução francesa, em prosa, de G. Nerval de três poemas pertencentes à colectânea de Heine, intitulada *Die Nordsee*, 1.º e 2.º ciclo. Sob o título *No Mar (Phantasias)*, Lopes de Mendonça tinha traduzido já os seis capítulos desta obra de Heine in «Archivo Pittoresco», vol. 2.º, t. 2.º, n.º 11, Setembro, 1858, pp. 82-83. A tradução de Nerval sob o título *La mer du Nord* foi também publicada pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, t. XXIII, 1848, pp. 234, 236 e 239 e, em 1855, na citada antologia heineana *Poèmes et Légendes*. Estas informações foram amavelmente cedidas pela Dr.ª Maria Manuela Delille, sendo objecto de estudo no seu trabalho, em preparação, para a dissertação de doutoramento, sob o título *Recepção de Heine nas letras portuguesas do século XIX*. Veja-se, contudo, o seu artigo, in «Biblos. Revista da Faculdade de Letras», Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. 54, 2.ª pt.º, 1978, pp. 1-66.

(1) JOSÉ TENGARRINHA, *História da imprensa portuguesa*, Lisboa, 1965, p. 174; VÍCTOR DE SÁ, *Perspectivas do século XIX. Ensaíos*, Lisboa, 1964, pp. 74-195; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 4.º, pp. 606-608.

(2) JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *ob. cit.*, p. 67.

11. Lopes de Mendonça, para além de romancista — é exemplo o seu romance *Memorias dum doido* — foi um jornalista incansável, um crítico literário lúcido, e o iniciador, entre nós, de um novo género literário — o folhetim (1). A tese não é pacífica, pois há quem sustente que a literatura portuguesa tinha então «uma fraca consciência crítica» (2). Se há críticos que o aproximam de Villemain, outros afirmam que Mendonça está longe do crítico francês, oferecendo apenas uma boa informação jornalística, não sendo «mais que um honesto mantenedor de jogos florais permanentes, um recensor de livros» (3).

Abalizando-o como «o primeiro crítico de temperamento verdadeiramente moderno», Antero de Quental se não lhe dá uma importância de maior na história política, e se considera Mendonça um precursor do socialismo, afirma no entanto que «o seu ideal político e social eleva o crítico muito acima do ponto de vista convencional e puramente literário, faz-lhe compreender o valor e alcance social da poesia e da arte, e a sua real e efectiva importância histórica. Neste sentido, Lopes de Mendonça foi não só o precursor, mas o mestre da moderna crítica literária em Portugal» (4).

Vejamos, pois, como Mendonça entende e define a crítica: «não é arma de partido nem um pretexto de afeições pessoais» (5). Na sua opinião ela não é — não pode ser — dogmática, simples reflexo de ideias estranhas, mas isenta, independente, verdadeira e com uma larga

---

(1) *Idem*, p. 68; JACINTO DO PRADO COELHO, *Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, in «Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária», 3.<sup>a</sup> ed., vol. 2.<sup>o</sup>, Porto, 1973, p. 632, *Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, in «Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX», vol. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, 1947, p. 246; ALBINO FORJAZ SAMPAIO, *História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX*, 1.<sup>a</sup> série, Lisboa, 1943, p. 239; JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 1.<sup>o</sup>, pp. 178-79; JOÃO GASPAS SIMÕES, *História do romance português*, vol. 2.<sup>o</sup>, Lisboa, 1967, p. 84; ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA e ÓSCAR LOPES, *História da literatura portuguesa*, 11.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1972, pp. 840-41.

(2) VITORINO NEMÉSIO, *Prefácio*, in MONIZ BARRETO, *Ensaio de crítica*, Garrett. *Herculano. Camilo. Júlio Dinis. João de Deus. Antero. Eça. Oliveira Martins. Shakespeare. Taine. Brunetière. Bourget*, Lisboa, 1944, p. XI.

(3) *Idem*, *ibidem*.

(4) ANTERO DE QUENTAL, *Lopes de Mendonça*, in «Prosas», vol. 2.<sup>o</sup>, Coimbra, 1926, p. 304.

(5) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.<sup>o</sup> 1929, 18-VIII-1848, p. 1, col. 1, *Ensaio de crítica e litteratura*, p. 98 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 224.

esfera de acção. Tal como o havia dito Chateaubriand: «a crítica nunca matou o que deve viver, e o elogio sobretudo nunca deu vida ao que deve morrer», também Mendonça defende veementemente a verdade da crítica, nunca camuflada por uma adoração simulada — na peugada do pensamento garreteano ele sabia que «meia verdade é mentira inteira» (1). A crítica deve ainda incidir sobre todos os aspectos políticos, sociais e culturais. Ela não pode restringir-se ao plano político quando o teatro jaz num profundo abandono, quando a censura ignorante é a responsável principal do obscurantismo de um povo. No plano literário o papel do crítico é de suma importância. Entendia-o Mendonça não no sentido de uma crítica severa com todas as malélicas consequências que daí advinham para o poeta e para a própria poesia mas, pelo contrário, via-o no sentido de aconselhar ou revelar o poeta ao público, estimulando assim muitos talentos esperançosos (2).

Verificamos que o ensaísta e alguns dos seus contemporâneos, embora apregoassem já os seus ideais socialistas, não alteraram, no fundo, o conteúdo romântico das suas obras. É assim que o colaborador do *Ecco dos Operarios* traduzia com Sousa Brandão, George Sand neste jornal, invocava Béranger e Victor Hugo, ao mesmo tempo que manifestava entusiasmo por Fourier, Saint-Simon, Blanc e Proudhon. A crítica literária ombreava já com o protesto político e social. Podemos afirmar que só nos sucessores de Garrett e Herculano ela tomou corpo (3). Trabalhando isoladamente, um núcleo de escritores, cons-

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1919, 5-VIII-1848, p. 3, col. 3.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Scenas da vida contemporanea*, Lisboa, 1843, Prólogo, pp. VI-VII, *O Panorama*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1607, 24-IX-1846, pp. 1-3; n.º 1611, 29-IX-1846, p. 2, *O theatro português*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1627, 10-VIII-1847, p. 1, col. 2, *Histoire de la Revolution Française par Louis Blanc — 1.º volume*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1712, 18-XI-1847, p. 1, col. 1, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1919, 5-VIII-1848, p. 3, col. 3, n.º 1929, 18-VIII-1848, p. 1, col. 1, n.º 1970, 5-X-1848, p. 1, col. 1, *Ensaio de critica e litteratura*, pp. 95, 97, 98, 143, *Juizo critico* ao livro de EDUARDO DE FARIA, *A estrella brilhante*, Lisboa, 1852, p. 44 inum. e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 182 e 224.

(3) «O sentimento da pátria estava extinto nos espiritos; a história desta ultrajada nacionalidade caiu no absoluto esquecimento; e os escritores sem ideal parodiavam os dramas franceses e os romances novelescos.... Lopes de Mendonça, não tendo uma cultura sistemática, nem um talento superior, ainda assim

tituído por Rebelo da Silva, Andrade Ferreira, Ernesto Biester, Mendonça e outros, acaba por fundar a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Esta mesma revista, dada a colaboração de outros jovens ensaístas, talvez mais impreparados, viria a sofrer do «desvairo crítico», contra o qual reagiu a escola de Coimbra (1). Inicialmente fazendo críticas dos livros que iam aparecendo, Lopes de Mendonça depressa aperfeiçoou e ultrapassou essa limitação. O autor apercebeu-se não apenas da interrelação literatura-sociedade, como também da influência dos dogmas políticos sobre as revoluções literárias e vice-versa. É apenas com dezassete anos que ele escreve as *Scenas da vida contemporanea*, obra que revela uma preocupação de retratar política e socialmente a sociedade contemporânea mais do que um grande interesse literário, denotando ressaibos de moralismo e humanitarismo. Mendonça confrangia-se com a miséria do soldado sem emprego, do frade saído do convento, da prostituta (2), e foi «o entusiasmo fervente de uma crença política e «a esperança de uma regeneração social» que o levou a desenhar algumas feições da sua época. Esta posição ganha consistência e amadurece quando Mendonça, sob o impacto da revolução de 1848 (3), consciente da necessidade premente da revolução social, nos diz especificamente: «O socialismo deve ser invocado para que a sociedade se não prenda aos cálculos torpes do individualismo, que tende irresistivelmente a subjugar as classes inferiores pela escravidão prolongada do salário» (4). Esclarece ainda que «a guerra não é contra os homens que gozam, é contra os princípios que limitam o bem-estar e a riqueza....

---

o ideal democrático destacou-o de todos os escritores contemporâneos, pela superioridade de vistas críticas, e por essa originalidade desequilibrada que veio a terminar na loucura» (THEOPHILO BRAGA, *As modernas ideias na litteratura portugueza*, vol. 1.º, Porto, 1892, p. 111).

(1) JACINTO DO PRADO COELHO, *Crítica literária*, in «Dicionário de litteratura portugueza, brasileira, galega e estilística literária», 3.ª ed., vol. 1.º, p. 233.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Scenas da vida contemporanea*, Lisboa, 1843, Prologo, p. IX e pp. 1 e 12.

(3) «A revolução de Fevereiro fecha uma quadra de civilização, e abre outra nova .... À revolução de 1848 cumpre pois substituir às formas da concorrência as da associação, e ao domínio do capital a sua igualdade relativa com os serviços do trabalho» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1919, 5-VIII-1848, p. 1, col. 1. *Ensaios de critica e litteratura*, p. 83 e 318 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 217).

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Ensaios de critica e litteratura*, Prologo, p. XI.

O socialismo não tenta apropriar-se dos haveres de cada um, mas regular com mais justiça a distribuição da riqueza, aumentando-a, multiplicando-a para que ela possa derramar-se por todas as classes e felicitar os que a produzem....» (1). Definindo as directrizes do jornal em que colaborava com Sousa Brandão, Mendonça repudia os «sistemas exclusivos», os «códigos revolucionários» em nome dos quais se pretendia fazer a revolução social. «O *fourierismo*, o *comunismo* e o sistema de *Louis Blanc* são orgulhosas intimações que a sociedade não pode aceitar, sem abdicar das suas próprias luzes....» (2). E mais adiante, concretiza: «Para que o socialismo triunfe há-de proceder pela negação, há-de ser unicamente revolucionário» (3). Assim, dizendo não à especulação do capital, à miséria, à mendicidade, à prostituição, ele proclama a gratuitidade do crédito, a organização do crédito pelo trabalho, a republicanização da propriedade, o associativismo (4). Dois anos mais tarde Mendonça repudia as utopias de Saint Simon, Fourier e Owen, nunca pondo em causa, a ideia que as fez nascer (5). E em 1855 ele afirma: «Creio e sinto o mesmo ainda: contemplo é verdade com menos entusiasmo os homens e os acontecimentos, calculo com mais reflexão e frieza os movimentos que agitam a sociedade; mas se vejo mais afastado o dia da grande conversão política e social, nem por isso acredito menos no poder das ideias regeneradoras, e na influência das doutrinas humanitárias (6). O socialismo da geração de Mendonça, Sousa Brandão, Henriques Nogueira (7), é ainda um socialismo liberal, utópico, num período de transição entre o «romantismo liberal» e a «democracia futura», na expressão de Oliveira Martins. Lopes de Mendonça é essencialmente um reformista apontando vagamente para um socia-

---

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Aos operarios*, in «Ecco dos Operarios», n.º 2, 7-V-1850, p. 1, col. 2.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Socialismo e sistemas. Ao jornal — A Esmeralda*, in «Ecco dos Operarios», n.º 17, 22-VIII-1850, p. 1, col. 2.

(3) *Idem, ibidem*.

(4) Veja-se o nosso artigo *Conflitos ideológicos do século XIX. O problema pautal*, separata da «Revista de História das Ideias», Coimbra, 1976, pp. 40-47.

(5) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Juizo crítico* ao livro de EDUARDO DE FARIA, *A estrela brilhante*, p. 45 inum.

(6) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, Prologo, p. IX.

(7) JOSÉ ESTEVES PEREIRA, *Henriques Nogueira e a conjuntura portuguesa 1846-1851*, separata da «Revista de História das Ideias», Coimbra, 1976, pp. 17-19.

lismo científico (1), assim Antero o define como um «diletante revolucionário, um inofensivo precursor». Mendonça, democrata confesso, não sendo um «revolucionário», na acepção plena da palavra, foi-o, na medida em que lutou para uma melhor ordem política e social, tornando-se assim, «uma individualidade característica do proselitismo socialista na época da nossa história, política e social, contemporânea» (2).

12. Depois de analisarmos as linhas ideológicas do pensamento lopeseano, debruçemo-nos sobre a sua produção literária, atentando no que ela nos traz de novo e de original.

Uma das críticas que Mendonça faz ao romantismo, como movimento literário, é a sua ligação estreita com o passado, não se preocupando tanto em retratar as aspirações do seu século «senão fugitivamente». É nesta mesma linha de pensamento que o autor analisa a causa principal da quase inexistência do romance de actualidade em Portugal (3). Na sua própria definição, «o romance é como um espelho.... aonde a sociedade mirando-se e reconhecendo-se vê a realidade.... e ao mesmo tempo as paixões e os desejos.... purificados e absorvidos por um esforço de imaginação» (4), simplesmente o autor lamenta que essa imaginação esteja muito mais voltada para «os sentimentos do que para o estudo dos caracteres e da vida social» (5). Segundo o nosso ensaísta o romance contemporâneo não surgira entre nós como, ao contrário, acontecia noutros países, porque a sociedade o não favorecia. Ainda em 1852 Mendonça lamentava que continuássemos arreigados ao romance histórico, à imitação de Alexandre Herculano e que o romance de costumes ainda não tivesse sido criado entre nós (6).

---

(1) VICTOR DE SÁ, *Perspectivas do século XIX. Ensaios*, Lisboa, 1964, p. 77 e *A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*, Lisboa, 1969, pp. 331-36.

(2) JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *Os modernos publicistas portugueses*, Porto, 1906, p. 48.

(3) «Se Deus nos concedesse um Balzac ter-nos-ia feito um favor estéril, o célebre romancista, em França, é um grande pintor de costumes; em Portugal é de crer que não passasse de um libelista atrevido...» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memórias dum doído*, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, s.d., pp. 29-30).

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *ob. cit.*, pp. 30-31. Cfr. VICTOR HUGO, *Cromwell*, Paris, s.d., Préface, p. 48.

(5) *Idem*, p. 30.

(6) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Juizo critico* ao livro de EDUARDO DE FARIA, *A estrella brilhante*, p. 44 inum.

É evidente que para se fazer o romance de actualidade, de análise dos costumes, não era possível fazê-lo encerrado num gabinete, mas vivendo (1). É essa abertura, essa compreensão das coisas, a leitura vasta das «actualidades francesas» que fizeram Mendonça despertar para esse novo género literário (2). Ao contrário, Alexandre Herculano critica a «imoralidade francesa» e comenta «que se pensava só nas fábricas parisienses de novelas, dramas, viagens, comédias, romances, folhetins.... nas fábricas de Balzac, Sue, Sand, Dumas, Scribe, Alincourt, e C.<sup>a</sup>» (3). Esta atitude é bastante significativa e mostra-nos clara-

(1) Assim nos explica Sampaio Bruno as razões por que se notava uma timidez enorme em perseguir o caminho do romance de costumes: «As desilusões da política acostumaram-nos a considerar desprezível a sociedade do seu tempo.... Portanto a literatura, ou pela idealização do passado ou pelo prurido do estilo, era considerada o refúgio de nobres espíritos, a quem a realidade magoava, como um desmentido» (JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *A geração nova*, p. 28). No mesmo sentido se pronunciava um articulista de *A Semana* quando se referia à falta de condições para o desenvolvimento do romance de actualidade no nosso país: «O romance de actualidade, mesmo de enredo, mesmo de capricho e de fantasia, como alguns de Dumas e Eugenio Sue parece-nos pouco praticável (SIDNEY, *O romance portuguez* in «A Semana», vol. 2.º, n.º 12, Março, 1851, p. 158 e veja-se também o n.º 11, Março, 1851, pp. 126-28).

(2) Não se furtou também a críticas e, assim, numa polémica que sustentou com o *Academico* do jornal *A Patria* este comenta em relação aos folhetins de *A Revolução de Setembro*, nomeadamente ao do n.º 2118, 7-IV-1849, pp. 1-2: «O seu estudo, pelo que se revela no que escreve, reduz-se à leitura, sem método nem digestão, de quanto livrinho francês tem apanhado à unha», (*Academico*, in «A Pátria», Maio, 1849). Riposta-lhe Mendonça: «Ora no que tenho escrito, tenho citado por muitas vezes, e trechos inteiros, de Chateaubriand, de Lamartine, de Staël, de Walter Scott, de Guizot, de Villemain, de Lamennais, e esses *livrinhos franceses* possuem, se dá licença o ilustre critico, bastante eloquência, eloquência que pode servir de modelo em assuntos literários» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Eu e o folhetim da Patria*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2139, 3-V-1849, p. 2, col. 3).

(3) ALEXANDRE HERCULANO, *Opusculos*, t. 2.º, Lisboa, 1873, p. 104. É curioso que já em 1845 se afirmava numa epístola satírica dedicada a A. F. de Castilho: «.... Anathématisons tous ces livres pervers / Dont aujourd'hui la France inonde l'univers / Evitons les Balzac, les Paul de Kock, les Sue / Leur plume est trop souvent une lourde massue / Dont les coups, assenés par leur bras déloyal, / Sapent les saines moeurs de l'état social» (JOSÉ ANTÓNIO MONTEIRO TEIXEIRA, *Le Portugal à la hauteur du siècle* escrito em verso e impresso no Funchal em 1845, cit. por A. X. R. CORDEIRO, *Critica litteraria* [secção da revista]. *Le Portugal à la hauteur du siècle*, in «Revista Academica», vol. 1.º, n.º 5, 15-V-1845, Coimbra, Imprensa de E. Trovão, 1848, p. 77).

mente a quase hostilidade pelo culto do romance contemporâneo (1). É de 1843 o aparecimento de *O Pároco da aldeia* (2) e é do mesmo ano o início das *Viagens na minha terra* de Garrett, obras que encetam já a caminhada para o romance de actualidade. Mas é sobretudo com Lopes de Mendonça, Mendes Leal, Teixeira de Vasconcelos que se assinala a primeira fase da ficção da actualidade. Do período de transição do romance histórico para o romance contemporâneo podemos destacar as obras de Teixeira de Vasconcelos, *O prato de arroz doce* e ainda *Roberto Valença, Mário — Episódio das lutas civis portuguesas de 1820-1834*, de Silva Gaio e *Eugenio* de Francisco Maria Bordallo (3). Propriamente como «romance de actualidade» aparece em 1849, publicada na *Revista Universal Lisbonense*, a obra *Memorias dum doido* e, no mesmo ano, saía a público em volume. O autor retrata-nos a sociedade burguesa através de vários tipos bem definidos e caracterizados, descreve-nos situações que denotam a observação dos factos e a análise do quotidiano, a par do exame introspectivo aos sentimentos das personagens. O romance é um misto de «subjectivismo dos sentimentos com o digressivo da observação dos factos» (4); trata-se de uma obra de carácter intimista — «é a monografia de uma alma; o estudo de uma psicologia que deriva em patologia; é novo, espontâneo, escorrendo de mocidade» (5) mas é também «um romance de ambição social» na medida em que envolve uma crítica tenaz aos costumes de uma burguesia e a certos «tipos» da sociedade (6). As *Memorias dum doido* aparecem-nos ainda com um esquema romântico, mas porque avançam já para uma análise concreta do quotidiano e para uma crítica de costumes, o romance apresenta notas de moder-

(1) JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 2.º, pp. 527-28.

(2) É o próprio Lopes de Mendonça que comenta acerca de *O Pároco da Aldeia*: «... tão abundante na representação dos tipos populares... todas as figuras estão traçadas com uma verdade, um *realismo* se é lícito o termo... Ninguém liga melhor o movimento dramático à análise dos caracteres, e dos sentimentos humanos.» (*Memorias de litteratura contemporanea*, p. 113).

(3) Lopes de Mendonça faz uma crítica literária a esta obra, salientando o interesse da descrição dos costumes marítimos, género que devia ser mais cultivado entre nós (*Eugenio — romance marítimo de Francisco Maria Bordallo*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1636, 20-VIII-1847, pp. 1-2).

(4) JOÃO GASPAR SIMÕES, *Historia do romance português*, vol. 2.º, p. 84.

(5) JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *ob. cit.*, p. 32.

(6) JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 2.º, p. 530.

nidade e de um certo «realismo» (1). Maurício, o herói do romance, é um jovem ansioso de glória, orgulhoso, cheio de planos de engrandecimento e regeneração social, mas evado de um cepticismo que o levará a ser joguete de paixões ardentes e vítima do próprio amor. Apaixona-se por uma mulher do povo, Paulina, que não o pode compreender (2) e vai cair na teia ardilosa da viscondessa, mulher mundana (3). Será o seu amigo, D. Afonso, quem o informará da vida íntima da viscondessa (4). Maurício rompe com esses amores para logo se apaixonar por Madalena. Maurício vem a assistir ao casamento de Madalena, e quando esta seguia numa carruagem e vê Maurício, solta um grito a que ele acorre solícito (5). O herói, agonizante, morre no quarto de um albergue onde, poucos momentos antes da morte lhe aparecia o banqueiro — «símbolo do egoísmo social» — a exigir-lhe o pagamento da dívida (6). Verificamos que Lopes de Mendonça se preocupa com o pormenor descritivo, quer no retrato das personagens (7), quer na pintura dos ambientes (8).

(1) JACINTO DO PRADO COELHO, *Introdução ao estudo da novela camiliana*, Coimbra, 1946, pp. 63-67, *António Pedro Lopes de Mendonça*, in «Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX», vol. 1.º, p. 247 e *Um crítico do romantismo: António Pedro Lopes de Mendonça*, in «A letra e o leitor», Lisboa, 1969, p. 119.

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memórias dum doido*, 3.ª ed., Lisboa, s.d., pp. 58-59.

(3) *Idem*, p. 77.

(4) *Idem*, pp. 98-101.

(5) *Idem*, p. 212.

(6) *Idem*, p. 221.

(7) «O corpo esbelto e franzino [de Paulina] que um roupão de cassa branca envolvia, sem ocultar as suas elegantes pernas, o seu rosto pálido e sereno..., negro cabelo..., o aspecto de uma dessas estátuas de virgem...» (*Idem* p. 56). «[A viscondessa] umas vezes, languida e abatida .... outras vezes falava com uma precipitação febril, dando à voz uma intonação apaixonada e vibrante (*Idem* p. 114). «Retirada para uma sala anterior, descansava com languidez sobre um sofá, com a cabeça morbidamente encostada à mão .... era a imagem de uma sultana favorita ....» (*Idem*, p. 115). «[Madalena] tinha os olhos pretos e suavemente fendidos, umas vezes despediam um olhar límpido e mavioso, outras vezes, quando o rubor lhe subia em ondas rápidas pelo seio palpitante, tornavam-se húmidos e cintilantes...» (*Idem*, p. 173).

(8) A descrição da sala de jogo é também pormenorizada: «Entrava-se num pátio onde cães, galinhas, carneiros e gatos viviam numa promiscuidade extravagante; a um dos lados havia uma escada de pedra destas que ainda se vêem pelas aldeias..., paredes enfumadas, e pavimento coberto de poeira, e já em partes arruinado; a imagem de um celeiro de lavrador pouco abastado» (*Idem*, pp. 41-42).

Em França estavam em voga as monografias literárias, as «fisiologias», a descrição de tipos. O autor, nas *Memorias dum doido*, procura fazer uma análise psicológica: «Seria um estudo a fazer o notar a sucessiva gradação pelo qual um rosto ingénuo, franco e leal, se transforma numa cabeça de Medusa, de olhos desvairados, cabelos hirtos, lábios espumando, dentes que rangem...» (1). É na linha balzaquiana que Mendonça nos descreve alguns tipos, entre estes, o do banqueiro: «... olhado superficialmente, e sem grande atenção parecia dotado de uma fisionomia comum. Era um homem que teria trinta e cinco anos, quando muito, com cabelos negros... com o rosto pálido e lívido, mais pelas vigílias e cuidados, que pelos estragos da doença. Era nos olhos todavia, que se lhe revelava a profunda corrupção, e a manha abjecta a que fora conduzido pelas suas paixões insaciáveis» (2). Na mesma linha surge o «herói» do romance — Maurício — que reúne a sensibilidade, e o protesto contra a sociedade burguesa e os infortúnios da pobreza. Através do «herói» do romance, a que chama «doido», pois assim o designaria a própria sociedade, Lopes de Mendonça evidencia a sua crítica anti-burguesa, perseguindo já o caminho dos ideais socialistas que tão afincadamente defende. Ao criar esse «herói em perspectiva que .... não contente em se atormentar a si, alimentando-se de vagos e arrojados sonhos, perturba de vez em quando o mundo com arrojadas empresas» (3), o autor pretende retratar «a fisionomia de uma sociedade, até então isenta de retratos literários» (4).

Os caracteres, as paixões, os gestos, têm um significado marcante nesta obra, o que denota já uma inovação «realista» a par da descrição do quotidiano que não escapa à observação atenta do autor. O pitoresco da vida lisboeta aparece-nos também relatado, e a propósito da

---

(1) *Idem*, p. 44. Para alguns críticos, nomeadamente J. T. Lobo d'Ávila, o romance de Lopes de Mendonça é, essencialmente, «um valioso fragmento de filosofia sentimental, a autópsia moral de um coração, a história da alma de um jovem poeta com as suas paixões ardentes e as suas inconstâncias...» (J. T. LOBO D'ÁVILA, *Memorias d'um doido, romance contemporaneo, por A. P. Lopes de Mendonça*, in «O Atheneu», n.º 64, 23-III-1851, pp. 92-93 e publicado também na secção *Parte litteraria. Bibliographia*, in «Ecco dos Operarios», vol. 2.º, n.º 45, 29 Mar. 1851, pp. 6-8).

(2) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias dum doido*, 3.ª ed., pp. 50-51.

(3) *Idem*, pp. 231-32.

(4) DELFIM DE ALMEIDA, *Palestras literárias — Do romance*, in «Gazeta Literária do Porto», 1867, citado por JOÃO GASPAS SIMÕES, *História do romance português*, vol. 2.º, p. 89.

precisão do «Corpus Christi», ele escreve: «As janelas adornam-se daqueles velhos damascos franjados de oiro mareado, as ruas cobrem-se de areia vermelha, o exército estende-se em alas, o povo apinha-se nas ruas.... os namorados iam tomando lugar pelas esquinas..., as senhoras começavam a abanar-se, e a tapar os inevitáveis abrimentos de boca que um madrugador excepcional sempre produz» (1).

A influência francesa é notória neste romance de Mendonça. Um crítico contemporâneo, fazia esta apreciação a propósito de Mendonça, revelando a «leitura exagerada das obras francesas» (2). A sua admiração por Balzac está patente quando em 1848 escreve: «Le père Goriot é uma sublime, grandiosa e original criação» (3). Só na segunda edição das *Memorias dum doido*, em 1859, é que refere novamente essa personagem balzaquiana (4), pois em 1855, a opinião de Mendonça era diferente quando afirmava relativamente à escola de Balzac: «escola falsa à força de querer reproduzir a verdade que calunia a natureza humana à força de tentar explicar-lhe miudamente os arcanos» (5). Não era fácil, ainda nesta altura a implantação da corrente balzaquiana no nosso país (6). Aparece-nos também a referência a Victor Hugo

(1) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *ob. cit.*, pp. 32 e 33-34.

(2) L. A. REBELLO DA SILVA, *Memorias de litteratura contemporanea por Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, in «Revista Peninsular», vol. 1.º, Lisboa, 1855, n.º 1, p. 26. Veja-se ainda a crítica de *O Portuguez*, citada por JÚLIO CÉSAR MACHADO, *A vida em Lisboa. Romance Contemporaneo*, 2.ª ed., vol. 2.º, Lisboa, 1901, Notas, p. 201. Cfr. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 2.º, p. 529, nt. 20.

(3) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1970, 5-X-1848, p. 2, col. 3 e depois nos *Ensaios de critica e litteratura*, p. 155. Cita ainda esta obra na rubrica *Folhetim*, no artigo *O Anel*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2044, 4-I-1849, p. 1, col. 1.

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias dum doido*, 2.ª ed., Lisboa, 1859, p. 26.

(5) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Um quadro da vida. Drama em 5 actos*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3975, 17-VII-1855, pp. 1-2 e *Juizo critico*, in ERNESTO BIESTER, *Um quadro da vida. Drama em 5 actos*, Lisboa, 1855, p. 174.

(6) JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *História do romantismo em Portugal*, vol. 2.º, p. 525. «Balzac só tardiamente foi traduzido para português; a primeira tradução é de 1869, por Teófilo Braga .... No decénio que vai de 1840 a 1850 já se lia Balzac com entusiasmo .... A fortuna de Balzac em Portugal .... fora crescendo à medida que o romantismo tocava o seu termo» (ANIBAL PINTO DE CASTRO, *Balzac em Portugal (Contribuição para o estudo da influência de Balzac em Portugal e no Brasil)*, pp. 54 e 85).

e a Lamartine, e, deste autor, destaca-se a obra *Jocelyn* que Maurício lê ao seu amigo numa hora de angústia e desespero. O cepticismo patente no «herói» do romance é de influência byroniana, revela todo um pessimismo perante a vida e a sociedade (1). Além de Byron, Mendonça cita frequentemente Shakespeare, Goethe, Nodier e Hoffmann.

13. O contacto com o presente, a análise do quotidiano, consegue-o Mendonça através do folhetim, então muito em moda. Este género teve em Jules Janin um dos grandes representantes que, entre outros, «começou a fazer dele uma obra de arte, antes do aparecimento dos modernos diários literários .... Entre nós com Souto-Mayor, Lopes de Mendonça criou esse género novo» (2). Inicialmente o folhetim limitava-se a um relato superficial de assuntos da ciência, da política ou da filosofia — era uma mera crónica narrativa. Coube a Lopes de Mendonça dar-lhe mais vida, mais interesse, transportando para esse género literário, o relato de viagens, os contos, as apreciações históricas, a crítica dos espectáculos e, enfim, a análise do quotidiano lisboeta (3). Nessa medida contribuiu imenso para despertar o gosto e o interesse do público. Os seus folhetins são um precioso documento da vida burguesa lisboeta nas suas diversíssimas facetas. Todas as semanas escreve a sua crónica onde apresenta e critica os espectáculos de ópera, teatro, de música ou bailado, em exibição no Teatro D. Maria II (4) ou no S. Carlos (5); onde faz as suas críticas literárias e traduções de contos, ou de poemas. Na linha de uma das características do romantismo e que, sobretudo em França, fizera furor,

(1) «Byron, o cantor de *Manfredo*, o poeta da dúvida, aquele cujo génio define esse momento doloroso da vida da humanidade, em que se olha com terror o futuro, e se teme destruir o passado ....» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1919, 5-VIII-1848, p. 2, cols. 1-2, *Ensaios de crítica e litteratura*, p. 88 e *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 220).

(2) JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO BRUNO, *A geração nova*, p. 68.

(3) «... assumindo responsabilidades na crítica e na história literárias, ultrapassa a ligeireza do género (JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 2.º, p. 382).

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, in «A Revolução de Setembro», n.º 1570, 11-VIII-1846, pp. 1-3, n.º 1577, 20-VIII-1846, pp. 1-2, n.º 1583, 27-VIII-1846, pp. 1-2, n.º 1590, 4-IX-1846, pp. 1-2, n.º 1595, 10-IX-1846, pp. 1-3, n.º 1596, 11-IX-1846, pp. 1-3, n.º 1876, 10-VII-1848, p. 1, entre outros.

(5) *Idem*, n.º 1727, 6-XII-1847, p. 1 e n.º 1755, 12-I-1848, p. 1.

Lopes de Mendonça retrata também nos folhetins autênticas «fisiologias»: a «fisiologia dos bailes» (1), a «fisiologia do poeta» (2), a «fisiologia do oleiro» (3), a «fisiologia dos teatros» (4).

No seio das lutas civis, em 1846, José Estevão convida Mendonça a colaborar, como folheminista, em *A Revolução de Setembro*, tendo aí publicado até 1858 muitas dezenas de artigos de crítica e revista. Teve o seu sucessor em Júlio César Machado (5) que admirava extraordinariamente o seu mestre: «... estabelecendo o folhetim entre nós, tornou-o um poder literário.... Fora o representante na literatura portuguesa das tendências e feições do nosso tempo.... Se houvesse

(1) *Idem*, n.º 2047, 9-I-1848, p. 1.

(2) *Idem*, n.º 1676, 6-X-1848, p. 1.

(3) «A idade do ordeiro varia entre trinta e sessenta anos. É democrata nas palavras, mas aproxima-se da aristocracia pela esposa, quando é casado.... Sacrifica-se ao martírio das condecorações.... por amor conjugal. Uma portinhola de carruagem sem brasão é um delito contra o bom gosto.... Este é o ordeiro legítimo, o *pur-sang*; é o ordeiro que faz medidas no paço, que não falta ao beija-mão.... O ordeiro finalmente, é o produto, o sintoma, o símbolo triunfante do adormecimento, da indiferença, da frieza....» (*Idem*, n.º 2761, 7-VI-1851, p. 2, cols. 1 e 3).

(4) A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Physiologia do Theatro de S. Carlos*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2090, 3-III-1849, pp. 1-3, n.º 2096, 10-III-1849, pp. 1-3 e *Physiologie des théâtres de Lisbonne. San-Carlos. (Traduit sur manuscrit par Ortaire Fournier)*, in «Revue Lusitanienne», t. 1.º, Lisbonne, Au Bureau de la Revue Lusitanienne, 1852, pp. 54-60.

(5) «O folhetim, crónica divertida, só encontrará o seu autor ideal na geração seguinte [à de Lopes de Mendonça] em Júlio César Machado» (JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, *ob. cit.*, vol. 2.º, p. 382). Para o autor dos *Apontamentos de um folheminista*, «... o folhetim deve ser a apreciação constante de todos os acontecimentos, a divagação corrente e fácil, a propósito de assuntos os mais diversos, à proporção que eles aparecerem, pronto e preparado sempre para eles, e sabendo assinalar a actividade e aptidão em trabalhos sucessivos, diferentes entre si na índole e na feição, conforme for o motivo que os inspire» (JÚLIO CÉSAR MACHADO, *Claudio*, 2.ª ed., Lisboa, 1875, p. 176). Pinheiro Chagas ao analisar a implantação e índole do folhetim, entre nós, afirma: «A poesia, o drama, o romance, contaram os seus campeões .... só o folhetim, género de literatura novo, parecia não dever enraizar-se em Portugal .... qual era a índole do folhetim, desse género essencialmente francês....? Era a índole da borboleta.... O folhetim devia esvoaçar por todos os assuntos .... devia poisar em todas as flores .... divagar por todos os meandros que se lhe oferecessem, contanto que não saísse do jardim delicado e aprazível onde lhe cumpria espanejar-se (*A. P. Lopes de Mendonça*, in «Revista Contemporanea de Portugal e Brazil», vol. 5.º, Abril, 1864, Lisboa, 1865, pp. 564-65).

nascido em França, que carreira brilhante e feliz haveria tido» (1). Também Garrett exprimira o seu apreço pelo folhetinista, sobretudo «pelo seu folhetim sobre a morte de Marília de Dirceu» que considerava «uma jóia de subido valor». Podemos concluir que o folhetim a par de um certo lirismo, apresenta a descrição de tipos sociais e revela autênticos quadros de costumes.

Dissemos já que em alguns dos folhetins lopeseanos, aparecem relatos de viagens salpicados de curiosos episódios, quer de digressões feitas no país, quer no estrangeiro.

De regresso da Itália, em 1850, Mendonça publica na *Revista Universal Lisbonense*, em vários artigos, as *Recordações de Itália*, saídos também em *A Semana*, no ano seguinte e, em 1852, sai a lume o primeiro volume, seguindo-se o segundo no ano imediato. A crítica de alguns contemporâneos foi extremamente elogiosa: «a obra mais esmerada e a que revela melhor as feições do seu talento» (2). Pinheiro Chagas analisa-a sob o ponto de vista do estilo e salienta «a nobreza da frase, a formação elegante do período no cuidadoso desbastar de repetições.... Neste ponto são modelos os folhetins de Lopes de Mendonça» (3). O folhetinista evidencia qualidades notórias no seu estilo vivo e fluente, amenizando o descritivo com o pitoresco (4).

Na sua obra *Memorias de litteratura contemporanea* o autor refunde os *Ensaio de critica e litteratura*, publicados em 1849. Iniciando-a com umas cartas dirigidas a Tomás de Carvalho sobre *A poesia e o seculo*, também publicadas em *A Revolução de Setembro*, prossegue com o estudo intitulado *Ultima arcadia* onde destaca três figuras notáveis: Bocage, José Agostinho de Macedo e Filinto Elísio, «estas as páginas

(1) JÚLIO CÉSAR MACHADO, *Cláudio*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1875, pp. 174-75. A sua admiração pelo «tutor» colhe-se em muitas páginas dos seus livros: «... Lopes de Mendonça, que tivera sempre por mim a ternura dum pai ou de um irmão mais velho saudava .... os esforços que eu empregava por lograr que não se me contestasse o uso que eu fizesse de uma pena ao escrever para o público» (*A vida alegre (2.<sup>a</sup> parte dos Apontamentos de um folhetinista)*, Lisboa, 1881, p. 8).

(2) L. A. REBELLO DA SILVA, *ob. cit.*, vol. 1.<sup>o</sup>, p. 30. Veja-se também o artigo, não assinado, *Quantos têm visitado....*, in «O Panorama», 3.<sup>a</sup> série, vol. 2.<sup>o</sup>, n.<sup>o</sup> 30, 23-VII-1853, pp. 233-34.

(3) MANUEL PINHEIRO CHAGAS, *Ensaio critico*, Porto, 1866, p. 257.

(4) «Quando tomo uma chávena de café com leite e uma torrada, e me dizem que a porcelana é de Sèvres ou de Saxónia, que o café veio de Havana ou do Brasil.... dou graças ao génio comercial e ao espírito navegador» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Recordações de Itália*, t. 1.<sup>o</sup>, Lisboa, 1852, p. 43).

mais bem traçadas do seu livro» (1). Penetra na obra garretiana e com um estudo aturado e um sábio tacto crítico analisa o *Camões* e o *Frei Luís de Sousa*, denotando uma notável objectividade quando faz a crítica ao *Arco de Sant'Anna*. Quanto a Herculano, torna-se mais conciso. Foca sobretudo a sua fisionomia de poeta e de filósofo, mas não lhe escapam as características do estilo do historiador (2).

De Rebelo da Silva escolhe a *Mocidade de D. João V* para a sua crítica literária. Para Lopes de Mendonça esta obra evidencia mais o «romanesco» das personagens do que o «triumfo de um pensamento social e político», o que não lhe retira a qualidade de romance histórico pois descreve determinados costumes e tem características definidas que nos faz penetrar num período específico da história. Mendonça salienta mesmo a «utilidade do romance histórico [no país] onde Alexandre Herculano escreveu *O Monge de Cister* e António de Oliveira Marreca, *O Conde Soberano de Castela*» (3). Salienta ainda a influência do folhetim na obra de Rebelo da Silva, mas salvaguarda o seu estilo cheio de individualidade.

Mendes Leal, romancista, crítico, folhetinista, denota, segundo o nosso crítico, uma imaginação apreciável e um poder de criação notório além de uma individualidade própria como poeta lírico. Mas é o seu talento e o seu poder de análise que o colocam num lugar de destaque no campo do teatro e, nessa medida, afirma Lopes de Mendonça: «[ele] é de certo o primeiro engenho dramático da mocidade portuguesa» (4). Muitos outros escritores foram alvo da apreciação crítica da pena lopeseana: Latino Coelho, Xavier Cordeiro, Andrade Corvo, A. Pereira da Cunha, António Gonçalves Dias, Oliveira Marreca, Luís Augusto Palmeirim, Bulhão Pato, António de Serpa Pimentel, José Freire de Serpa, são nomes que avultam nas páginas das *Memorias de litteratura contemporanea*. Podemos concluir que Lopes de Mendonça não está isento de defeitos mas conseguiu

---

(1) L. A. REBELLO DA SILVA, *ob. cit.*, vol. 1.º, p. 133.

(2) «... não possui os toques maviosos, o colorido vaporoso e ligeiro, o traço elegante e fugitivo do pincel; grava-se e entranha-se na pedra; sente-se gemer.... afigura-se-nos o imutável e poderosamente indestrutível da estatuária e arquitectura...» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Memorias de litteratura contemporanea*, p. 110).

(3) *Idem*, p. 117.

(4) *Idem*, pp. 161-62. Veja-se também do mesmo autor, *A poesia e a mocidade*, in «A Revolução de Setembro», n.º 1913, 29-VII-1848, p. 2, col. 2 e *Ensaios de critica e litteratura*, pp. 72 e 74.

superará-los por uma «leitura vasta, certa finura crítica, relativa objectividade, estilo algumas vezes ágil e expressivo» (1), o que lhe fez valer um lugar de destaque na história da crítica literária portuguesa.

O nosso escritor tentou também o teatro. À moda francesa escreveu provérbios (2), tendo traduzido do francês, *É mister que uma porta esteja aberta ou fechada*, de Alfred Musset. Publicado primeiramente em *A Epoca* aparece *Casar ou metter freira*, depois *Como se perde um noivo* (3), *Já é tarde* (4), *Lições para maridos* (imitação), *Tutor e pupilla*

(1) JACINTO DO PRADO COELHO, *Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, in «Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX», vol. 1.º, p. 255 e *Um crítico do romantismo: António Pedro Lopes de Mendonça*, in «A letra e o leitor», pp. 131-32. Andrade Ferreira comentava já esta obra: «O livro do sr. Lopes de Mendonça é inquestionavelmente um belo ensaio neste género. Espírito afinado pelo sentir francês e essencialmente desenvolvido pela leitura aturada dos melhores críticos, romancistas e poetas .... com que a França tanto nos honra .... o folhetinista respira toda a negligência culta de Jules Janin, Théophile Gauthier e Jules Leconte, aventurando por vezes, mas raras, a censura acerada de Gustave Planche. Naqueles desabaços .... que toca as raias mais sublimes da fantasia, mas que nunca se moldam aos preceitos de uma crítica regular, há o que quer que é de enebriante que se transmite ao estilo, que nos embriaga a imaginação, desvaira os sentidos e nos faz correr, sem respirar, atrás desses atrevidos e paradoxais raptos do brilhante escritor (*Revista litteraria no anno de 1855*, in «A Ilustração Luso-Brasileira. Jornal Universal», vol. 1.º, Lisboa, Typ. do Panorama, n.º 3, 19-I-1856, p. 19, cols. 1-2); é também curiosa a crítica que lhe é feita na *Revista Peninsular*: «Lástima que el cáncer de la politica haya contaminado su peregrino ingenio! Porque sin el veneno de esa manía social que todo lo inficiona.... el buen juicio del sr. Lopes de Mendoza no tendria muchos rivales en este linage de tareas (J. FERRER DE COUTO, *Cronica del mes anterior* [secção da revista], *Inaugurámos esa el presente* ...., in «Revista Peninsular», vol. 1.º, Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, n.º 6, Fevereiro, 1856, p. 260).

(2) «Toda a gente se serviu das suas muitas ou poucas letras para fazer um [proverbio]. [Mas] nem o espírito português se prestava a este género, nem a língua .... Era um género? Entre nós não chegou a sê-lo» (JÚLIO CÉSAR MACHADO, *Claudio*, 2.ª ed., Lisboa, 1875, p. 232). Como salienta JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, os provérbios surgiam «quando a falta de exigências estéticas [se fazia sentir]» (*O romantismo em Portugal*, vol. 4.º, p. 759).

(3) Veja-se a crítica irónica que o folhetinista com o pseudónimo *Bolingbroke* faz na secção *Revista da semana*, in «O Pharol», n.º 8, 11-VI-1849, p. 62.

(4) O autor faz a autocritica e diz: «Reconheço os defeitos da obra, meu amigo, mas já os não posso remediar. Tem todas as vantagens e todos os inconvenientes da improvisação. É o produto mal amadurecido de três noites de vigília literária .... A intenção desta obra literária, digo-o com a mão no coração, é conscienciosa e boa.... Combato a tirania e o princípio» (A. P. LOPES DE MENDONÇA, *Já é tarde. Proverbio. Carta-Prefacio. Ao meu amigo P. J. C.*, in «A Revolução de Setembro», n.º 2226, 20-VIII-1849, pp. 1-2).

(imitação) e *A bom entendedor meia palavra basta*, este último escrito em francês. Para além de provérbios e comédias, alguns deles simples imitações estrangeiras, o autor tentou também a carreira dramática com a tradução de *A Corte de Philippe IV* e a obra *Affronta por affronta*. Este drama situa-se no século XVI, apresentando o elemento popular contra a aristocracia. O autor pretende desfechar uma estocada na nobreza salvaguardando e exaltando os mais oprimidos. Os resultados da obra não foram, porém, os mais desejáveis, dividindo-se todavia as opiniões entre o bom acolhimento do público e as críticas de alguns jornalistas (1).

Mendonça contemplou-nos ainda com algumas obras de carácter histórico, mas essencialmente biográfico. É o caso de *Damião de Goes e a Inquisição em Portugal. Estudo biographico* (2) e *Noticia historica do Duque de Palmella* (3).

---

(1) São unânimes as opiniões dos comentaristas quanto à aceitação da peça pelo público do Teatro D. Maria II: «O bom acolhimento obtido pela *Affronta por affronta* do sr. Lopes de Mendonça é já um presságio esperançoso» (L. A. REBELLO DA SILVA, *Eschola moderna litteraria*, in «A Epoca», t. 1.º, n.º 25, 1848, p. 391; a mesma impressão está patente no artigo da secção *Theatros*, in «Revista Universal Lisboense», 2.ª série, t. 1.º, n.º 3, 23-XI-1848, p. 34; não se furta, no entanto, a críticas como esta: «... nem por isso há grande originalidade neste drama. O erro principal .... é não ter a época da acção bem definida .... O autor, inteiramente lançado na politica contemporanea, esqueceu muitas vezes a distancia que o separava da idade média» (artigo não assinado, inserido na rubrica *Noticias diversas*, in «Revista Popular», vol. 1.º, n.º 41, 9-XII-1848, p. 326); ou ainda a esta outra mais veemente: «Não julgueis que a aristocracia se desloca para ir ver a *Affronta por affronta* do sr. Lopes de Mendonça. O que iria lá buscar a aristocracia?... Uma lição dogmática de socialismo para uso de S. S.<sup>as</sup> os fidalgos e cavaleiros do século XVI?» artigo não assinado, inserido na secção *Revista da semana*, in «O Pharol», n.º 10, 25-VI-1849, p. 79).

(2) Veja-se em *Bibliographia* [secção da revista], I. F. SILVEIRA DA MOTTA, *Damião de Goes e a Inquisição em Portugal*, in «Archivo Universal. Revista hebdomadaria», 2.ª série, vol. 2.º, n.º 8, 22-VIII-1859, pp. 118-20 e in «A Revolução de Setembro», n.º 5190, 25-VIII-1857, pp. 1-2. Elogioso também é o texto de Ernesto Biester que se refere à obra como um «trabalho esmerado e consciencioso» (*Chronica* [secção da revista]. *Lisboa principia já....*, in «Revista Contemporanea de Portugal e Brazil», 2.ª ed., vol. 1.º, Abril, 1859, Lisboa, Escriptorio da Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, 1861, p. 196).

(3) Veja-se também *O duque de Palmella. Correspondencia do duque de Palmella 1.º e 2.º volume*, in «A Revolução de Setembro», n.º 3750, 6-X-1854, pp. 1-2, n.º 3751, 7-X-1854, pp. 1-3, n.º 3752, 8-X-1854, pp. 1-3, *El duque de Palmella. Su correspondencia*, in «Revista Peninsular», vol. 1.º, Lisboa, Typographia do Pro-

A obra deste ensaísta é vasta, contando com a participação em vários jornais e revistas, como já assinalámos na introdução ao nosso estudo. A sua actividade literária foi intensa e variada. Colocando-o na geração ultraromântica ele prenuncia já a fase realista. Não se lhe pode negar um «fecundo intento de alargar perspectivas mentais e um grave anseio de perfeição» (1). Enveredando pelo caminho da crítica social ele foi um difusor da ideologia socialista de que o *Ecco dos Operarios* foi porta voz, apesar da sua existência efémera (Abril de 1850 a Outubro de 1851).

Tentámos apenas uma abordagem às concepções e obras literárias de Lopes de Mendonça. Reconhecemos as muitas lacunas do nosso estudo, mas o nosso propósito era tão só publicar a bibliografia do autor acompanhada de uma simples introdução. Esperamos, no entanto, suscitar o interesse por um estudo profundo e exegético sobre este escritor que marcou um lugar importante na história literária portuguesa.

---

gresso, 1855, n.º 2, pp. 41-48, n.º 3, pp. 90-98, n.º 4, pp. 113-19 e *Memorias de litteratura contemporanea*, pp. 134-57. «É um esboço biográfico de um dos primeiros homens e dos mais eminentes deste país, traçado por uma das penas mais elegantes e das mais floridas que realçam a literatura moderna. É uma apreciação franca e desapaixonada da vida politica do duque de Palmella» (ERNESTO BIESTER, *D'esta vez o chronista...*, na *Chronica* [secção da revista]. in «Revista Contemporanea de Portugal e Brazil», 2.ª ed., vol. 1.º, Abril, 1859, pp. 439-40). Veja-se também I. F. SILVEIRA DA MOTTA, *Noticia historica do duque de Palmella por A. P. Lopes de Mendonça*, in «Archivo Universal», 3.ª série, vol. 3.º, n.º 21, 22-V-1860, pp. 326-27 e n.º 22, 29-V-1860, pp. 339-40.

(1) JACINTO DO PRADO COELHO, *Antonio Pedro Lopes de Mendonça*, in «Perspectiva da literatura portuguesa do seculo XIX», vol. 1.º, p. 258 e *Um critico do romantismo: António Pedro Lopes de Mendonça*, in «A letra e o leitor», p. 137.

## I. LIVROS E OPÚSCULOS

1. *Scenas da vida contemporanea*, 1.ª série, Lisboa, Typographia de José Baptista Morando, 1843, X + 144 + 2 inum. pp.
2. *Casar ou metter freira. Proverbio em um acto*, Lisboa, Impressão da Epoca, 1848, 31 pp.  
Teve 2.ª edição em 1858, saída em Lisboa, Typographia da Maria da Madre de Deus, juntamente com *Affronta por affronta. Drama em 4 actos* e *Como se perde um noivo. Proverbio em um acto*. Foi publicado em «A Epoca». *Jornal de industria, sciencias, litteratura e bellas artes*, Lisboa, Typographia da Revista Universal Lisbonense, com uma carta dirigida ao redactor como introdução, I, 26, 1848, pp. 409-11; I, 27, 1848, pp. 424-27; II, 28, 1849, pp. 4-7; II, 29, 1849, pp. 20-22.
3. *Affronta por affronta. Drama em 4 actos*, Lisboa, Impressão da Epoca, 1849, 42 pp.  
É seguido de *Casar ou metter freira. Proverbio em um acto*. Foi publicado em «A Epoca», II, 33, 1849, pp. 83-85; II, 34, 1849, pp. 99-102; II, 35, 1849, pp. 115-18; II, 36, 1849, pp. 129-30; II, 37, 1849, pp. 145-47. *Inocência (Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 1.º, p. 220), cita a obra saída da Typographia da Revolução de Setembro. Teve 2.ª edição em 1858, saída em Lisboa, Typographia da Madre de Deus, seguida de *Casar ou metter freira. Proverbio em um acto* e *Como se perde um noivo. Proverbio em um acto*.
4. *Como se perde um noivo. Proverbio em um acto*, Lisboa, Impressão da Epoca, 1849, 30 pp.  
Teve 2.ª edição em 1858, saída em Lisboa, Typographia da Maria da Madre de Deus, juntamente com *Affronta por affronta. Drama em 4 actos* e *Casar ou metter freira. Proverbio em um acto*. Foi publicado no jornal «A Epoca», II, 50, 1849, pp. 353-56; II, 51, 1849, pp. 369-71.
5. *Memorias d'um doido. (Romance contemporaneo)*, Lisboa, Typographia da Revista Universal Lisbonense, 1849.  
Foi publicado na «Revista Universal Lisbonense», 2.ª série, II, 2, 18 Out. 1849, pp. 18-19; II, 3, 25 Out. 1849, pp. 32-35; II, 4, 1 Nov. 1849, pp. 44-46; II, 5, 8 Nov. 1849, pp. 57-58; II, 6, 15 Nov. 1849, pp. 69-71; II, 8, 29 Nov. 1849, pp. 91-93; II, 11, 20 Dez. 1849, pp. 128-30; II, 14, 10 Jan. 1850, pp. 161-63; II, 15, 17 Jan. 1850, pp. 176-77; II, 16, 24 Jan. 1850, pp. 188-90; II, 17, 31 Jan. 1850, pp. 200-202; II, 19, 14 Fev. 1850, pp. 225-26; II, 21, 28 Fev. 1850, pp. 248-50; II, 22,

---

O primeiro número, em romano, corresponde ao número do volume ou tomo da revista ou jornal. O primeiro número, em algarismos árabes, corresponde ao número do jornal ou da revista.

7 Mar. 1850, pp. 258-59; II, 23, 14 Mar. 1850, pp. 273-75; II, 24, 21 Mar. 1850, pp. 280-82; II, 26, 4 Ab. 1850, pp. 311-12; II, 28, 18 Ab. 1850, pp. 335-37; II, 29, 25 Ab. 1850, pp. 347-48; II, 30, 2 Maio 1850, pp. 359-61; II, 31, 9 Maio 1850, pp. 371-72; II, 32, 16 Maio 1850, pp. 384-85; II, 33, 23 Maio 1850, pp. 395-97; II, 35, 6 Jun. 1850, pp. 424-26; II, 36, 13 Jun. 1850, pp. 436-38; II, 37, 20 Jun. 1850, pp. 448-50; II, 39, 4 Jul. 1850, pp. 469-71; II, 41, 18 Jul. 1850, pp. 494-96; II, 43, 1 Ag. 1850, pp. 518-20; II, 45, 15 Ag. 1850, pp. 540-42. Teve 2.<sup>a</sup> edição (correcta e aumentada pelo autor), em 1859, saída em Lisboa, Typographia de Costa Sanches, 166 pp. Saíu ainda em 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Empresa Lusitana Editora, s.d., 237 pp. Esta obra foi objecto da seguinte recensão; A. GALLEANO-RAVARA, *Paginas intimas*, (extracto do romance «*Memorias d'um doido*»), in «Album Italo-Portuguez», Lisboa, Imprensa Nacional, 1853, pp. 188-209, sendo acompanhada de um tradução italiana com o título *Pagine Intime*.

6. *Ensaio de critica e litteratura*, Lisboa, Typographia da Revolução de Setembro, 1849, XVI + 346 pp.

Esta obra foi depois refundida e ampliada pelo autor, aparecendo com o título *Memorias de litteratura contemporanea* em 1855. — Ver *infra*, n.º 19.

7. *Já é tarde. Proverbio*, Lisboa, Typographia da Rua da Bica de Duarte Bello, n.º 45, 1849, 6 inum. + IV + 28 pp.

Inocêncio (*Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 1.º, p. 220), refere a data de 1850, que é, efectivamente, a data da 2.<sup>a</sup> edição, saída na mesma tipografia. Foi publicado com uma carta prefácio dirigida ao amigo P. J. C. em «A Revolução de Setembro», 2226, 20 Ag. 1849, pp. 1-2; 2227, 21 Ag. 1849, pp. 1-2; 2228, 22 Ag. 1849, pp. 1-2; 2230, 24 Ag. 1849, pp. 1-2; 2233, 28 Ag. 1849, pp. 1-2; 2238, 3 Set. 1849, pp. 1-2; 2245, 11 Set. 1849, pp. 1-2; 2254, 21 Set. 1849, pp. 1-2; Com o título *Carta. Prefacio d'uma obra*, o autor repete, parcialmente, a carta publicada em «A Revolução de Setembro», no «Ecco Litterario», 13, 1 Mar. 1856, p. 12; embora afirme que continua a publicação, nós não a encontramos.

8. *Curso de litteratura professado no Gremio Litterario. Influencia da litteratura do seculo 18 na litteratura do seculo 19 e character da poesia neste seculo*. Lisboa, Typographia de António José da Rocha, 1849, 24 pp.

9. *Candidatura dum operario*, Lisboa, Typographia Social, [18...], 8 pp.

As indicações dadas reproduzem um verbete da Biblioteca Nacional de Lisboa, por não nos ter sido possível examinar o opúsculo.

10. *Manifesto eleitoral*, Lisboa, Typographia Social, (tem no fim a data de 29 de Outubro de 1851) 16 pp.

Aparece publicado em «A Revolução de Setembro», 2881, 31 Out. 1851, p. 2 e p. 3, cols. 1-2.

11. *Prologo* do livro de Augusto José Gonçalves Lima, *Murmurios*, Lisboa, Typographia da Revista Popular, 1851, pp. IX-XXIV.  
As páginas indicadas neste número e noutros com a referência de prólogo, juízo crítico ou esboço crítico, etc., referem-se unicamente à parte da autoria de Mendonça.
12. *Prologo* do livro de Luiz Augusto Palmeirim, *Poesias*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, pp. VIII-XIX.  
Teve 2.ª edição (aumentada de novas poesias) em 1854, saída em Lisboa, em casa do editor, A. J. F. Lopes, Rua do Ouro, n.º 227 e 228, pp. V-XIV. Foi também publicado sob o título *Poesias de L. A. Palmeirim*, in «A Revolução de Setembro», 2831, 3 Set. 1851, pp. 1-3.
13. *Juizo critico* do livro de Luiz Augusto Palmeirim, *Poesias*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, pp. 425-32.  
Teve 2.ª edição (aumentada de novas poesias) em 1854, saída em Lisboa, em casa do editor, A. J. F. Lopes, Rua do Ouro, n.º 227 e 228, pp. 303-309. Foi extraído, tal como o editor no-lo refere, (1.ª ed., p. 425, 2.ª ed., p. 303) do capítulo X dos *Ensaio de critica e litteratura* de Lopes de Mendonça.
14. *Prologo* do livro de João d'Aboim, *Os meus ultimos versos*, Lisboa, Typographia Lisbonense de Aguiar Vianna, 1854, pp. XIII-XXIV.
15. *Juizo critico* do livro de Eduardo Faria, *A estrella brilhante*, Lisboa, Typographia de Aguiar Vianna, 1852, 4 inum. pp.
16. *Recordações de Italia*, 2 tomos, Lisboa, t. 1.º, Typographia da Revista Popular, 1852, XIX + 276 pp.; t. 2.º, Typographia do Centro Commercial, 1853, 303 pp.

Uma grande parte desta obra havia sido já publicada em artigos de revista e de jornal. Assim os oito primeiros capítulos do t. 1.º, exactamente com os mesmos títulos, saem a lume na «Revista Universal Lisbonense», 2.ª série, III, 12, 28 Nov. 1850, pp. 141-42; III, 13, 5 Dez. 1850, pp. 152-53; III, 14, 12 Dez. 1850, pp. 165-67; III, 19, 16 Jan. 1851, pp. 224-26; III, 20, 23 Jan. 1851, pp. 234-37; III, 21, 30 Jan. 1851, pp. 247-49; III, 28, 20 Mar. 1851, pp. 335-36, III, 30, 3 Ab. 1851, pp. 354-56; III, 33, 24 Ab. 1851, pp. 391-93; III, 35, 8 Maio 1851, pp. 416-18; III, 37, 22 Maio 1851, pp. 437-39; III, 39, 5 Jun. 1851, pp. 462-64; III, 40, 12 Jun. 1851, pp. 485-86; III, 47, 31 Jul. 1851, pp. 557-560. Sob o título *De Milão a Monsa e La vendetta*, foram publicados em «A Semana», II, 18, Maio, 1851, pp. 205-207; II, 19, 20, Jun. 1851, pp. 215-16; pp. 227-28; II, 24, 25, Ag. 1851, pp. 270-71; pp. 280-82; II, 31, Set. 1851, pp. 344-46; II, 42, Ab. 1852, pp. 467-69. Os capitulos, do t. 1.º, intitulados *Uma excursão ao lado di Como*, saíram em «A Semana», II, 46, 47, 48, Junho 1852, pp. 509-12; pp. 521-23; pp. 533-35. Os oito capitulos do t. 2.º com o título *Beppa. Historia italiana*, aparecem reproduzidos, com algumas alterações, em «A Revolução de Setembro», 2719, 16 Ab. 1851, pp. 1-3 e 2721, 21 Ab. 1851, pp. 1-3 e, na íntegra, em «A Semana», II, 43, Maio, 1852, pp. 473-79.

Os sete capítulos que se seguem, *Beatriz. Episódio da revolução de 1848*, foram publicados em «A Revolução de Setembro», 2660, 4 Fev. 1851, pp. 1-2; 2661, 5 Fev. 1851, pp. 1-3 e em «A Semana», II, 44, Maio, 1852, pp. 485-89. Aparecem também inseridos em «Scenas e phantasias de nossos tempos», pp. 151-66. Também o texto *Um proscrito*, que engloba sete capítulos, já aparece textualmente no «Almanak Democrático para 1852», pp. 122-40. O artigo *Historia d'uma artista*, inserido no t. 2.º, era publicado também em «A Revolução de Setembro», 3435, 17 Set. 1853, pp. 1-2. Os quatro capítulos intitulados *A Italia politica* foram publicados, textualmente, em «A Revolução de Setembro», 2632, 30 Dez. 1850, pp. 1-2 e 2633, 31 Dez. 1850, pp. 1-2. A leitura do conto *La vendetta* inspirou uma poesia de António Xavier Rodrigues Cordeiro (como no-lo confessa o autor), intitulada *Doida d'Albano*, publicada em «A Semana», II, 44, Maio, 1852, pp. 489-90.

17. *Esboço crítico* do livro de José da Silva Mendes Leal Junior, *Os homens de marmore. Drama em cinco actos*, Lisboa, Typographia Panorama, 1854, pp. 125-29.  
Teve 2.ª edição em 1862, saída em Lisboa, Typographia do Panorama, pp. 81-85.
18. *Crítica litteraria* do livro de Ernesto Biester, *Um quadro da vida. Drama em 5 actos*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1855, pp. 173-78.  
Esta crítica foi também publicada em «A Revolução de Setembro», 3975, 17 Jul. 1855, pp. 1-2.
19. *Memorias de litteratura contemporanea*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1855, X + 388 pp.  
A data indicada na página de rosto não é a de 1855, como na capa, mas a de 1853. — Ver *supra*, n.º 6.
20. *Juizo crítico* do livro de Júlio César Machado, *O anel d'alliança*, Lisboa, Typographia Rua da Condessa, n.º 3, 1856, 2 inum. pp.
21. *A questão financeira em 1856*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1856, 55 pp.  
Esta mesma obra foi publicada em artigos em «A Revolução de Setembro», 4212, 1 Maio 1856, p. 1 e p. 2, col. 1; 4213, 3 Maio 1856, p. 1 e p. 2, col. 1; 4215, 6 Maio 1856, p. 1 e p. 2, col. 1; 4219, 10 Maio 1856, p. 1 e p. 2, col. 1; 4222, 14 Maio 1856, p. 1 e p. 2, cols. 1-2.
22. *Damião de Gões e a Inquisição de Portugal. Estudo biographico*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1859, 158 pp.  
Foi publicado nos «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa», II, Junho, 1858, pp. 193-226; II, Julho 1858, pp. 257-83; II, Agosto, 1858, pp. 321-58; II, Setembro, 1858, pp. 385-400. Segue-se um *Appendice com extractos e documentos do processo de Damião de Gões*, pp. 401-40. I. F. Silveira da Motta faz uma crítica a esta obra em «A Revolução de Setembro», 5190, 25 Ag. 1857, pp. 1-2, e em «Archivo Universal», 2.ª série, II, 8, 22 Ag. 1859, pp. 118-20.

- Inocência (*Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 8.º, p. 268) refere a data de 1849.
23. *Noticia historica do duque de Palmella*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, 106 pp. Segundo Inocência (*Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 8.º, p. 268), trata-se de «uma ampliação do *Elogio historico do mesmo Duque*, o qual seu autor se propunha ler na sessão solene da Academia [Real das Ciências] no referido ano, obstando porém a essa leitura um incómodo inesperado de saúde que repentinamente lhe sobreveio». Lopes de Mendonça cita o facto num breve prólogo desta obra.
24. *Scenas e phantasias de nossos tempos*, Lisboa, Typographia Universal, 1860, 191 pp.
- O autor coligiu nesta obra alguns artigos já publicados em livro e na imprensa periódica, como ele próprio afirma no início desta publicação. Assim o texto *A uma mulher*. (*Imitação*) fora já publicado, com mais um capítulo, no «Ecco dos Operarios», 14, 1 Ag. 1850, p. 6, col. 2 e p. 7. Sobre o texto *Beatriz* veja-se *supra*, n.º 16; sob o título *A cruz*. (*Fragmento d'um livro inedito*). *A. A. Bulhão Pato*, Lopes de Mendonça escreve em «A Revolução de Setembro», 3009, 10 Ab. 1852, pp. 1-2. Este mesmo artigo, sem introdução, é também publicado no «Almanach Democratico para 1853», pp. 86-96, versão esta reproduzida nas «Scenas e phantasias de nossos tempos»; sobre as traduções de Heine, inseridas nesta obra, vejamos as considerações feitas no nosso trabalho, p. 34, nt. 4; o artigo *Piano e philarmonicos* reproduz, com algumas alterações, o texto *A monomania philarmonica* publicado em «A Patria», 41, 30 Jan. 1856, pp. 1-2; o provérbio *A bom entendedor, meia palavra* saíra a lume na «Revista Contemporanea de Portugal e Brazil», Typographia do Futuro, I, Abril, 1859, pp. 38-43 e pp. 81-87, tal como *A sociedade e os bailes*, I, Abril, 1859, pp. 335-39.

## II. PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

25. *O casamento de Luis XV*. [*Theatro de D. Maria II*], «A Revolução de Setembro», Lisboa, Typographia da Revolução de Setembro, 1570, 11 Ag. 1846, pp. 1-3.
26. *O jornalismo litterario*, «A Revolução de Setembro», 1572, 13 Ag. 1846, pp. 1-4.
27. *As proesas de Richelieu*. [*Theatro de D. Maria II*], «A Revolução de Setembro», 1577, 20 Ag. 1846, pp. 1-2.
28. *A castellan sanguinaria, romance original em dous volumes*, «A Revolução de Setembro», 1579, 22 Ag. 1846, pp. 1-2.
29. *O conde Juliano, melodrama em 4 actos*. [*Theatro de D. Maria II*], «A Revolução de Setembro», 1583, 27 Ag. 1846, pp. 1-2.

30. *Os touros de curiosos*, «A Revolução de Setembro», 1588, 2 Set. 1846, pp. 1-3.
31. *A dama de S. Tropez — Drama em 5 actos*. [Theatro de D. Maria II], «A Revolução de Setembro», 1590, 4 Set. 1846, pp. 1-2.
32. *Adelaide — Drama em 6 quadros*. [Theatro de D. Maria II], «A Revolução de Setembro», 1595, 10 Set. 1846, pp. 1-3; 1596, 11 Set. 1846, pp. 1-3.
33. *A reforma dramatica I*, «A Revolução de Setembro», 1602, 18 Set. 1846, pp. 1-3.
34. *Revista litteraria. O Panorama*, «A Revolução de Setembro», 1607, 24 Set. 1846, pp. 1-3.
35. *Revista litteraria. A Salamandra — romance maritimo de Eugenio Sue*, «A Revolução de Setembro», 1611, 29 Set. 1846, pp. 1-3.
36. *Revista litteraria. Archivo Constitucional e Christão*, «A Revolução de Setembro», 1617, 6 Out. 1846, pp. 1-3.
37. *Esperança!*, «A Revolução de Setembro», 1620, 2 Ag. 1847, pp. 1-3.
38. *O Porto*, «A Revolução de Setembro», 1623, 5 Ag. 1847, pp. 1-3; 1624, 6 Ag. 1847, pp. 1-3; 1625, 7 Ag. 1847, pp. 1-2.
39. *O theatro portuguez*, «A Revolução de Setembro», 1627, 10 Ag. 1847, pp. 1-2; 1693, 26 Out. 1847, pp. 1-2.
40. *Eugenio. Romance maritimo por Francisco Maria Bordallo*, «A Revolução de Setembro», 1636, 20 Ag. 1847, pp. 1-2.
41. *Critica litteraria. Historia do cerco do Porto por S. J. da Luz Soriano — 1.º volume*, «A Revolução de Setembro», 1645, 31 Ag. 1847, pp. 1-2; 1647, 2 Set. 1847, pp. 1-3; 1657, 14 Set. 1847, pp. 1-2.
42. *Chronica dos espectaculos. As ruinas de Vaudemont — A eleição d'um marido*. [Theatro de D. Maria II], «A Revolução de Setembro», 1651, 7 Set. 1847, pp. 1-3.
43. *Critica litteraria. Rei ou impostor? Drama em cinco jornadas de F. M. Bordallo*, «A Revolução de Setembro», 1664, 22 Set. 1847, pp. 1-3.
44. *O theatro*, «A Revolução de Setembro», 1669, 28 Set. 1847, pp. 1-2.
45. *Pedro de Mello. Um poeta romantico n'uma era classica*, «A Revolução de Setembro», 1670, 20 Set. 1847, pp. 1-3; 1676, 6 Out. 1847, pp. 1-2; 1677, 7 Out. 1847, pp. 1-3.
46. *Pedro de Mello. Ao pé da cruz a tentação*, «A Revolução de Setembro», 1676, 6 Out. 1847, pp. 1-2; 1677, 7 Out. 1847, pp. 1-3.
47. *Pedro de Mello. Namoro e paixão*, «A Revolução de Setembro», 1678, 8 Out. 1847, pp. 1-3.
48. *O que faz Lisboa?* (1)...., «A Revolução de Setembro», 1686, 18 Out. 1847, pp. 1-3.

Este artigo, como alguns outros, está assinado com o pseudónimo *Rochester*, utilizado por Lopes de Mendonça, como se pode ver expli-

---

(1) Os títulos seguidos de reticências correspondem às primeiras palavras de artigos publicados sem título.

citamente neste mesmo jornal, 1721, 29 Nov. 1847, p. 3, onde aparece o nome do autor e o pseudónimo. O autor fala-nos expressamente do uso do citado pseudónimo em *Eu e o folhetim da Patria*, em «A Revolução de Setembro», 2139, 3 Maio 1849, p. 1, col. 1.

50. *O embaixador — Rodolfo — O quaker e a dançarina* [Theatro do Gymnasio], «A Revolução de Setembro», 1687, 19 Out. 1847, pp. 1-2.
51. *Crítica litteraria. A Virgem da Polonia — pelo conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos*, «A Revolução de Setembro», 1695, 28 Out. 1847, pp. 1-2.
52. *Desta vez tivemos a certeza....*, «A Revolução de Setembro», 1699, 3 Nov. 1847, pp. 1-3.  
Este artigo está assinado com o pseudónimo *Rochester*.
53. *A semana theatral*, «A Revolução de Setembro», 1702, 6 Nov. 1847, pp. 1-3; 1708, 13 Nov. 1847, pp. 1-2.  
Estes artigos estão assinados com o pseudónimo *Rochester*.
54. *Crítica estrangeira. Histoire de la Revolution Française par Louis Blanc — 1.º volume*, «A Revolução de Setembro», 1712, 18 Nov. 1847, pp. 1-2; 1713, 19 Nov. 1847, pp. 1-2.
55. *Chronica dos theatros. Repetição de Lucrecia Borgia — O novo bailado*. [Theatro de S. Carlos], «A Revolução de Setembro», 1721, 29 Nov. 1847, pp. 1-3.  
Este artigo está assinado com o nome do autor, figurando entre parêntesis, o pseudónimo *Rochester*.
56. *O sonho d'Akmeth*. [Theatro de S. Carlos], «A Revolução de Setembro», 1727, 6 Dez. 1847, p. 3.
57. *Othello*, «A Revolução de Setembro», 1753, 10 Jan. 1848, p. 1.
58. *Mr. Chevalier*. [Theatro de S. Carlos], «A Revolução de Setembro», 1755, 12 Jan. 1848, p. 1.
59. *O sopro das revoluções ainda não veio....*, «A Revolução de Setembro», 1857, 18 Maio 1848, pp. 1-2.  
Este artigo está assinado com o pseudónimo *Rochester*.
60. *As ideias socialistas afastadas....*, «A Revolução de Setembro», 1862, 24 Maio 1848, p. 1, col. 3 e p. 2, col. 1.
61. *Socialismo*, «A Revolução de Setembro», 1865, 27 Maio 1848, p. 2, cols. 2-3.
62. *Socialismo. Individualismo e concorrência*, «A Revolução de Setembro», 1867, 30 Maio 1848, p. 3.
63. *O Mestre de Santiago. Romance de Bermudes de Castro, traduzido por Evaristo Basto*, «A Revolução de Setembro», 1868, 21 Maio 1848, pp. 1-2.
64. *A chegada do paquete....*, «A Revolução de Setembro», 1874, 8 Jun. 1848, p. 1.  
Este artigo está assinado com o pseudónimo *Rochester*.

65. *O trapeiro de Paris, drama em 12 quadros*. [Theatro de D. Maria II], «A Revolução de Setembro», 1876, 10 Jun. 1848, pp. 1-2.
66. *A corrida no dia 13*, «A Revolução de Setembro», 1879, 15 Jun. 1848, p. 1.
67. *As prisões políticas vieram tornar.....*, «A Revolução de Setembro», 1895, 8 Jul. 1848, p. 1.  
Este artigo está assinado com o pseudónimo *Rochester*.
68. *A poesia e a mocidade*, «A Revolução de Setembro», 1900, 14 Jul. 1848, pp. 1-2; 1902, 17 Jul. 1848, pp. 1-2; 1903, 18 Jul. 1848, pp. 1-2; 1906, 21 Jul. 1848, pp. 1-2; 1907, 22 Jul. 1848, pp. 1-2; 1910, 26 Jul. 1848, pp. 1-2; 1913, 29 Jul. 1848, pp. 1-3; 1919, 5 Ag. 1848, pp. 1-3; 1929, 18 Ag. 1848, pp. 1-2; 1933, 23 Ag. 1848, pp. 1-2; 1951, 13 Set. 1848, pp. 1-2; 1963, 27 Set. 1848, pp. 1-2; 1970, 5 Out. 1848, pp. 1-2; 1971, 6 Out. 1848, pp. 1-2; 1983, 20 Out. 1848, pp. 1-2; 1984, 21 Out. 1848, pp. 1-2; 2003, 14 Nov. 1848, pp. 1-2; 2004, 15 Nov. 1848, pp. 1-2.
69. *Viva o gaz! eis o brado.....*, «A Revolução de Setembro», 1922, 9 Ag. 1848, p. 1.
70. *Fechou-se a estação de todo.....*, «A Revolução de Setembro», 1932, 22 Ag. 1848, p. 1.
71. *Recordações*. (Fragmento d'um livro intimo), «A Revolução de Setembro», 1936, 26 Ag. 1848, pp. 1-2; 1948, 9 Set. 1848, p. 1.
72. *A arte*. Á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> \*\*\* , «A Revolução de Setembro», 1938, 29 Ag. 1848, p. 1.
73. *Revista fóra de Lisboa*, «A Revolução de Setembro», 1947, 8 Set. 1848, p. 1.
74. *O gaz caminha devagar.....*, «A Revolução de Setembro», 1956, 19 Set. 1848, p. 1.
75. *Chateaubriand acabou os seus martyres.....*, «A Revolução de Setembro», 1961, 25 Set. 1848, p. 1.
76. *Quem porfia mata caça — comedia em 2 actos, pelo sr. Mendes Leal*. [Theatro do Gymnasio], «A Revolução de Setembro», 1964, 28 Set. 1848, p. 1.
77. *O gaz apesar de estar parado.....*, «A Revolução de Setembro», 1967, 2 Out. 1848, pp. 1-2.
78. *Para quem tem a ventura.....*, «A Revolução de Setembro», 1974, 10 Out. 1848, pp. 1-2.
79. *Revista fóra da terra*, «A Revolução de Setembro», 1979, 16 Out. 1848, pp. 1-2.
80. *O grande acontecimento do dia.....*, «A Revolução de Setembro», 1985, 23 Out. 1848, p. 1.
81. *Luíza Strozzi — Um poeta original — O barão Jellachich, e o café suíço — O Diario do Governo, e as feiras — A saude publica, e os fôcos d'infeção — A cholera — A bella e a fera — O limpa candieiros — Attila*. [Theatro de S. Carlos], «A Revolução de Setembro», 1991, 30 Out. 1848, pp. 1-2.
82. *O Attila — A Companhia — Hydras — Fóra os sinos — O dominó e o gamão — Uma galeria de quadros — A colera e a medicina — O limpa-candieiros, a marquesa — A Sapho e a sr.<sup>a</sup> Secci Corsi — O debute, e a sr.<sup>a</sup> Bussola —*

- A sr.ª Moreno, e as artes nacionaes*, «A Revolução de Setembro», 1996, 6 Nov. 1848, pp. 1-2.
83. *A Sapho — O rondó da senhora Secci Corsi — Um erro archeologico — Os sabios mudos — Em como se prova que as hydras jantam — A philosophia do vinho — A senhora Emilia no theatro do Salitre*, «A Revolução de Setembro», 2002, 13 Nov. 1848, pp. 1-2.
84. *Dois ensaios geraes — Houve aurora boreal? — A republica vermelha — O limpacandieiros — A lithographia do sr. Mesquita Pimentel — Portugal, nação guerreira — King ou a morte! — Em como se prova que Paul de Musset, escrevendo Le dernier Abbé, escreveu uma asneira*, «A Revolução de Setembro», 2008, 20 Nov. 1848, p. 1.
85. *A sr.ª King — As walkiris e o sr. Vioti — A Burleta, e o sr. Zucchini — Exemplo da theoria da costelleta — Sta. Cecilia e o seu pregador — A sr.ª Emilia — Lisboa sem sabor — A crise de Octave de Fourliac — O sr. Theodorico, e a sr.ª Delfina — A mulher de juizo — As hortas*, «A Revolução de Setembro», 2016, 29 Nov. 1848, p. 1.
86. *A estação theatral*, «A Revolução de Setembro», 2018, 5 Dez. 1848, pp. 1-2.
87. *Os fac-similes, e o sr. abbade de Castro — Um sabio fecundo — O palco, e a vingança d'um compositor — A mimica, e as walkiris — A sr.ª Rugally e o passo em caracter — Mademoiselle Moreno — O hotel sem o ser — João Baptista ou o Coração d'Ouro — O projecto de edificação do theatro*, «A Revolução de Setembro», 2021, 5 Dez. 1848, pp. 1-2.
88. *O papa absorvendo as atenções publicas — A platea geral — O que é fossil, e cetaceo — O sr. João Elias, e os comparsas dos lombardos — O sr. Lima Leitão e a Presse — A liga, e o sr. Agostinho Albano — A mulher de juizo — O club e a dança. O almoço da Peninsula*, «A Revolução de Setembro», 2027, 13 Dez. 1848, pp. 1-2.
89. *A critica e o drama — Affronta por affronta*, «A Revolução de Setembro», 2029, 15 Dez. 1848, pp. 1-2.
90. *O almoço da Peninsula — O inverno provado pelo paletôt do sr. João Elias — O beneficio de mademoiselle Moreno, e o passo hungaro — O dueto dos lombardos, e a Luzia de Lammermoor — Um barqueiro de 90 anos; e a statistica do sr. Claudio Adriano — O terceto — O rapto de mademoiselle Menay — As emoções produsindo fome — A liga*, «A Revolução de Setembro», 2031, 18 Dez. 1848, p. 1.
91. *O baile do Club — Revolução por portaria ao theatro de D. Maria II — Os dias de inverno — A liga e o Antonio da Cunha — Os fosseis pronunciando-se, e o cetaceo desdenhoso — O Salitre, e o sr. Braz Martins — O Cavaco — A Revista de Lisboa dá parte de mudança ao leitor para o anno de 1849*, «A Revolução de Setembro», 2036, 23 Dez. 1848, pp. 1-2.
92. *Instituições de beneficencia*, «A Revolução de Setembro», 2040, 29 Dez. 1848, pp. 1-2.
93. *O natal e o bispo de Viseu — Ainda o sr. abbade de Castro — S. Carlos e a sr.ª Gresti — O sr. Braz Martins — O baile da Peninsula — O janota*,

- e a legenda do seculo XVII — Um excerpto do sr. visconde de Laborim*, «A Revolução de Setembro», 2041, 30 Dez. 1848, pp. 1-2.
99. *Casar ou metter freira. Proverbio em um acto.* — Ver *supra*, n.º 2.
100. *Affronta por affronta. Drama em 4 actos.* — Ver *supra*, n.º 3.
101. *Como se perde um noivo. Proverbio em um acto.* — Ver *supra*, n.º 4.
102. *O anel*, «A Revolução de Setembro», 2044, 4 Jan. 1849, p. 1; 2048, 10 Jan. 1849, pp. 1-2; 2060, 25 Jan. 1849, p. 1; 2072, 9 Fev. 1849, p. 1; 2076, 14 Fev. 1849, p. 1.
103. *O anno de 1848. (Revista retrospectiva)*, «A Revolução de Setembro», 2045, 5 Jan. 1849, pp. 1-2.
104. *A Nação, e a cholera-morbus — Os bailes, e os pannos de ras — D. Pasquale — O beneficio de madame Marsigliani — A camara municipal — O retrato de S. Magestade, e o sr. D. José Balacca*, «A Revolução de Setembro», 2054, 17 Jan. 1849, pp. 1-2.
105. *Theatro da Thalia*, «A Revolução de Setembro», 2055, 18 Jan. 1849, p. 1.
106. *Macbeth. Drama lyrico em 4 actos*, «A Revolução de Setembro», 2059, 24 Jan. 1849, pp. 1-2.
107. 112. *Suponha o leitor que eu estava....*, «A Revolução de Setembro», 2062, 27 Jan. 1849, pp. 1-2.
108. *Houve crise — Ha crise de bailes — A Bastilha — A democracia dançante — As penhoras — O barbeiro de Sevilha — O sr. Braz Martins — A Malibrán e o imperador da Russia — As tres cidras do amor — Em como se prova que um ministro pode tambem ser academico*, «A Revolução de Setembro», 2068, 5 Fev. 1849, pp. 1-2.
109. *O carnaval — O Neptuno do Loreto — A immutabilidade em Portugal — Os bailes de beneficencia — O barbeiro de Sevilha, e os tres corcundas de Damasco — O sr. Braz Martins no Gymnasio e as tres cidras do amor no theatro de D. Maria II — A cosinha avaliada pela philosophia da historia*, «A Revolução de Setembro», 2073, 10 Fev. 1849, pp. 1-2.
110. *O paiz apreciado pelo seu movimento dançante — Os bailes — O barbeiro de Sevilha — A Beatriz de Tenda, a sr.<sup>a</sup> Gresti, o sr. Fiori, a sr.<sup>a</sup> Rosalina, e o sr. Baldanza — Como se acaba o entrudo*, «A Revolução de Setembro», 2080, 19 Fev. 1849, pp. 1-2.
111. *Physiologia dos bailes*, «A Revolução de Setembro», 2084, 24 Fev. 1849, pp. 1-2.
- Este artigo é publicado posteriormente com o título *Physiologia dos bailes. (Fragmento d'um livro inedito)* no «Ecco dos Operarios», 1, 28 Ab. 1850, p. 6, col. 2 e pp. 7-8.
112. *Physiologia do theatro de S. Carlos*, «A Revolução de Setembro», 2090, 3 Mar. 1849, pp. 1-3; 2096, 10 Mar. 1849, pp. 1-3.

108. *O que é amor de patria? — Um clima perseguidor — Serão litterario, e cursos no Gremio — J. Masnadieri de Verdi, e Clara de Rosenberg em S. Carlos — A sr.<sup>a</sup> Clementina — Uma aventura romanesca — Chegada do sr. A. F. de Castilho*, «A Revolução de Setembro», 2102, 17 Mar. 1849, pp. 1-2.
109. *Uma representação no Salitre*, «A Revolução de Setembro», 2108, 24 Mar. 1849, pp. 1-2.
110. *O Gremio Litterario — Exposição artistica em casa do sr. duque de Palmella — Concertos de M. Oscar Pfeiffer — A cruz — drama original no theatro D. Maria — Chi dura Vince em S. Carlos — A gordura não exclue o sentimento — Rectificação*, «A Revolução de Setembro», 2114, 31 Mar. 1849, pp. 1-2.
111. *Este folhetim é escripto no alto....*, «A Revolução de Setembro», 2118, 7 Ab. 1849, pp. 1-2.
112. *Recordações de viagem*, «Revista Popular», Lisboa, Imprensa Nacional, II, 5, 11 Ab. 1849, pp. 36-38; II, 7, 21 Ab. 1849, pp. 53-54; II, 9, 5 Maio 1849, pp. 68-69; II, 10, 12 Maio 1849, pp. 76-77; II, 12, 26 Maio 1849, pp. 93-94; II, 17, 30 Jun. 1849, pp. 132-33; II, 19, 14 Jul. 1849, pp. 148-49; II, 20, 21 Jul. 1849, pp. 156-57.
- Estes artigos estão assinados com o pseudónimo *Rochester*. O n.º 5, do vol. II, aqui citado, apresenta, por lapso, a data de 31 de Abril em vez de 11 de Abril. São depois publicados «com mais desenvolvimento», como nos diz o autor, no «Ecco dos Operarios», 15, 8 Ag. 1850, pp. 6-7; 16, 15 Ag. 1850, p. 5 e p. 6, col. 1; 17, 22 Ag. 1850, p. 7 e p. 8, col. 1; 18, 29 Ag. 1850, p. 5, col. 2, p. 6 e p. 7, col. 1; 19, 6 Set. 1850, p. 8; 20, 13 Set. 1850, p. 5, col. 2 e p. 6. Embora no n.º 20 se afirme que o artigo continua, não encontrámos mais nenhum número. Sabemos que, nessa altura, faz uma viagem a Itália donde regressa em 15 de Novembro de 1850 como noticia o «Ecco dos Operarios», 29, 16 Nov. 1850, na sua secção *Varietades*.
113. *Os partidos esperam com anciedade....*, «A Revolução de Setembro», 2123, 14 Ab. 1849, pp. 1-2.
114. *Revista litteraria. Zacuto, Jornal de medicina e sciencias accessorias*, «A Revolução de Setembro», 2124, 16 Ab. 1849, pp. 1-2.
115. *O sr. João Dias do Quintal....*, «A Revolução de Setembro», 2129, 21 Ab. 1849, pp. 1-2.
116. *Sempre temos um grande prazer....*, «A Revolução de Setembro», 2135, 28 Ab. 1849, pp. 1-2.
117. *Eu e o folhetim da Patria*, «A Revolução de Setembro», 2139, 3 Maio 1849, pp. 1-3.
118. *O concerto do sr. Oscar Pfeiffer....*, «A Revolução de Setembro», 2141, 5 Maio 1849, pp. 1-3.
119. *Não sei porque os poetas....*, «A Revolução de Setembro», 2147, 12 Maio 1849, pp. 1-2.

120. *Os theatros começam a resentir-se....*, «A Revolução de Setembro», 2152, 19 Maio 1849, pp. 1-2.
121. *O novo folhetim da Patria*, «A Revolução de Setembro», 2157, 25 Maio 1849, pp. 1-2.
122. *Perguntava-me n'outro dia uma senhora....*, «A Revolução de Setembro», 2158, 26 Maio 1849, pp. 1-3.
123. *É necessario que declare que me deito....*, «A Revolução de Setembro», 2164, 2 Jan. 1849, pp. 1-2.
124. *O spleen e a medicina (Dialogismo)*, «Revista Popular», II, 13, 2 Jun. 1849, pp. 100-101; II, 14, 9 Jun. 1849, pp. 108-109; II, 15, 16 Jun. 1849, pp. 117-18; II, 16, 23 Jun. 1849, pp. 124-25.

Estes artigos estão assinados com o pseudónimo *Rochester*.

125. *O tempo, ha alguns dias, faz-nos duvidar....*, «A Revolução de Setembro», 2169, 9 Jun. 1849, pp. 1-2.
126. *Revista dos espectaculos. No meio deste lethargo....*, «A Revolução de Setembro», 2173, 16 Jun. 1849, pp. 1-2.
127. *A semana dramatica. Segundo e terceiro concerto de Kontski*, «A Revolução de Setembro», 2179, 23 Jun. 1849, pp. 1-2.  
*Estas épocas revolucionarias....*, «A Revolução de Setembro», 2184, 30 Jun. 1849, pp. 1-2.
128. *Ao mesmo tempo que nenhum touriste....*, «A Revolução de Setembro», Lisboa, Typographia da Rua da Bicca de Duarte Bello, n.º 55, 2190, 7 Jul. 1849, pp. 1-2.
129. *A nossa sociedade além de toda....*, «A Revolução de Setembro», 2196, 14 Jul. 1849, pp. 1-2.
130. *Effectivamente, a questão das sereias....*, «A Revolução de Setembro», 2203, 28 Jul. 1849, pp. 1-2.
131. *Jules Janin escreveu um livro....*, «A Revolução de Setembro», 2208, 4 Ag. 1849, pp. 1-2.
132. *A novidade mais importante....*, «A Revolução de Setembro», 2214, 4 Ag. 1849, pp. 1-2.
133. *Correspondencia* — [Carta ao redactor da Revista Popular], «Revista Popular», II, 22, 4 Ag. 1849, p. 177.  
O título «Correspondencia» é o título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça. Este artigo está assinado com o nome do autor e o pseudónimo *Rochester*.
134. *Que diriam os leitores....*, «A Revolução de Setembro», 2220, 11 Ag. 1849, pp. 1-2.
135. *A academia sahiu do seu silencio....*, «A Revolução de Setembro», 2225, 18 Ag. 1849, pp. 1-3.

136. *Já é tarde. Proverbio.* — Ver *supra*, n.º 7.
137. *A realeza decahe, mesmo entre os animaes....*, «A Revolução de Setembro», 2231, 25 Ag. 1849, pp. 1-2.
138. *O ultimo amor*, «Revista Universal Lisbonense», 2.ª série, Lisboa, Typographia da Revista Universal Lisbonense, I, 42, 23 Ag. 1849, pp. 500-501; I, 43, 30 Ag. 1849, pp. 513-14; I, 44, 6 Set. 1849, pp. 521-22; I, 45, 13 Set. 1849, pp. 533-34; I, 46, 20 Set. 1849, pp. 543-44; I, 47, 27 Set. 1849, pp. 559-60; I, 48, 4 Out. 1849, pp. 568-69.
139. *A questão do theatro lyrico....*, «A Revolução de Setembro», 2237, 1 Set. 1849, pp. 1-2.
140. *É ás vezes dolorosa e triste....*, «A Revolução de Setembro», 2243, 8 Set. 1849, pp. 1-2.
141. *Ha ou não ha S. Carlos?....*, «A Revolução de Setembro», 2249, 15 Set. 1849, pp. 1-2.
142. *A feira é uma feição especial....*, «A Revolução de Setembro», 2255, 22 Set. 1849, pp. 1-2.
143. *O auctor da historia da Gallisa em Lisboa*, «A Revolução de Setembro», 2257, 25 Set. 1849, pp. 1-3.
144. *Bulwer no Pelham tem rasão de dizer....*, «A Revolução de Setembro», 2261, 29 Set. 1849, pp. 1-2.
145. *Les jours s'envolvent et ne se ressemblent pas....*, «A Revolução de Setembro», 2267, 6 Out. 1849, pp. 1-2.
146. *Esta convivencia semanal....*, «A Revolução de Setembro», 2273, 13 Out. 1849, pp. 1-2.
147. *Memorias d'um doido. (Romance contemporaneo).* — Ver *supra*, n.º 5.
148. *Nunca viste n'uma noite....*, «A Revolução de Setembro», 2279, 20 Out. 1849, pp. 1-2.
149. *No anno de 1847 o grande acontecimento....*, «A Revolução de Setembro», 2285, 27 Out. 1849, pp. 1-2.
150. *O inverno começou devéras....*, «A Revolução de Setembro», 2290, 3 Nov. 1849, pp. 1-2.
151. *Fraternidade!* «A Revolução de Setembro», 2295, 9 Nov. 1849, p. 1 e p. 2, col. 1.
152. *Revista dos theatros. Adriana Lecouvreur, drama em cinco actos por E. Scribe. [Theatro de D. Fernando]*, «A Revolução de Setembro», 2296, 10 Nov. 1849, pp. 1-3.
153. *O flaneur póde flunar um dia....*, «A Revolução de Setembro», 2302, 17 Nov. 1849, pp. 1-2.
154. *O Macbeth tornou-se o pesadelo....*, «A Revolução de Setembro», 2308, 24 Nov. 1849, pp. 1-2.

155. *Concerto de M. Casella*. «A Revolução de Setembro», 2314, 1 Dez. 1849, pp. 1-2.
156. *Segundo concerto do sr. Casella*, «A Revolução de Setembro», 2319, 7 Dez. 1849, pp. 1-2.
157. *Acreditam em agouros....*, «A Revolução de Setembro», 2325, 15 Dez. 1849, pp. 1-2.
158. *Revista litteraria. Conversações d'aldeia por Timon — traduzidas do francez por J. M. Nogueira*, «A Revolução de Setembro», 2330, 21 Dez. 1849, pp. 1-2.
159. *O numero um, segundo parece....*, «A Revolução de Setembro», 2331, 22 Dez. 1849, pp. 1-2.
160. *Estamos no fim do anno de 1849....*, «A Revolução de Setembro», 2336, 29 Dez. 1849, pp. 1-2.
161. *Litteratura. Romance. O Engeitado*, «Almanak Popular para o anno de 1850», Lisboa, Imprensa Nacional, 1849, pp. 120-35.  
O antetítulo «Litteratura» corresponde ao título da secção daquele almanaque, em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.
162. *O que sera este anno?....*, «A Revolução de Setembro», 2341, 5 Jan. 1850, pp. 1-2.
163. *A historia de um camarote. Fragmentos do livro inedito — As distracções d'um sceptico*, «A Revolução de Setembro», 2345, 10 Jan. 1850, pp. 1-2; 2346, 11 Jan. 1850, pp. 1-2; 2846, 20 Set. 1851, pp. 1-3.  
O último artigo intitula-se apenas *Historia de um camarote*. Sob o título *As distracções d'um sceptico. Historia d'um camarote*, o «Ecco dos Operarios», reproduz inteiramente os textos, dos n.ºs 2345 e 2346 no n.º 7, 12 Jun. 1850, p. 6, col. 2 e pp. 7-8 e o n.º 2846 no n.º 8, 18 Jun. 1850, p. 6 e p. 7, col. 1. embora publique mais artigos, nos n.ºs 2, 7 Maio 1850, pp. 6-7 e p. 8, col. 1; 4, 21 Maio, 1850, p. 8; 5, 28 Maio 1850, pp. 4-5; 6, 4 Jun. 1850, pp. 5-6; 8, 18 Jun. 1850, p. 6 e p. 7, col. 1; 10, 2 Jul. 1850, p. 5, col. 2 e p. 6.
164. *Chegou o dia fatal desta pieguice....*, «A Revolução de Setembro», 2347, 12 Jan. 1850, pp. 1-2.
165. *Não o acreditavamos, se o não vissem....*, «A Revolução de Setembro», 2353, 19 Jan. 1850, pp. 1-2.
166. *Portugal é um paiz essencialmente estrategico....*, «A Revolução de Setembro», 2358, 26 Jan. 1850, pp. 1-2.
167. *É certo que n'um paiz como o nosso....*, «A Revolução de Setembro», 2363, 1 Fev. 1850, pp. 1-2.
168. *Se eu me lembrasse do pouco....*, «A Revolução de Setembro», 2369, 9 Fev. 1850, pp. 1-2.
169. *Graças a Deos que perdemos....*, «A Revolução de Setembro», 2380, 23 Fev. 1850, pp. 1-2.

170. *O mundo, mesmo o nosso mundo....*, «A Revolução de Setembro». 2386, 2 Mar. 1850, pp. 1-2.
171. *Admiram-se de que a vida....*, «A Revolução de Setembro», 2392, 9 Mar. 1850, pp. 1-2.
172. *O mundo politico, e o mundo theatral....*, «A Revolução de Setembro», 2398, 16 Mar. 1850, pp. 1-2.
173. *Questões do dia*, «A Revolução de Setembro», 2402, 21 Mar. 1850, p. 1; 2403, 22 Mar. 1850, pp. 1-2; 2406, 27 Mar. 1850, pp. 1-2; 2409, 2 Ab. 1850, pp. 1-2.  
 No n.º 2409 o autor afirma que esta série de artigos continua, porém não encontrámos mais nenhum.
174. *Aproxima-se a semana santa....*, «A Revolução de Setembro», 2404, 23 Mar. 1850, pp. 1-2.
175. *A festa do Loreto foi de certo....*, «A Revolução de Setembro», 2407, 30 Mar. 1850, pp. 1-2.
176. *Porque não heide eu uma vez....*, «A Revolução de Setembro», 2413, 6 Ab. 1850, pp. 1-2.
177. *Ha um cabelleireiro em Lisboa....*, «A Revolução de Setembro», 2419, 13 Ab. 1850, pp. 1-3.
178. *Frei Luiz de Sousa. Drama em 3 actos. Por J. B. d'Almeida Garrett. [Theatro de D. Maria II]*, «A Revolução de Setembro», 2424, 19 Ab. 1850, pp. 1-2.
179. *Ao mesmo tempo que o Propheta....*, «A Revolução de Setembro», 2425, 20 Ab. 1850, pp. 1-2.
180. *O calôr é essencialmente inimigo....*, «A Revolução de Setembro», 2431, 27 Ab. 1850, pp. 1-3.
181. *No prospecto que annunciava esta publicação....*, «Ecco dos operarios», Revista social e litteraria, Lisboa, Typographia da Rua da Bica, n.º 55, 1, 28 Ab. 1850, pp. 1-4 e p. 5, col. 1.
182. *Quando se diz: «fechou-se S. Carlos!»....*, «A Revolução de Setembro», 2437, 4 Maio 1850, pp. 1-2.
183. *Aos operarios*, «Ecco dos operarios», 2, 7 Maio 1850, pp. 1-3.
184. *A industria e o mundo parlamentar*, «Ecco dos Operarios», 2, 7 Maio 1850, p. 3, col. 2 e p. 4, col. 1.
185. *A Associação — Periodico socialista dirigido por D. José Ordas e Avecilla*, «Ecco dos Operarios», 2, 7 Maio 1850, p. 8, cols. 1-2.
186. *Luiza ou a nodoa de sangue, é o drama....*, «A Revolução de Setembro», 2442, 11 Maio 1850, pp. 1-3.
187. *A industria e a comissão de inquerito*, «Ecco dos Operarios», 3, 14 Maio 1850, pp. 1-2; 4, 21 Maio 1850, pp. 1-2 e p. 3, col. 1; 5, 28 Maio 1850, pp. 1-2.

188. *A litteratura é hoje a mais poderosa.....* «A Revolução de Setembro», 2448, 18 Maio 1850, pp. 1-3.
189. *No dia 22 de maio o cemiterio.....*, «A Revolução de Setembro», 2454, 25 Maio 1850, pp. 1-3.
190. *Aonde estavamos nós?.....*, «A Revolução de Setembro», 2459, 1 Jun. 1850, pp. 1-3.
191. *A revolução economica*, «Ecco dos Operarios», 6, 4 Jun. 1850, pp. 1-2; 7, 12 Jun. 1850, pp. 1-2; 9, 25 Jun. 1850, pp. 1-2; 11, 9 Jul. 1850, p. 1 e p. 2, col. 1.
192. *Há duas qualidades de individuos.....*, «A Revolução de Setembro», 2464, 8 Jun. 1850, pp. 1-3.
193. *Hoje o folhetim não pôde ser senão.....*, «A Revolução de Setembro», 2469, 15 Jun. 1850, pp. 1-2.
194. *Pan e toros, é o grito do povo hespanhol.....*, «A Revolução de Setembro», 2475, 22 Jun. 1850, pp. 1-3.
195. *A ordem social. (Fragmento de um livro inedito)*, «Ecco dos Operarios», 9, 25 Jun. 1850, p. 7 e p. 8, col. 1.
196. *Hoje mais do que nunca concebo.....*, «A Revolução de Setembro», 2479, 28 Jun. 1850, pp. 1-3.
197. *Liberdade do commercio*, «Ecco dos Operarios», 10, 2 Jul. 1850, pp. 1-2.
198. *Poderia dizer-vos maravilhas do vapor.....*, «A Revolução de Setembro», 2485, 8 Jul. 1850, pp. 1-2.
199. *Direitos protectores*, «Ecco dos Operarios», 12, 16 Jul. 1850, pp. 1-2; 13, 23 Jul. 1850, pp. 1-2.
200. *Projecto da associação dos operarios*, «Ecco dos Operarios», 12, 16 Jul. 1850, pp. 4-6; 13, 23 Jul. 1850, p. 3, col. 2, e pp. 4-5.  
 Este projecto é subscripto por José António do Nascimento Moraes Mantas (Fabricante) como presidente; António Pedro Lopes de Mendonça (escriptor publico) como relator; Manuel de Jesus Coelho (impresor); Francisco Vieira da Silva Junior (tipógrafo); Guilherme Augusto Rodemaker Teixeira (*idem*); Antonio Nunes (segeiro); José Maria Chaves (serralheiro); Antonio Augusto Xavier (negociante em pedras); Francisco de Sousa Brandão (engenheiro de pontes e calçadas pela escola de Paris) como secretário. No n.º 13 de 23 Jul. 1850, p. 3, subscreveram também, como suplentes, Manoel Caetano Pereira de Senna (químico) e António José da Silva (sapateiro).
201. *Historia de uma poesia*, «Ecco dos Operarios», 12, 16 Jul. 1850, p. 6, col. 2 e p. 7, col. 1.  
 Foi também publicada em «O Ecco Popular», 242, 23 Jul. 1850, p. 1.
202. *De todas as molestias moraes.....*, «A Revolução de Setembro», 2491, 15 Jul. 1850, pp. 1-2.

203. *Estamos em calma pòdre, social....*, «A Revolução de Setembro», 2496, 20 Jul. 1850, pp. 1-2.
204. *Decididamente, a camara municipal....*, «A Revolução de Setembro», 2502, 27 Jul. 1850, pp. 1-2.
205. *A concorrência e o socialismo*, «Ecco dos Operarios», 14, 1 Ag. 1850, pp. 1-3.
206. *A uma mulher. (Imitação)*. — Ver *supra*, n.º 24.
207. *Porque hade hoje apparecer....*, «A Revolução de Setembro», 2508, 3 Ag. 1850, pp. 1-2.
208. *O theatro de D. Maria 2.<sup>a</sup>....*, «A Revolução de Setembro», 2515, 12 Ag. 1850, pp. 1-2.
209. *União das alfandegas*, «Ecco dos Operarios», 16, 15 Ag. 1850, p. 1 e p. 2, col. 1.
210. *Sir John era um inglez....*, «A Revolução de Setembro», 2519, 17 Ag. 1850, pp. 1-2.
211. *Socialismo e systemas. Ao Jornal — A Esmeralda*, «Ecco dos Operarios», 17, 22 Ag. 1850, pp. 1-2.
212. *Sil John levantou-se cedo....*, «A Revolução de Setembro», 2525, 24 Ag. 1850, pp. 1-3.
213. *Não é a primeira vez que isto....*, «A Revolução de Setembro», 2531, 31 Ag. 1850, pp. 1-2.
214. *Sil John subiu gravemente....*, «A Revolução de Setembro», 2537, 7 Set. 1850, pp. 1-3.
215. *Concorrência e protecção*, «Ecco dos Operarios», 20, 13 Set. 1850, pp. 1-3.
216. *Chateaubriand socialista*, «Ecco dos Operarios», 20, 13 Set. 1850, p. 5, cols. 1-2; 22, 26 Set. 1850, p. 5, cols. 1-2.
217. *O que é Lisboa?....*, «A Revolução de Setembro», 2543, 14 Set. 1850, pp. 1-2.
218. *Os systemas no socialismo. Ao socialista*, «Ecco dos Operarios», 21, 19 Set. 1850, pp. 1-2.
219. *Vem em meu socorro, deusa!....*, «A Revolução de Setembro», 2549, 21 Set. 1850, pp. 1-3.
220. *Revista litteraria. Digam o que disserem....*, «A Revolução de Setembro», 2555, 28 Set. 1850, pp. 1-3.
221. *Cá estou! Faça a minha continência....*, «A Revolução de Setembro», Lisboa, Typographia de Manoel José Mendes Leite, Rua da Bicca de Duarte Bello, n.º 55, 2602, 23 Nov. 1850, pp. 1-2.
222. *Necrologia. A morte acaba de nos roubar....*, «Ecco dos Operarios», 30, 23 Nov. 1850, p. 8, col. 1.

O título «Necrologia», corresponde ao título da secção do jornal em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça. Além deste articulista, subscrevem a notícia Souza Brandão e Vieira da Silva, Junior.

223. *Recordações de Italia.* — Ver *supra*, n.º 16.
224. *A morte veio ceifar....*, «A Revolução de Setembro», 2608, 30 Nov. 1850, pp. 1-2.
225. *Portugal e o socialismo*, «Ecco dos Operarios», 32, 7 Dez. 1850, pp. 1-2; II, Lisboa, Imprensa de Cobellos, 36, 11 Jan. 1851, p. 1 e p. 2, col. 1.  
O artigo publicado no n.º 32 aparece também com o mesmo título em «O Ecco Popular», Porto, Typ. de João Lourenço de Sousa, 364, 16 Dez. 1850, pp. 1-2.
226. *A abertura do theatro italiano....*, «A Revolução de Setembro», 2614, 7 Dez. 1850, pp. 1-2.
227. *Decididamente vamos também....*, «A Revolução de Setembro», 2620, 14 Dez. 1850, pp. 1-2.
228. *Esta estação presençaia....*, «A Revolução de Setembro», 2626, 21 Dez. 1850, pp. 1-2.
229. *Ha mais de desessete annos....*, «A Revolução de Setembro», 2631, 28 Dez. 1850, pp. 1-3.
230. *A Italia politica. (Recordações).* — Ver *supra*, n.º 16.
231. *Estamos no anno de 1851....*, «A Revolução de Setembro», 2636, 4 Jan. 1851, pp. 1-3.
232. *Mad. Stoltz! Ella é neste momento....*, «A Revolução de Setembro», 2641, 11 Jan. 1851, pp. 1-2.
233. *Eu não sei se o entusiasmo....*, «A Revolução de Setembro», 2647, 18 Jan. 1851, pp. 1-3.
234. *O anno de 1851 estreou-se na historia....*, «A Revolução de Setembro», 2652, 25 Jan. 1851, pp. 1-3.
235. *Que tal esteve o baile da Peninsula?*, «A Revolução de Setembro», 2658, 1 Fev. 1851, pp. 1-3.
236. *Recordações de Italia. Beatriz. (Episodio da revolução de 1848).* — Ver *supra*, n.º 16.
237. *Não ha remedio senão....*, «A Revolução de Setembro», 2664, 8 Fev. 1851, pp. 1-3.
238. *Esta semana sim, não parece....*, «A Revolução de Setembro», 2670, 15 Fev. 1851, pp. 1-3.
239. *Eu não sei porque os poetas....*, «A Revolução de Setembro», 2677, 24 Fev. 1851, pp. 1-3.
240. *Tem-se dançado este inverno....*, «A Revolução de Setembro», 2682, 1 Mar. 1851, pp. 1-2.
241. *Acabaram-se os bailes....*, «A Revolução de Setembro», 2687, 8 Mar. 1851, pp. 1-3.

242. *O socialismo revolucionario e o socialismo conservador*, «Ecco dos Operarios», II, Lisboa, Typ. de Maria Feliciano das Neves, 43, 15 Mar. 1851, pp. 1-2.
243. *Passada a agitação dos bailes....*, «A Revolução de Setembro», 2693, 15 Mar. 1851, pp. 1-3.
244. *Como em geral os homens....*, «A Revolução de Setembro», 2699, 22 Mar. 1851, pp. 1-3.
245. *Um destes dias estava....*, «A Revolução de Setembro», 2704, 29 Mar. 1851, pp. 1-3.
246. *Eu parece-me que mais d'uma pessoa....*, «A Revolução de Setembro», 2710, 5 Ab. 1851, pp. 1-3.
247. *Está roto o rotulo do partido conservador....*, «A Revolução de Setembro», 2716, 12 Ab. 1851, pp. 1-3.
248. *Beppa. Historia italiana.* — Ver *supra*, n.º 16.
249. *A feira da ladra*, «A Revolução de Setembro», 2720, 19 Ab. 1851, pp. 1-3.
250. *Associações. Sessão solemne. Do anniversario da installação da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, em 3 de Fevereiro de 1851, 12.º anno da existencia da sociedade*, «Ecco dos Operarios», II, 47, 19 Ab. 1851, pp. 2-4.  
A intervenção de Lopes de Mendonça insere-se nas pp. 2-3.
251. *Como o mundo politico está entregue....*, «A Revolução de Setembro», 2726, 26 Ab. 1851, pp. 1-3.
252. *Não! ainda não chegou....*, «A Revolução de Setembro», 2732, 3 Maio 1851, pp. 1-3.
253. *O folhetim devia fazer acto de abdicação....*, «A Revolução de Setembro», 2737, 9 Maio 1851, pp. 1-3.
254. *O folhetim deveria hoje ser....*, «A Revolução de Setembro», 2744, 17 Maio 1851, pp. 1-3.
255. *Physiologia do spleen*, «A Revolução de Setembro», 2750, 24 Maio 1851, pp. 1-3.
256. *Fazeis-me favor de inventar....*, «A Revolução de Setembro», 2755, 31 Maio 1851, pp. 1-3.
257. *O folhetim apparece hoje....*, «A Revolução de Setembro», 2761, 7 Jun. 1851, pp. 1-3.
258. *Beneficio de la Stoltz*, «A Revolução de Setembro», 2764, 11 Jun. 1851, pp. 1-2.
259. *Do maior acontecimento da semana....*, «A Revolução de Setembro», 2766, 14 Jun. 1851, pp. 1-3.
260. *A procissão de Corpus Christi....*, «A Revolução de Setembro», 2771, 21 Jun. 1851, pp. 1-3.
261. *Floriram ou não floriram....*, «A Revolução de Setembro», 2775, 28 Jun. 1851, pp. 1-3.

262. *O socialismo em Hespanha*, «A Revolução de Setembro», 2779, 3 Jul. 1851, p. 2, cols. 1-3.
263. *Aposto que esperaveis que eu vos fallasse....*, «A Revolução de Setembro», 2781, 5 Jul. 1851, pp. 1-3.
264. *O necrologio d'um ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 2787, 12 Jul. 1851, pp. 1-3.
265. *Não viram todos n'outro dia....*, «A Revolução de Setembro», 2793, 19 Jul. 1851, pp. 1-3.
266. *Ha neste mundo coisas....*, «A Revolução de Setembro», 2799, 26 Jul. 1851, pp. 1-3.
267. *O folhetim a querer verdadeiramente....*, «A Revolução de Setembro», 2805, 2 Ag. 1851, pp. 1-3.
268. *Eu hoje, juro que é verdade!....*, «A Revolução de Setembro», 2811, 9 Ag. 1851, pp. 1-3.
269. *Mais de uma vez me lembro....*, «A Revolução de Setembro», 2816, 16 Ag. 1851, pp. 1-3.
270. *Eu já escrevi a physiologia do spleen....*, «A Revolução de Setembro», 2822, 23 Ag. 1851, pp. 1-3.
271. *A iluminação do passeio, a orchestra....*, «A Revolução de Setembro», 2828, 30 Ag. 1851, pp. 1-3.
272. *Poesias de L. A. Palmeirim*. — Ver *supra*, n.º 12.
273. *A lingua humana é impotente....*, «A Revolução de Setembro», 2834, 6 Set. 1851, pp. 1-3.
274. *Este calor assassina toda a actividade....*, «A Revolução de Setembro», 2840, 13 Set. 1851, pp. 1-3.
275. *Critica litteraria. Historia da marinha real hespanhola desde o descobrimento da America até á batalha do Trafalgar*, «A Revolução de Setembro», 2845, 19 Set. 1851, p. 1.
276. *Quando ha pouco mais de um anno....*, «Ecco dos Operarios», 2.ª série, Lisboa, Typographia Social, 48, 27 Set. 1851, p. 1 e p. 2, col. 1.
277. *Acta da reunião dos operarios*. «Ecco dos Operarios», 2.ª série, 48, 27 Set. 1851, p. 2, col. 2, pp. 3-7.  
A intervenção de Lopes de Mendonça insere-se na p. 4, col. 2 e p. 5, cols. 1-2.
278. *Estes mezes de estio tem sido....*, «A Revolução de Setembro», 2852, 27 Set. 1851, pp. 1-3.
279. *A futura camara*, «Ecco dos Operarios», 2.ª série, 49, 4 Out. 1851, p. 1 e p. 2, col. 1.
280. *Começa o inverno. Os viajantes recorrem....*, «A Revolução de Setembro», 2858, 4 Out. 1851, pp. 1-2.

281. *O tempo reconsiderou....*, «A Revolução de Setembro», 2864, 11 Out. 1851, pp. 1-2.
282. *Associação auxiliadora do Ecco dos Operarios*, «Ecco dos Operarios», 2.ª série, 50, 11 Out. 1851, pp. 17-18 e p. 19, col. 1.  
Subscreveu, além de Lopes de Mendonça, F. Vieira da Silva, Junior e José Maria Chaves.
283. *O socialismo em Espanha*, «Ecco dos Operarios», 2.ª série, 51, 18 Out. 1851, pp. 29-30.
284. *Se uma quantidade de meias folhas de papel....*, «A Revolução de Setembro», 2870, 18 Out. 1851, pp. 1-3.
285. *Vimos aqui saudar fraternalmente....*, «A Revolução de Setembro», 2871, 20 Out. 1851, p. 1, col. 1.  
Felicitação escrita e proferida por António Pedro Lopes de Mendonça na saudação feita a Luis Kossuth aquando da sua estadia em Lisboa. Está inserida num artigo de António Rodrigues Sampaio, *Tivemos entre nós Kossuth....*, *idem*, p. 1.
286. *M. Kossuth — A comissão eleitoral....*, «A Revolução de Setembro», 2872, 21 Out. 1851, p. 3, cols. 1-2 e «Ecco dos Operarios», 2.ª série, 52, 25 Out. 1851, pp. 34-35.  
Subscreveu este artigo, além de Lopes de Mendonça, José Maria Chaves, serralheiro; Francisco Vieira da Silva Junior, tipógrafo, José António d'Amorim, tipógrafo, Joaquim António Gonçalves, alfaiate.
287. *Ha uma coisa em que S. Carlos....*, «A Revolução de Setembro», 2876, 25 Out. 1851, pp. 1-3.
288. *Manifesto eleitoral.* — Ver *supra*, n.º 10.
289. *A comissão eleitoral operaria aos operarios*, «A Revolução de Setembro», 2881, 31 Out. 1851, p. 3, col. 2.  
Assinado por A. P. Lopes de Mendonça, escritor público, José Maria Chaves, serralheiro, F. Vieira da Silva, Junior, tipógrafo, Luiz da Silva Athaide e Mello, fabricante de escovas, José Antonio de Amorim, tipógrafo, Joaquim António Gonçalves, alfaiate.
290. *Eu vou todos os dias encontrando....*, «A Revolução de Setembro», 2882, 3 Nov. 1851, pp. 1-3.
291. *A comissão eleitoral operaria aos operarios de Lisboa*, «A Revolução de Setembro», 2886, 7 Nov. 1851, p. 2, col. 1.  
Assinam os mesmos elementos da dita comissão, já citados no n.º 293.
292. *Porque escreveria o nosso amigo Garrett....*, «A Revolução de Setembro», 2887, 8 Nov. 1851, pp. 1-3.
293. *As candidaturas locais*, «A Revolução de Setembro», 2890, 12 Nov. 1851, p. 2, cols. 1-2 e p. 3, col. 1.

294. *Quando começam os bailes?*, «A Revolução de Setembro», 2893, 15 Nov. 1851, pp. 1-3.
295. *Politicamente trabalha o telegrafo....*, «A Revolução de Setembro», 2899, 22 Nov. 1851, pp. 1-2.
296. *Os inglezes tem as suas corridas....*, «A Revolução de Setembro», 2905, 29 Nov. 1851, pp. 1-3.
297. *Revista litteraria. Lendas e narrativas por A. Herculano. 1.º e 2.º volumes*, «A Revolução de Setembro», 2911, 6 Dez. 1851, pp. 1-3.
298. *Estamos quasi a dizer adeus....*, «A Revolução de Setembro», 2922, 20 Dez. 1851, pp. 1-3.
299. *Esta semana começaram-se os trabalhos....*, «A Revolução de Setembro», 2927, 27 Dez. 1851, pp. 1-3.
300. *Um proscripto. (Recordações de Italia)*. — Ver *supra*, n.º 16.
301. *Entramos n'um novo anno....*, «A Revolução de Setembro», 2932, 3 Jan. 1852, pp. 1-3.
302. *Irmãs da caridade*, «A Revolução de Setembro», 2935, 8 Jan. 1852, pp. 1-2.  
Foi também publicado em «A Semana», 2.ª série, I, 4, Julho 1852, pp. 37-40.
303. *Li outro dia sessenta paginas....*, «A Revolução de Setembro», 2937, 10 Jan. 1852, pp. 1-3.
304. *Um baile todos sabem....*, «A Revolução de Setembro», 2943, 17 Jan. 1852, pp. 1-3.
305. *Dores e flores por Augusto Emilio Zaluar, Rio de Janeiro 1851*, «A Revolução de Setembro», 2948, 24 Jan. 1852, pp. 1-3.  
Foi também publicado em «A Semana», 2.ª série, I, 5 Agosto 1852, pp. 53-55 com o antetítulo «Critica Litteraria» que corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.
306. *Um dos mais distinctos....*, «A Revolução de Setembro», 2954, 31 Jan. 1852, pp. 1-2.
307. *O anno de 1852 annuncia-se sinistro....*, «A Revolução de Setembro», 2959, 7 Fev. 1852, pp. 1-2.
308. *Revista litteraria. A poesia e o seculo. Carta ao doutor C.\*\*\**, «A Revolução de Setembro», 2965, 14 Fev. 1852, pp. 1-3.
309. *Revista litteraria. A nova Academia*, «A Revolução de Setembro», 2976, 28 Fev. 1852, pp. 1-2.
310. *O que ha de novo?....*, «A Revolução de Setembro», 2982, 6 Mar. 1852, pp. 1-3.
311. *D. Pedro Madrazzo escreve um longo folhetim....*, «A Revolução de Setembro», 2988, 13 Mar. 1852, pp. 1-3.

312. *Incompatibilidades da critica!*, «A Revolução de Setembro», 2994, 20 Mar. 1852, pp. 1-3.
313. *Para quem acreditasse que nesta....*, «A Revolução de Setembro», 2999, 27 Mar. 1852, pp. 1-3.
314. *Ha uma scena no Macbeth....*, «A Revolução de Setembro», 3006, 5 Ab. 1852, pp. 1-3.
315. *A cruz. (Fragmento d'um livro inedito). A. R. Bulhão Pato.* — Ver *supra*, n.º 24.
316. *Revista litteraria. Patria e amor. Poezia de J. A. Sant'Anna e Vasconcellos*, «A Revolução de Setembro», 3015, 17 Ab. 1852, pp. 1-3.
317. *Viajar ao acaso*, «A Revolução de Setembro», 3021, 24 Ab. 1852, pp. 1-3.
318. *Chronica. Nós somos verdadeiramente....*, «A Semana», Lisboa, Imprensa Nacional, II, 41, Abril 1852, pp. 459-60.  
O título «Chronica» corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça, a que se seguem as primeiras palavras do artigo. Está assinado com o pseudónimo *Rochester*.
319. *Chronica. Tenho de escrever ainda....*, «A Semana», II, 42, Abril, 1852, pp. 469-70.  
O título «Chronica» corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça, a que se seguem as primeiras palavras do artigo. Está assinado com o pseudónimo *Rochester*.
320. *Bibliographia. Não temos este anno....*, «A Semana», II, 42, Abril 1852, pp. 470-72.  
O título «Bibliographia» corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça a que se seguem as primeiras palavras do artigo. O autor anuncia a publicação de algumas obras suas. nomeadamente *Apontamentos da comedia humana* em um volume, a 2.ª edição de *Ensaios de critica e litteratura*, em dois volumes e *Confidencias de um sceptico* de que seriam «publicados preliminarmente alguns excertos nos jornais de Lisboa».
321. *Pesa-nos que outros assumptos....*, «A Revolução de Setembro», 3027, 1 Maio 1852, pp. 1-3.
322. *Espectaculo verdadeiramente enternecedor....*, «A Revolução de Setembro», 3033, 3 Maio 1852, pp. 1-2.
323. *Fallem-nos dos toiros....*, «A Revolução de Setembro», 3039, 15 Maio 1852, pp. 1-2.
324. *Nihil mirari é mais do que nunca....*, «A Revolução de Setembro», 3044, 22 Maio 1852, pp. 1-3.
325. *A exposição das flores, que de quinze....*, «A Revolução de Setembro», 3050, 29 Maio 1852, pp. 1-3.

326. *Bibliographia. Brevemente daremos noticia....*, «A Semana», II, 43, Maio, 1852, pp. 482-83.  
O título «Bibliographia» corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.
327. *Beppa. Historia iraliana.* — Ver *supra*, n.º 16.
328. *Beatriz. (Episodio da Revolução de 1848). A la marchesa D\*\*\*. Ricardo di affeto ed amicizia.* — Ver *supra*, n.º 16.
329. *Epistolografia. Cartas de uma religiosa portugueza*, «A Semana», II, 44, Maio, 1852, pp. 494-95; II, 45, 46, 48, Junho, 1852, pp. 503-504; pp. 514-15; pp. 538-40.
330. *Relia mais uma vez, ha poucos dias....*, «A Revolução de Setembro», 3056, 5 Jun. 1852, pp. 1-3.
331. *Infelizmente, felizmente queria....*, «A Revolução de Setembro», 3061, 12 Jun. 1852, pp. 1-2.
332. *As exposições estão em voga....*, «A Revolução de Setembro», 3068, 22 Jun. 1852, pp. 1-2.
333. *Porque é que nem os estudos....*, «A Revolução de Setembro», 3071, 26 Jun. 1852, pp. 1-2.
334. *Typos nacionaes. Os philarmonicos*, «A Semana», II, 45, Junho, 1852, pp. 497-501.
335. *Correspondencia do duque de Palmella — 1.º e 2.º volumes*, «A Semana», II, 46, Junho, 1852, pp. 517-18.  
Esta publicação deveria continuar, como no-lo refere o citado artigo. O último número que encontrámos da revista «A Semans» é o da 2.ª série, 6, Agosto, 1852. (Cfr. ANTÓNIO XAVIER DA SILVA PEREIRA, *O jornalismo portuguez*, Lisboa, 1896, p. 64). Aquele artigo foi depois publicado (aumentado) em «A Revolução de Setembro», 3751, 7 Out. 1854, pp. 1-2, e traduzido para o espanhol e publicado (aumentado) sob o título *El duque de Palmella. Su correspondencia*, na «Revista Peninsular», Lisboa, Typographia do Progresso, I, 2, 1855, pp. 41-45. Teve continuação em «A Revolução de Setembro», 3752, 8 Out. 1854, pp. 1-3, que foi também publicado na «Revista Peninsular», I, 3, 4, 1855, pp. 90-98; pp. 113-19.
336. *Arqueologia politica*, «A Semana», II, 47, Junho, 1852, p. 526.
337. *Florilegio*, «A Semana», II, 47, Junho, 1852, pp. 529-30.  
Comentário a um trecho da obra de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, *Felicidade pela agricultura*, publicada em 1850.
338. «*Já não ha crianças!....*», «A Revolução de Setembro», 3076, 3 Jul. 1852, pp. 1-2.  
A primeira parte deste artigo foi também publicada sob o título *Folhetim da Revolução de Setembro de 3 de Julho de 1852* no livro de JÚLIO CÉSAR MACHADO, *Claudio*, Lisboa, Empreza Editora Carvalho e C.ª, s.d., pp. 5-9.

Neste artigo Lopes de Mendonça faz uma crítica ao livro de César Machado.

339. *Os adereços fugiram da procissão.....*, «A Revolução de Setembro», 3082, 10 Jul. 1852, pp. 1-2.
340. *A moda insinua-se em tudo.....*, «A Revolução de Setembro», 3089, 17 Jul. 1852, pp. 1-2.
341. *Não sei absolutamente nada.....*, «A Revolução de Setembro», 3093, 24 Jul. 1852, pp. 1-3.
342. *Escravidura branca*, «A Semana», 2.<sup>a</sup> série, I, 2, Julho, 1852, pp. 18-19.
343. *As três deusas. Charada em prosa*, «A Semana», 2.<sup>a</sup> série, I, 2, Julho, 1852, pp. 21-22.
344. *Chronica. Duas catastrophes.....*, «A Semana», 2.<sup>a</sup> série, I, 2, Julho, 1852, pp. 22-23.
- O título «Chronica» corresponde ao título da secção da revista em que colabora Lopes de Mendonça, a que se seguem as primeiras palavras do artigo. Está assinado com o pseudónimo *Rochester*.
345. *Mario nas ruínas de Carthago. (Fragmento de um livro inedito)*, «A Semana», 2.<sup>a</sup> série, I, 3, Julho, 1852, pp. 29-30.
346. *Chronica. Em risco de me tornar.....*, «A Semana», 2.<sup>a</sup> série, I, 3, Julho, 1852, pp. 34-35.
- Veja-se o que foi dito no n.º 351.
347. *Que pena é que esta revista.....*, «A Revolução de Setembro», 3106, 7 Ag. 1852, pp. 1-3.
348. *Teremos caminho de ferro?.....*, «A Revolução de Setembro», 3112, 14 Ag. 1852, pp. 1-3.
349. *Houve crise. Sahu um ministro.....*, «A Revolução de Setembro», 3118, 21 Ag. 1852, pp. 1-2.
350. *Nestes dias não se falla senão.....*, «A Revolução de Setembro», 3121, 28 Ag. 1852, pp. 1-2.
351. *Historia d'um retrato*, «A Semana», 2.<sup>a</sup> série, I, 6, Agosto, 1852, pp. 59-61.
352. *O nosso folhetim poderia.....*, «A Revolução de Setembro», 3130, 4 Set. 1852, pp. 1-2.
353. *Eis-me rodeado de livros.....*, «A Revolução de Setembro», 3136, 11 Set. 1852, pp. 1-2.
354. *Ê arrivata! Um bravo profundo.....*, «A Revolução de Setembro», 3142, 18 Set. 1852, pp. 1-2.
355. *Possuímos o elencho da companhia.....*, «A Revolução de Setembro», 3148, 25 Set. 1852, pp. 1-2.
356. *Se ha cousa aborrecida a descrever.....*, «A Revolução de Setembro», 3154, 2 Out. 1852, pp. 1-3.

357. *Eccomi affine in Babilonia!....*, «A Revolução de Setembro», 3160, 9 Out. 1852, pp. 1-2.
358. *Mad. Stoltz no Brasil*, «A Revolução de Setembro», 3165, 15 Out. 1852, p. 1, cols. 1-2.  
Segue-se a publicação do *Folhetim* do *Correio Mercantil* com uma homenagem a Mad. Stoltz, p. 1, cols. 2-3 e p. 2.
359. *Duas cousas não chego eu a compreender....*, «A Revolução de Setembro», 3166, 16 Out. 1852, pp. 1-2.
360. *Á democracia portuguesa*, «A Revolução de Setembro», 3172, 23 Out. 1852, p. 1, col. 3, p. 2 e p. 3, col. 1.
361. *A respeito de mad. Castellan....*, «A Revolução de Setembro», 3178, 30 Out. 1852, pp. 1-2.
362. *Citamos do Nacional de 30 de Outubro....*, «A Revolução de Setembro», 3181, 4 Nov. 1852, p. 2, cols. 2-3.
363. *Viva o inverno! Parabens ao nordeste....*, «A Revolução de Setembro», 3183, 6 Nov. 1852, pp. 1-2.
364. *O partido progressista e a situação. (Ao Nacional do Porto)*, «A Revolução de Setembro», 3184, 8 Nov. 1852, p. 2.
365. *O que é notavel, é que quando....*, «A Revolução de Setembro», 3189, 13 Nov. 1852, pp. 1-2.
366. *Com o risco de incorrer no desagrado....*, «A Revolução de Setembro», 3195, 20 Nov. 1852, pp. 1-2.
367. *A filha do regimento, essa gentilissima....*, «A Revolução de Setembro», 3202, 29 Nov. 1852, pp. 1-2.
368. *A «Calumnia» de Scribe é a traducção....*, «A Revolução de Setembro», 3212, 11 Dez. 1852, pp. 1-2.
369. *No domingo assisti á representação....*, «A Revolução de Setembro», 3218, 18 Dez. 1852, pp. 1-2.
370. *O principal alimento do espirito....*, «A Revolução de Setembro», 3223, 24 Dez. 1852, pp. 1-2.
371. *Physiologie des théâtres de Lisbonne. San-Carlos. (Traduit sur manuscrit par Ortaire Fournier)*, «Revue Lusitanienne», Lisbonne, Au Bureau de la Revue Lusitanienne, I, 1852, pp. 54-60.
372. *Propagande démocratique et sociale. Lettre de M. Lopes de Mendonça*, «Revue Lusitanienne», II, 1852, pp. 305-309.

Os títulos são da revista e não de Lopes de Mendonça. A carta, dirigida ao director da revista, Ortaire Fournier, foi por este traduzida para o francês, bem como o manifesto político espanhol a que Mendonça se refere na sua carta e que vem publicado na mesma revista, II, 1852, pp. 309-13.

373. *Este anno começou exactamente....*, «A Revolução de Setembro», 3233, 8 Jan. 1853, pp. 1-2.
374. *Não ha uma coincidência admiravel....*, «A Revolução de Setembro», 3239, 15 Jan. 1853, pp. 1-2.
375. *O grande acontecimento da semana....*, «A Revolução de Setembro», 3245, 24 Jan. 1853, pp. 1-2.
376. *Ha uma exposição de bellas-artes....*, «A Revolução de Setembro», 3250, 29 Jan. 1853, pp. 1-2.
377. *Affirmam-nos que em Italia....*, «A Revolução de Setembro», 3255, 5 Fev. 1853, pp. 1-2.
378. *Em que semsaboria viveria o mundo....*, «A Revolução de Setembro», 3260, 12 Fev. 1853, pp. 1-2.
379. *Carta a Mad. Castellan*, «A Revolução de Setembro», 3263, 10 Fev. 1853, p. 1, cols. 1-2.
380. *Decididamente, só a arte tem....*, «A Revolução de Setembro», 3266, 19 Fev. 1853, pp. 1-2.
381. *Existimos n'uma epoca de veras....*, «A Revolução de Setembro», 3272, 26 Fev. 1853, pp. 1-2.
382. *E digam que Portugal não caminha....*, «A Revolução de Setembro», 3278, 5 Mar. 1853, pp. 1-2.
383. *A verdade é que Lisboa não póde....*, «A Revolução de Setembro», 3285, 14 Mar. 1853, pp. 1-2.
384. *O publico tem muitos pontos....*, «A Revolução de Setembro», 3290, 19 Mar. 1853, pp. 1-2.
385. *As letras não estão totalmente....*, «A Revolução de Setembro», 3294, 26 Mar. 1853, pp. 1-2.
386. *Saint-Simon, e não fallo senão....*, «A Revolução de Setembro», 3300, 2 Ab. 1853, pp. 1-2.
387. *A opera nova em S. Carlos — Recursos nacionaes para a musica — Cuchares e a união iberica. Reunião para a estrada de Cintra a Collares — Animação dançante — Beneficio de mr. Réal*, «A Revolução de Setembro», 3305, 9 Ab. 1853, pp. 1-2.
388. *Theatro italiano — Stabat mater de Rossini — La fille de l'Avare — Louise ou la chanteuse des rues — Ensaos litterarios — A sociedade, e o romance — A chegada de mr. e de mad. Casella — Opera Haidée — Uma senhora compositora de musica*, «A Revolução de Setembro», 3311, 16 Ab. 1853, pp. 1-2.
389. *Para quem aprecia os acontecimentos....*, «A Revolução de Setembro», 3313, 19 Ab. 1853, p. 1.
390. *Enganais vos, senhores, não fizemos....*, «A Revolução de Setembro», 3316, 22 Ab. 1853, p. 1.

391. *Se quereis saber a cor dos vestidos....*, «A Revolução de Setembro», 3317, 23 Ab. 1853, pp. 1-2.
392. *O caminho de ferro e a nacionalidade*, «A Revolução de Setembro», 3318, 25 Ab. 1853, p. 1; 3323, 30 Ab. 1853, p. 1 e p. 2, col. 1; 3327, 6 Maio 1853, p. 1; 3329, 9 Maio 1853, p. 1 e p. 2, col. 1.
393. *Subsisteis ás regiões da metafysica....*, «A Revolução de Setembro», 3320, 27 Ab. 1853, p. 1, cols. 1-2.
394. *Considerações philosophicas a respeito dos bailes, e do matrimonio — Malek Addel — Polemica litteraria — O Novo Trovador — poesia a mr. Affre — folhas cahidas*, «A Revolução de Setembro», 3324, 2 Maio 1853, pp. 1-2.
395. *Morte de Marilia de Dirceo*, «A Revolução de Setembro», 3328, 7 Maio 1853, pp. 1-2.
396. *Ha duas especies de opposições....*, «A Revolução de Setembro», 3333, 13 Maio 1853, p. 1 e p. 2, col. 1.
397. *O folhetim e o artigo de fundo — Ainda Marilia de Dirceo — Dois artistas — Interpellações ao ministro do reino — Luccia de Lammermoor e mad. Rossi*, «A Revolução de Setembro», 3334, 14 Maio 1853, pp. 1-2.
398. *O Portuguez viu intenções....*, «A Revolução de Setembro», 3335, 16 Maio 1853, p. 2, cols. 1-2.
399. *O municipalismo*, «A Revolução de Setembro», 3338, 19 Maio 1853, p. 1 e p. 2, col. 1; 3343, 25 Maio 1853, p. 1; 3347, 31 Maio 1853, p. 1.
400. *Estamos desassombrados na questão do imposto....*, «A Revolução de Setembro», 3340, 21 Maio 1853, p. 1.
401. *Les malheurs d'un amant heureux — Os Martyres — Uma commenda — Haydée — A electricidade — Beneficio no theatro de D. Maria*, «A Revolução de Setembro», 3340, 21 Maio 1853, pp. 1-2.
402. *O Portuguez julgou ter-nos convertido....*, «A Revolução de Setembro», 3344, 27 Maio 1853, p. 1, cols. 1-2.
403. *Desde que os jornalistas politicos....*, «A Revolução de Setembro», 3345, 28 Maio 1853, pp. 1-2.
404. *O Portuguez está representando na imprensa....*, «A Revolução de Setembro», 3349, 2 Jun. 1853, p. 1, cols. 1-2 e p. 3, col. 1.
405. *Se ha baile, a que todos concorram....*, «A Revolução de Setembro», 3351, 6 Jun. 1853, pp. 1-2.
406. *O principio da liberdade dos bancos....*, «A Revolução de Setembro», 3352, 7 Jun. 1853, p. 1, cols. 1-2.
407. *Quaes serão as origens das palavras....*, «A Revolução de Setembro», 3356, 11 Jun. 1853, pp. 1-2.
408. *Muitos espiritos illustrados supõem....*, «A Revolução de Setembro», 3358, 15 Jun. 1853, p. 1 e p. 2, col. 1.

409. *Nós talvez possamos comprometter.....*, «A Revolução de Setembro», 3359, 16 Jun. 1853, p. 1, cols. 1-2.
410. *Carta de Ismael, musulmano vagabundo, a Zoleima, musulmana, que bebe vinho contra as prescripções do propheta*, «A Revolução de Setembro», 3361, 18 Jun. 1853, pp. 1-2.
411. *Ás vezes os talentos mais superiores.....*, «A Revolução de Setembro», 3361, 18 Jun. 1853, p. 2, col. 2.
412. *O Portuguez tem na pasta uma regeneração.....*, «A Revolução de Setembro», 3363, 21 Jun. 1853, p. 1, cols. 1-2.
413. *Uma mulher auctora é um facto.....*, «A Revolução de Setembro», 3366, 25 Jun. 1853, pp. 1-2.
414. *O Portuguez acalmou os seus odios.....*, «A Revolução de Setembro», 3367, 28 Jun. 1853, p. 1, cols. 2-3.
415. *O methodo de leitura repentina do sr. Antonio Feliciano de Castilho*, «A Revolução de Setembro», 3368, 1 Jul. 1853, p. 2, cols. 2-4.
416. *A questão do oriente está na ordem*, «A Revolução de Setembro», 3370, 2 Jul. 1853, pp. 1-2.
417. *O Portuguez de vez em quando registra.....*, «A Revolução de Setembro», 3375, 8 Jul. 1853, p. 1, cols. 2-4 e p. 2, col. 1.
418. *Um grande capitulo a fazer era.....*, «A Revolução de Setembro», 3382, 16 Jul. 1853, pp. 1-2.
419. *A semsaboria que se experimenta no verão.....*, «A Revolução de Setembro», 3388, 23 Jul. 1853, pp. 1-2.
420. *A politica velha expirou ou está.....*, «A Revolução de Setembro», 3390, 26 Jul. 1853, p. 1, cols. 1-2.
421. *Anatomia e phisiologia de Lisboa*, «A Revolução de Setembro», 3394, 30 Jul. 1853, pp. 1-2.
422. *É triste existirmos n'uma terra.....*, «A Revolução de Setembro», 3400, 6 Ag. 1853, p. 1, cols. 3-4.
423. *Pedi-nos uma senhora que escrevessemos.....*, «A Revolução de Setembro», 3400, 6 Ag. 1853, pp. 1-2.
424. *Critica litteraria. A mocidade de D. João V. Romance em 4 volumes por L. A. Rebello da Silva*, «A Revolução de Setembro», 3406, 13 Ag. 1853, pp. 1-2; 3494, 26 Nov. 1853, pp. 1-2; 3746, 1 Out. 1854, pp. 1-2.
425. *Revista fora da Terra*, «A Revolução de Setembro», 3411, 20 Ag. 1853, pp. 1-2.
426. *Se não houvesse outro motivo.....*, «A Revolução de Setembro», 3412, 22 Ag. 1853, p. 1, cols. 1-3.
427. *O parlamento que acaba de findar.....*, «A Revolução de Setembro», 3413, 23 Ag. 1853, p. 1, cols. 1-3.

428. *O Portuguez não nos comprehende....*, «A Revolução de Setembro», 3415, 25 Ag. 1853, p. 1, col. 1 e p. 2, col. 1.
429. *Engana-se o Portuguez, a questão social....*, «A Revolução de Setembro», 3416, 26 Ag. 1853, p. 1, cols. 1-3.
430. *O que nos anunciará este cometa?....*, «A Revolução de Setembro», 3417, 27 Ag. 1853, pp. 1-2.
431. *É coisa provada que quem quizer....*, «A Revolução de Setembro», 3423, 3 Set. 1853, pp. 1-2.
432. *Instrução primaria*, «A Revolução de Setembro», 3426, 7 Set. 1853, p. 2, cols. 1-2.
433. *O mez de setembro é o mez destinado....*, «A Revolução de Setembro», 3429, 10 Set. 1853, pp. 1-2.
434. *Historia de uma artista.* — Ver *supra*, n.º 16.
435. *A policia de Lisboa é realmente feita....*, «A Revolução de Setembro», 3447, 1 Out. 1853, pp. 1-2.
436. *Ninguém mais do que nós admira....*, «A Revolução de Setembro», 3447, 1 Out. 1853, p. 1, cols. 1-2.
437. *Meu caro amigo. Cumpre-me....*, «A Revolução de Setembro», 3447, 1 Out. 1853, p. 1, cols. 3-4.
438. *Os Catões retiram-se da scena politica....*, «A Revolução de Setembro», 3450, 5 Out. 1853, p. 1, cols. 1-2.
439. *As esperanças, por mais vivas que sejam....*, «A Revolução de Setembro», 3453, 8 Out. 1853, pp. 1-2.
440. *O Portuguez rasgou o véo que occultava....*, «A Revolução de Setembro», 3454, 10 Out. 1853, p. 1, cols. 1-3.
441. *Nós não concebemos a sociedade....*, «A Revolução de Setembro», 3458, 14 Out. 1853, p. 1, cols. 1-2.
442. *Hesitamos de veras em fallar....*, «A Revolução de Setembro», 3459, 15 Out. 1853, pp. 1-3.
443. *Até aqui julgavamos que só um....*, «A Revolução de Setembro», 3464, 21 Out. 1853, p. 1, cols. 1-3.
444. *Ha dias de primavera, e ha dias....*, «A Revolução de Setembro», 3465, 22 Out. 1853, pp. 1-2.
445. *Não invejamos a sorte ao Portuguez....*, «A Revolução de Setembro», 3467, 25 Out. 1853, p. 1, cols. 3-4 e p. 2, col. 1.
446. *Teem sido tantas e tão pungentes....*, «A Revolução de Setembro», 3469, 27 Out. 1853, p. 1, cols. 1-3.
447. *O Portuguez achou o retrato que delle....*, «A Revolução de Setembro», 3469, 27 Out. 1853, p. 1, cols. 3-4.

448. *Verdi não é infeliz por possuir....*, «A Revolução de Setembro», 3471, 29 Out. 1853, p. 1.
449. *O Portuguez confunde os tempos, e desconhece....*, «A Revolução de Setembro», 3472, 31 Out. 1853, p. 1, cols. 2-4 e p. 2, col. 1.
450. *Parece que Rossini triumphou em Lamego....*, «A Revolução de Setembro», 3477, 7 Nov. 1853, p. 1.
451. *Nem as doutrinas, nem os partidos....*, «A Revolução de Setembro», 3478, 8 Nov. 1853, p. 1, cols. 1-3.
452. *Apostatas não são os que se desprendem....*, «A Revolução de Setembro», 3480, 10 Nov. 1853, p. 1, cols. 1-3.
453. *Estamos assentados no theatro francez....*, «A Revolução de Setembro», 3482, 12 Nov. 1853, pp. 1-2.
454. *Nunca escondemos as nossas opiniões....*, «A Revolução de Setembro», 3483, 14 Nov. 1853, p. 1.
455. *A justificação do apoio que o partido....*, «A Revolução de Setembro», 3495, 28 Nov. 1853, p. 1, cols. 1-3.
456. *Um novo poeta*, «A Revolução de Setembro», 3501, 5 Dez. 1853, pp. 1-2.
457. *A questão da federação iberica tornou-se....*, «A Revolução de Setembro», 3504, 9 Dez. 1853, p. 1, cols. 1-3.
458. *Que coisa tão difficil é apaixonar....*, «A Revolução de Setembro», 3505, 10 Dez. 1853, pp. 1-2.
459. *A questão da união iberica, e é isto....*, «A Revolução de Setembro», 3508, 14 Dez. 1853, p. 1, cols. 1-3.
460. *O luto exerce tambem uma acção....*, «A Revolução de Setembro», 3511, 17 Dez. 1853, pp. 1-2.
461. *A opinião publica está justamente....*, «A Revolução de Setembro», 3518, 26 Dez. 1853, p. 1, col. 1.
462. *Nada ha a nossos olhos mais respeitavel....*, «A Revolução de Setembro», 3522, 30 Dez. 1853, p. 1, cols. 1-2.
463. *Critica litteraria. J. B. d'Almeida Garrett*, «A Revolução de Setembro», 3524, 2 Jan. 1854, pp. 1-3.
464. *Quem estudar attentamente a historia....*, «A Revolução de Setembro», 3534, 14 Jan. 1854, p. 1, cols. 1-3.
465. *A instrução pública necessita....*, «A Revolução de Setembro», 3540, 21 Jan. 1854, p. 2, col. 2.
466. *Appareceram finalmente Les filles de marbre....*, «A Revolução de Setembro», 3542, 24 Jan. 1854, pp. 1-2.
467. *Mando para a mesa a nota....*, «Diario da Camara dos Deputados», vol. 1.º, Lisboa, Imprensa Nacional, sessão n.º 23, 28 Jan. 1854, p. 198.

468. *Quando lemos a scintillante carta....*, «A Revolução de Setembro», 3548, 31 Jan. 1854, pp. 1-2.
469. *A questão que se ventila na camara....*, «A Revolução de Setembro», 3549, 1 Fev. 1854, p. 1, col. 1.
470. *Rigoletto é uma linda opera, e se me não....*, «A Revolução de Setembro», 3553, 7 Fev. 1854, pp. 1-2.
471. *Sr. Presidente mando para a mesa um requerimento....*, «Diário da Camara dos Deputados», vol. 2.º, sessão n.º 6, 8 Fev. 1854, p. 57.
472. *Congratulamo-nos por ver que na questão....*, «A Revolução de Setembro», 3554, 8 Fev. 1854, p. 1, cols. 1-2.
473. *Fallou hoje o sr. visconde de Almeida Garrett....*, «A Revolução de Setembro», 3557, 11 Fev. 1854, p. 1, cols. 1-3.
474. *A Luccia de Lammermoor foi um verdadeiro....*, «A Revolução de Setembro», 3558, 13 Fev. 1854, pp. 1-2.
475. *Membro e relator da comissão de estatística....*, «Diário da Camara dos Deputados», vol. 2.º, sessão n.º 11, 14 Fev. 1854, p. 93.
476. *No longo debate encetado na camara....*, «A Revolução de Setembro», 3560, 15 Fev. 1854, p. 1, col. 1.
477. *O barbeiro de Sevilha*, «A Revolução de Setembro», 3564, 20 Fev. 1854, pp. 1-2.
478. *Escravidão branca*, «A Revolução de Setembro», 3567, 23 Fev. 1854, p. 1, cols. 1-3; 3569, 25 Fev. 1854, p. 1, cols. 2-4; 3574, 4 Mar. 1854, p. 1, cols. 1-3.
479. *Nada ha mais insipido neste mundo....*, «A Revolução de Setembro», 3571, 1 Mar. 1854, pp. 1-2.
480. *Cançam-se de balde. A discussão da resposta....*, «A Revolução de Setembro», 3575, 6 Mar. 1854, p. 1, cols. 1-2.
481. *Nem todos os governos se encontram em circunstancias....*, «A Revolução de Setembro», 3578, 9 Mar. 1854, p. 1, cols. 2-3.
482. *Em seguida publicamos uma correspondencia....*, «A Revolução de Setembro», 3579, 10 Mar. 1854, p. 1, col. 3.
483. *O empréstimo Leroy — Chabrol continua....*, «A Revolução de Setembro», 3582, 14 Mar. 1854, p. 1, cols. 1-2.
484. *La Dame aux Camélias*, «A Revolução de Setembro», 3587, 20 Mar. 1854, pp. 1-2.
485. *As paixões, os despeitos, e mesmo as crenças....*, «A Revolução de Setembro», 3589, 22 Mar. 1854, p. 1, cols. 1-2.
486. *A existencia das opposições é para nós uma....*, «A Revolução de Setembro», 3596, 31 Mar. 1854, p. 1, cols. 1-2.
487. *Damos em seguida o notavel....*, «A Revolução de Setembro», 3597, 1 Ab. 1854, p. 2, col. 3.

488. *Não queremos tolher ás opposições o accesso....*, «A Revolução de Setembro», 3598, 3 Ab. 1854, p. 1, cols. 1-2.
489. *Inserimos com praser a demonstração....*, «A Revolução de Setembro», 3602, 7 Ab. 1854, p. 2, col. 2.
490. *Se a opposição progressista não aspira....*, «A Revolução de Setembro», 3603, 8 Ab. 1854, p. 1, cols. 1-2.
491. *Algumas ideias que eu tinha para apresentar....*, «Diario da Camara dos Deputados», vol. 4.º, sessão n.º 8, 11 Ab. 1854, pp. 132-34.
492. *Se não existisse essa pasmosa faculdade....*, «A Revolução de Setembro», 3608, 17 Ab. 1854, pp. 1-2.
493. *Não tive a pertençaõ de apresentar nenhuma ideia....*, «Diario da Camara dos Deputados», vol. 4.º, sessão n.º 12, 19 Ab. 1854, pp. 208-10.
494. *A longa discussão aberta na casa electiva....*, «A Revolução de Setembro», 3613, 22 Ab. 1854, p. 1, cols. 1-2.
495. *A questão dos vinculos, se já não estivesse....*, «A Revolução de Setembro», 3619, 29 Ab. 1854, p. 1, cols. 1-2.
496. *A questão da moeda é a questão....*, «A Revolução de Setembro», 3622, 3 Maio 1854, p. 1, cols. 1-2.
497. *A questão da moeda é de certo....*, «A Revolução de Setembro», 3623, 4 Maio 1854, p. 1, cols. 1-2.
498. *Votou-se hoje na generalidade....*, «A Revolução de Setembro», 3625, 6 Maio 1854, p. 1, cols. 1-2.
499. *A questão monetaria, graças ao sr. Avila....*, «A Revolução de Setembro», 3628, 10 Maio 1854, p. 1, cols. 1-2.
500. *A questão da moeda tem sido longamente....*, «A Revolução de Setembro», 3631, 13 Maio 1854, p. 1, cols. 1-2.
501. *Tres importantes assumptos teem occupado....*, «A Revolução de Setembro», 3634, 17 Maio 1854, p. 1, cols. 1-2.
502. *Acho altamente inconveniente que um deputado....*, «Diario da Camara dos Deputados», vol. 5.º, sessão n.º 16, 18 Maio 1854, p. 281.
503. *Entravamos hoje por acaso na camara dos pares....*, «A Revolução de Setembro», 3639, 23 Maio 1854, p. 1, col. 3.
504. *O Trovador foi um acontecimento no nosso....*, «A Revolução de Setembro», 3639, 23 Maio 1854, pp. 1-2.
505. *Estes ultimos quinze dias....*, «A Revolução de Setembro», 3649, 5 Jun. 1854, pp. 1-2.
506. *Critica litteraria. O arco de Sant'Anna. Chronica portuense. Por J. B. d'Almeida Garrett*, «A Revolução de Setembro», 3659, 17 Jun. 1854, pp. 1-2; 3734, 17 Set. 1854, pp. 1-2.

507. *Proponho que se vote uma verba de 1:500\$000 reis....*, «Diário da Câmara dos Deputados», vol. 6.º, sessão n.º 14, 19 Jun. 1854, pp. 252-61.
508. *A imprensa tem-se occupado ultimamente....*, «A Revolução de Setembro», 3664, 26 Jun. 1854, p. 1, cols. 1-3.
509. *A uma convicção chegamos nós....*, «A Revolução de Setembro», 3664, 26 Jun. 1854, pp. 1-2.
510. *A discussão do orçamento tem corrido....*, «A Revolução de Setembro», 3666, 28 Jun. 1854, p. 1, cols. 1-3.
511. *Lento é, mas vae apparecendo o progresso....*, «A Revolução de Setembro», 3669, 3 Jul. 1854, pp. 1-2.
512. *O theatro de S. Carlos e a estação theatral de 1854*, «A Revolução de Setembro», 3675, 10 Jul. 1854, pp. 1-2.
513. *Critica litteraria. Paqueta, poema inedito por R. A. de Bulhão Pato*, «A Revolução de Setembro», 3682, 18 Jul. 1854, pp. 1-2.
514. *Passou hoje na camara dos deputados....*, «A Revolução de Setembro», 3687, 23 Jul. 1854, p. 1, cols. 1-2.
515. *Os homens de marmore. Drama em cinco actos por Mendes Leal*, «A Revolução de Setembro», 3694, 1 Ag. 1854, pp. 1-2.
516. *As situações politicas, para nós, não significam....*, «A Revolução de Setembro», 3701, 9 Ag. 1854, p. 1, cols. 1-2.
517. *A rescisão do contracto do sabão....*, «A Revolução de Setembro», 3706, 15 Ag. 1854, p. 1, cols. 2-4.
518. *Não supponmos possível, no momento actual....*, «A Revolução de Setembro», 3709, 19 Ag. 1854, p. 1, cols. 1-2.
519. *O Progresso pede-nos que declaremos....*, «A Revolução de Setembro», 3709, 19 Ag. 1854, p. 1, cols. 2-3.
520. *Desadoramos a politica dos nomes proprios....*, «A Revolução de Setembro», 3710, 20 Ag. 1854, p. 1, cols. 1-2.
521. *Os que denominam este ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 3711, 22 Ag. 1854, p. 1, cols. 2-3.
522. *Critica litteraria. Appresentamos um dos capitulos....*, «A Revolução de Setembro», 3723, 5 Set. 1854, pp. 1-3.
523. *São largas e complexas as considerações....*, «A Revolução de Setembro», 3727, 9 Set. 1854, p. 1, cols. 3-4 e p. 2, col. 1.
524. *As coallições são um dos factos....*, «A Revolução de Setembro», 3732, 15 Set. 1854, p. 1, cols. 1-2.
525. *Os governos quanto mais tempo vivem....*, «A Revolução de Setembro», 3740, 24 Set. 1854, p. 1, cols. 1-2.
526. *Concebemos essas grandes divisões....*, «A Revolução de Setembro», 3743, 28 Set. 1854, p. 1, cols. 1-2.

527. *Damos aos nossos leitores....*, «A Revolução de Setembro», 3743, 28 Set. 1854, p. 2, cols. 1-2.
528. *As conquistas democraticas consolidam-se....*, «A Revolução de Setembro», 3749, 5 Out. 1854, p. 1, cols. 1-3.
529. *O duque de Palmella. Correspondencia do Duque de Palmella — 1.º e 2.º volume*, «A Revolução de Setembro», 3750, 6 Out. 1854, pp. 1-2.  
Este artigo não foi publicado nem na «Revista Peninsular» nem na «A Semana» — Ver *supra*, n.º 342.
530. *As finanças de um governo não revelam....*, «A Revolução de Setembro», 3755, 12 Out. 1854, p. 1, cols. 1-3.
531. *Temos duas palavras....*, «A Revolução de Setembro», 3755, 12 Out. 1854, p. 1, cols. 3-4.
532. *A companhia de S. Carlos chegou quando....*, «A Revolução de Setembro», 3758, 15 Out. 1854, pp. 1-2.
533. *Não nos cansemos em procurar causas....*, «A Revolução de Setembro», 3760, 18 Out. 1854, p. 1, cols. 1-2.
534. *A tendencia invariavel do governo....*, «A Revolução de Setembro», 3763, 21 Out. 1854, p. 1, cols. 1-3.
535. *Dois concertos consagraram em Lisboa....*, «A Revolução de Setembro», 3762, 24 Out. 1854, pp. 1-2.  
Aparece, por lapso, com o número 3762, devendo ser o 3765. Respeitamos no entanto aquela numeração pois a partir daqui o jornal mantém uma nova sequência, embora repetida.
536. *Se meditarmos bem na historia do governo....*, «A Revolução de Setembro», 3763, 25 Out. 1854, p. 1, cols. 1-2.
537. *Não desconhecemos o poder da iniciativa....*, «A Revolução de Setembro», 3766, 28 Out. 1854, p. 1, cols. 1-3.
538. *O aspecto economico do paiz vai mudar....*, «A Revolução de Setembro», 3769, 1 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-3.
539. *Ao mesmo tempo que a natureza....*, «A Revolução de Setembro», 3769, 1 Nov. 1854, pp. 1-2.
540. *Dois sentimentos igualmente perniciosos....*, «A Revolução de Setembro», 3771, 4 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-3.
541. *Não nos associamos de nenhum modo....*, «A Revolução de Setembro», 3774, 8 Nov. 1854, pp. 1-2.
542. *Trabalham dez mil operarios nas estradas....*, «A Revolução de Setembro», 3775, 9 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-3.
543. *Publicamos em seguida a carta....*, «A Revolução de Setembro», 3776, 10 Nov. 1854, p. 2, col. 2.
544. *Quem vir o jornalismo da opposição....*, «A Revolução de Setembro», 3778, 12 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-2.

545. *A linguagem dos jornaes da opposição.....*, «A Revolução de Setembro», 3781, 16 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-2.
546. *A questão iberica*, «A Revolução de Setembro», 3788, 24 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-3; 3798, 5 Dez. 1854, p. 1, cols. 1-3.
547. *Se todos se comprazem em reconhecer.....*, «A Revolução de Setembro», 3793, 30 Nov. 1854, p. 1, cols. 1-2.
548. *Lamentamos do coração os que unicamente.....*, «A Revolução de Setembro», 3795, 2 Dez. 1854, p. 1, cols. 1-2.
549. *Está em vespuras de realisar-se.....*, «A Revolução de Setembro», 3801, 8 Dez. 1854, p. 1, cols. 2-3.
550. *Acabamos de acompanhar ao jazigo.....*, «A Revolução de Setembro», 3803, 12 Dez. 1854, p. 1, cols. 1-2.
551. *Estamos cansados já de explicar.....*, «A Revolução de Setembro», 3807, 16 Dez. 1854, p. 1, cols. 1-2.  
 O número do jornal de 16 de Dezembro aparece, por lapso, com o n.º 3806, tendo sido este já publicado no dia 15 de Dezembro.
552. *O governo representativo é um regimen.....*, «A Revolução de Setembro», 3811, 21 Dez. 1854, p. 1, cols. 1-3.
553. *Votou-se hoje na camara dos deputados.....*, «A Revolução de Setembro», 3827, 12 Jan. 1855, p. 1, col. 1.
554. *Votou-se hoje na especialidade.....*, «A Revolução de Setembro», 3840, 28 Jan. 1855, p. 1, cols. 1-2.
555. *Decidiu-se hoje na camara dos deputados.....*, «A Revolução de Setembro», 3841, 30 Jan. 1855, p. 1, col. 1.
556. *Theatro de S. Carlos*, «A Revolução de Setembro», 3844, 4 Fev. 1855, p. 2, col. 3.
557. *A camara hoje rejeitou quasi todas.....*, «A Revolução de Setembro», 3847, 8 Fev. 1855, p. 1, cols. 1-3.
558. *A discussão da lei sobre o recrutamento.....*, «A Revolução de Setembro», 3850, 11 Fev. 1855, p. 1, cols. 1-2.
559. *Novos ensaios de critica. Antonio de Serpa*, «A Revolução de Setembro», 3850, 11 Fev. 1855, pp. 1-2.
560. *Novos ensaios de critica. João de Andrade Corvo. Um anno na corte. Romance em 4 vols.*, «A Revolução de Setembro», 3852, 14 Fev. 1855, pp. 1-3.
561. *Novos ensaios de critica. Perfis litterarios em 1855. Carta a M. Henri de Pène, collaborador de La Revue Contemporaine*, «A Revolução de Setembro», 3855, 17 Fev. 1855, pp. 1-2.
562. *Novos ensaios de critica. Perfis litterarios em 1855. J. M. Latino Coelho*, «A Revolução de Setembro», 3859, 23 Fev. 1855, pp. 1-2.

563. *Salão de S. Carlos*, «A Revolução de Setembro», 3859, 23 Fev. 1855, p. 2, cols. 2-3.
564. *Novos ensaios de critica. Perfis litterarios em 1855. Manoel Antonio Alvares de Azevedo*, «A Revolução de Setembro», 3861, 25 Fev. 1855, pp. 1-2.
565. *Critica litteraria. A missão especial do visconde de Abrantes, de Outubro de 1844 a Outubro de 1846. Rio de Janeiro 1853*, «A Revolução de Setembro», 3865, 2 Mar. 1855, pp. 1-2.
566. *Novos ensaios de critica. Dr. Thomaz de Carvalho*, «A Revolução de Setembro», 3870, 8 Mar. 1855, pp. 1-3.
567. *Somos pela desvinculação total da terra....*, «A Revolução de Setembro», 3877, 16 Mar. 1855, p. 1, cols. 1-2.
568. *O espirito de classe é ás vezes....*, «A Revolução de Setembro», 3883, 23 Mar. 1855, p. 1, cols. 1-2.
569. *Não nos parece decoroso que se....*, «A Revolução de Setembro», 3889, 30 Mar. 1855, p. 1, cols. 1-2.
570. *Ninguém ignora que uma commissão....*, «A Revolução de Setembro», 3889, 30 Mar. 1855, p. 2, col. 1.
571. *Nem só os idealistas se equivocam....*, «A Revolução de Setembro», 3896, 8 Ab. 1855, p. 1, cols. 1-2.
572. *Podem, como lhes aprouver baptisar....*, «A Revolução de Setembro», 3900, 13 Ab. 1855, p. 1, cols. 1-2.
573. *Agitou-se uma questão na camara....*, «A Revolução de Setembro», 3900, 13 Ab. 1855, p. 1, cols. 2-3.
574. *Não concedemos a nenhum homem....*, «A Revolução de Setembro», 3902, 15 Ab. 1855, p. 1, cols. 1-2.
575. *O projecto apresentado na camara....*, «A Revolução de Setembro», 3909, 24 Ab. 1855, p. 1, col. 2.
576. *Quando ha poucos dias um deputado....*, «A Revolução de Setembro», 3920, 6 Maio 1855, p. 1, col. 3.
577. *O projecto sobre morgados deve ser....*, «A Revolução de Setembro», 3924, 11 Maio 1855, p. 1, cols. 1-2.
578. *Critica litteraria. Perfis litterarios em 1855. Antonio Gonçalves Dias*, «A Revolução de Setembro», 3937, 27 Maio 1855, pp. 1-2.
579. *A grande superioridade do regimen....*, «A Revolução de Setembro», 3941, 1 Jun. 1855, p. 1, cols. 1-2.
580. *A democracia pôde e tem de certo....*, «A Revolução de Setembro», 3943, 3 Jun. 1855, p. 1, cols. 1-2.
581. *A litteratura e a sociedade em Portugal*, «A Revolução de Setembro», 3947, 10 Jun. 1855, pp. 1-2; 3951, 17 Jun. 1855, pp. 1-2; 3957, 24 Jun. 1855, pp. 1-2; 3968, 8 Jul. 1855, pp. 1-2; 3980, 22 Jul. 1855, pp. 1-2; 3993, 5 Ag. 1855, pp. 1-3;

- 3999, 12 Ag. 1855, pp. 1-2; 4004, 19 Ag. 1855, pp. 1-3; 4010, 26 Ag. 1855, pp. 1-2.
582. *Crítica litteraria*. D. José Zorrilla, «Ecco Litterario», 1.<sup>a</sup> série, Lisboa, Typ. Universal, 1, 1 Jul. 1855, pp. 2-3; 2, 15 Jul. 1855, pp. 1-2; 2, 15 Jul. 1855, pp. 1-2; 3, 1 Ag. 1855, p. 1; 5, 1 Set. 1855, p. 1.  
O antetítulo «Crítica litteraria», corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.
583. *Desadoramos todas as appellações ao poder....*, «A Revolução de Setembro», 3972, 13 Jul. 1855, p. 1, cols. 1-2.
584. *O sr. José Joaquim Gonçalves Basto escreveu de Lisboa....*, «A Revolução de Setembro», 3972, 13 Jul. 1855, p. 2, cols. 1-2.
585. *A academia real das sciencias....*, «A Revolução de Setembro», 3972, 13 Jul. 1855, p. 2, col. 2.
586. *Crítica litteraria. Um quadro da vida. Drama em 5 actos.* — Ver *supra*, n.º 18.
587. *Liberais e progressistas....*, «A Revolução de Setembro», 3977, 19 Jul. 1855, p. 1, cols. 1-3.
588. *Partiu hoje para os pontos do Algarve....*, «A Revolução de Setembro», 3982, 25 Jul. 1855, p. 2, col. 1.
589. *Estamos em vespéras de um grande acontecimento....*, «A Revolução de Setembro», 3984, 27 Jul. 1855, p. 1, cols. 1-2.
590. *Não doutrinamos nem aconselhamos a opposição....*, «A Revolução de Setembro», 3986, 29 Jul. 1855, p. 1, col. 1.
591. *Os jornaes hespanhoes do correio d'hoje....*, «A Revolução de Setembro», 3986, 29 Jul. 1855, p. 1, cols. 1-2.
592. *É difficil sempre e imprudente muitas vezes....*, «A Revolução de Setembro», 3990, 2 Ag. 1855, p. 1, cols. 1-3.
593. *Se ha partido que tenha menos direito....*, «A Revolução de Setembro», 3994, 7 Ag. 1855, p. 1, cols. 1-2.
594. *Em todo o systema de idéas....*, «A Revolução de Setembro», 4001, 15 Ag. 1855, p. 1, cols. 1-2.
595. *A Nação quando desce das vagas regiões....*, «A Revolução de Setembro», 4001, 15 Ag. 1855, p. 1, col. 3.
596. *A coallisão foi um daquelles grandes acontecimentos....*, «A Revolução de Setembro», 4003, 18 Ag. 1855, p. 1, cols. 1-2.
597. *Uma das pertençaes constantes do absolutismo....*, «A Revolução de Setembro», 4005, 21 Ag. 1855, p. 1, cols. 1-2.
598. *O absolutismo reconhece o direito da discussão....*, «A Revolução de Setembro», 4020, 7 Set. 1855, p. 1, cols. 1-2.
599. *Tres dias nos separam apenas da inauguração do novo reinado....*, «A Revolução de Setembro», 4026, 14 Set. 1855, p. 1, cols. 1-2.

600. *Litteratura portugueza no seculo XVIII*, «Ecco Litterario», 6, 15 Set. 1855, pp. 1-2; 7, 1 Out. 1855, p. 1; 8, 15 Out. 1855, p. 1.
601. *Como homem de partido é natural que applaudissemos....*, «A Revolução de Setembro», 4034, 23 Set. 1855, p. 1, cols. 1-2.
602. *Devemos agradecer á providencia....*, «A Revolução de Setembro», 4038, 28 Set. 1855, p. 1, cols. 1-2.
603. *Um sentimento digno de notar-se....*, «A Revolução de Setembro», 4050, 12 Out. 1855, p. 1, cols. 1-2.
604. *A existencia dos partidos é uma....*, «A Revolução de Setembro», 4069, 4 Nov. 1855, p. 2, cols. 1-2.
605. *Não temos esperança nas opposições....*, «A Revolução de Setembro», 4073, 9 Nov. 1855, p. 1, cols. 1-2.
606. *Ha muitos espiritos, mais superficiaes....*, «A Revolução de Setembro», 4079, 16 Nov. 1855, p. 1, cols. 1-2.
607. *Os progressos materiaes, sendo em si uma coisa....*, «A Revolução de Setembro», 4082, 22 Nov. 1855, p. 1, cols. 1-2.
608. *A legislação vincular é por ventura um facto....*, «A Revolução de Setembro», 4089, 30 Nov. 1855, p. 1, cols. 1-2.
609. *Critica litteraria. Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — Tentativa historica por Alexandre Herculano — 1.º e 2.º volumes*, «A Revolução de Setembro», 4092, 4 Dez. 1855, pp. 1-2; 4100, 14 Dez. 1855, pp. 1-2.
610. *Novas memorias de litteratura contemporanea. José Agostinho de Macedo. Poeta critico e escriptor politico*, «A Patria», Lisboa, Typographia da Rua dos Calafates, n.º 113, 1.º, 7, 18 Dez. 1855, pp. 1-2; 16, 29 Dez. 1855, pp. 1-2; 18, 1 Jan. 1856, pp. 1-2; 24, 9 Jan. 1856, pp. 1-2.
611. *Portugal sob a regencia de D. Fernando II*, «Revista Peninsular», Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, I, 5, Janeiro, 1856, pp. 165-71; I, 6, Fevereiro, 1856, pp. 246-53.
612. *A theoria do governo representativo....*, «A Revolução de Setembro», 4117, 5 Jan. 1856, p. 1, cols. 1-2.
613. *Novas memorias de litteratura. Memorias de litteratura portugueza da Academia Real das Sciencias*, «A Patria», 30, 16 Jan. 1856, pp. 1-2; 55, 17 Fev. 1856, pp. 1-2.
614. *A monomania philarmonica.* — Ver *supra*, n.º 24.
615. *Ainda não se negou a nenhum cidadão....*, «A Revolução de Setembro», 4140, 2 Fev. 1856, p. 1, cols. 1-2.
616. *Carta. Prefacio d'uma obra.* — Ver *supra*, n.º 7.
617. *Critica litteraria. Poesias de Francisco Xavier de Moraes. Porto 1855*, «A Revolução de Setembro», 4180, 25 Mar. 1856, pp. 1-2.
618. *A semana*, «A Revolução de Setembro», 4190, 6 Ab. 1856, pp. 1-2.

619. *A semana. Revista litteraria*, «A Revolução de Setembro», 4202, 20 Ab. 1856, pp. 1-2; 4209, 27 Ab. 1856, pp. 1-2.
620. *A questão financeira em 1856.* — Ver *supra*, n.º 21.
621. *Deploramos sinceramente vêr intelligencias....*, «A Revolução de Setembro», 4227, 20 Maio 1856, p. 1, cols. 1-3.
622. *A linguagem do novo governo....*, «A Revolução de Setembro», 4243, 10 Jun. 1856, p. 1, cols. 1-2.
623. *O partido progressista subio ao poder....*, «A Revolução de Setembro», 4246, 13 Jun. 1856, p. 1, cols. 1-2.
624. *O que teve de salutar e fecunda....*, «A Revolução de Setembro», 4246, 13 Jun. 1856, p. 1, cols. 3-4.
625. *As doutrinas do partido progressista....*, «A Revolução de Setembro», 4248, 17 Jun. 1856, p. 1, cols. 1-2.
626. *O entusiasmo desfallece, os hymnos....*, «A Revolução de Setembro», 4251, 20 Jun. 1856, p. 1, cols. 1-3.
627. *«Intendemos que para supprir....»*, «A Revolução de Setembro», 4251, 20 Jun. 1856, p. 1, cols. 3-4.
628. *Hesitamos por muito tempo....*, «A Revolução de Setembro», 4253, 24 Jun. 1856, p. 1.
629. *O ministerio actual tem de resolver....*, «A Revolução de Setembro», 4255, 27 Jun. 1856, p. 1, cols. 1-2.
630. *Estudos criticos. A litteratura e a poesia depois da revolução liberal*, «Revista Peninsular», I, 11, Julho, 1856, pp. 490-97; II, 3, Novembro 1856, pp. 120-32.
631. *O governo actual não hesita em....*, «A Revolução de Setembro», 4258, 1 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-3.
632. *Sentimentos de saudade e de affecto....*, «A Revolução de Setembro», 4258, 1 Jul. 1856, p. 2, col. 1.
633. *Esperavamos anciosos as medidas....*, «A Revolução de Setembro», 4261, 4 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-3.
634. *O Ecco das Provincias houve....*, «A Revolução de Setembro», 4261, 4 Jul. 1856, p. 1, col. 3.
635. *O anno de 1846 vem immediatamente....*, «A Revolução de Setembro», 4264, 8 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-3.
636. *A discussão que hoje se abriu....*, «A Revolução de Setembro», 4265, 9 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-2.
637. *A influencia não é o governo....*, «A Revolução de Setembro», 4267, 11 Jul. 1856, p. 1, cols. 3-4 e p. 2, col. 1.
638. *Apesar do grande tracto commercial....*, «A Revolução de Setembro», 4267, 11 Jul. 1856, p. 2, cols. 1-2.

639. *O partido progressista possui dentro....*, «A Revolução de Setembro», 4270, 15 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-3.
640. *As coallições foram faceis entre....*, «A Revolução de Setembro», 4273, 18 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-2.
641. *Seremos breves e concisos na resposta....*, «A Revolução de Setembro», 4273, 18 Jul. 1856, p. 1, cols. 3-4.
642. *Pelos ultimos jornaes do Brasil....*, «A Revolução de Setembro», 4273, 18 Jul. 1856, p. 2, col. 2.
643. *O tempo confirma, em vez de....*, «A Revolução de Setembro», 4276, 22 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-2.
644. *Sem sermos partidarios do mandato....*, «A Revolução de Setembro», 4282, 29 Jul. 1856, p. 1, cols. 1-3.
645. *O 1.º volume do Inquerito....*, «A Revolução de Setembro», 4282, 29 Jul. 1856, p. 2, cols. 1-2.
646. *Os partidos historicos reconhecem-se....*, «A Revolução de Setembro», 4285, 1 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-2.
647. *Os progressistas historicos estão convertidos....*, «A Revolução de Setembro», 4288, 5 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-3.
648. *Lemos ultimamente que a reforma....*, «A Revolução de Setembro», 4288, 5 Ag. 1856, p. 1, cols. 3-4.
649. *Nós vêmos constituídos na antiga....*, «A Revolução de Setembro», 4291, 8 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-2.
650. *Uma das questões em que desejamos....*, «A Revolução de Setembro», 4291, 8 Ag. 1856, p. 1, cols. 2-3.
651. *Os brasileiros tiveram uma feliz....*, «A Revolução de Setembro», 4291, 8 Ag. 1856, p. 2, cols. 1-2.
652. *Ouvimos as proclamações dos Tacitos....*, «A Revolução de Setembro», 4297, 13 Ag. 1856, p. 2, cols. 1-2.
653. *O Monitor Universal, órgão official....*, «A Revolução de Setembro», 4301, 19 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-2.
654. *Houve um deficit na produção....*, «A Revolução de Setembro», 4304, 22 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-3.
655. *É realmente notavel contemplar....*, «A Revolução de Setembro», 4307, 26 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-2.
656. *Será indiscripção perguntar á....*, «A Revolução de Setembro», 4307, 26 Ag. 1856, p. 1, cols. 2-3.
657. *A metamorphose da antiga opposição....*, «A Revolução de Setembro», 4310, 29 Ag. 1856, p. 1, cols. 1-2.

O número do jornal de 29 de Agosto aparece, por lapso, com o n.º 4330, sendo este apenas publicado no dia 21 de Setembro.

658. *Não supomos seguramente as finanças....*, «A Revolução de Setembro», 4310, 29 Ag. 1856, p. 1, cols. 3-4.
659. *Hoje que as grandes fracções partidarias....*, «A Revolução de Setembro», 4313, 2 Set. 1856, p. 1, cols. 1-2.
660. *«A regeneração é a fraude, é a corrupção....»*, «A Revolução de Setembro», 4313, 2 Set. 1856, p. 1, cols. 3-4 e p. 2, col. 1.
661. *A circular-manifesto assignada pelos....*, «A Revolução de Setembro», 4316, 5 Set. 1856, p. 1, cols. 1-2.
662. *Apesar de sermos completamente avessos....*, «A Revolução de Setembro», 4316, 5 Set. 1856, p. 1, cols. 2-3.
663. *A historia do systema representativo....*, «A Revolução de Setembro», 4319, 9 Set. 1856, p. 1, cols. 1-2.
664. *O grande escandalo da historia do regimen....*, «A Revolução de Setembro», 4322, 12 Set. 1856, p. 1, cols. 1-2.
665. *A medida appresentada pelo ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 4322, 12 Set. 1856, p. 1, cols. 2-3.
666. *Quando idéas mais ou menos subversivas....*, «A Revolução de Setembro», 4325, 16 Set. 1856, p. 1, cols. 1-3.
667. *Teem-se effectuado algumas reuniões....*, «A Revolução de Setembro», 4325, 16 Set. 1856, p. 2, cols. 1-2.
668. *O primeiro caminho de ferro que se....*, «A Revolução de Setembro», 4328, 19 Set. 1856, p. 1, cols. 1-2.
669. *Artisticamente a regeneração foi uma....*, «A Revolução de Setembro», 4331, 23 Set. 1856, p. 1, cols. 1-3.
670. *A indifferença do gabinete, no meio....*, «A Revolução de Setembro», 4331, 23 Set. 1856, p. 1, cols. 3-4.
671. *O ministerio da regeneração caiu pelas....*, «A Revolução de Setembro», 4334, 26 Set. 1856, p. 1, cols. 1-2.
672. *Nunca a queda de um ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 4337, 30 Set. 1856, p. 1, cols. 1-3.
673. *As circulares que demonstram o....*, «A Revolução de Setembro», 4340, 3 Out. 1856, p. 1, cols. 1-2.
674. *Os homens de maior valia ficam....*, «A Revolução de Setembro», 4343, 7 Out. 1856, p. 1, cols. 1-3.
675. *Existe no governo o partido progressista?....*, «A Revolução de Setembro», 4346, 10 Out. 1856, p. 1, cols. 1-2.
676. *Ninguém deplora mais do que nós....*, «A Revolução de Setembro», 4349, 14 Out. 1856, p. 1, cols. 1-2.
677. *Esperamos com alvoroço a abertura....*, «A Revolução de Setembro», 4352, 17 Out. 1856, p. 1, cols. 1-2.

678. *Programma para a cadeira de historia da litteratura moderna, principalmente a portugueza, no curso superior de letras*, «Diario de Lisboa», Lisboa, Imprensa Nacional, 240, 19 Out. 1856, p. 1.
679. *As aspirações eminentemente liberaes....*, «A Revolução de Setembro», 4354, 21 Out. 1856, p. 1.
680. *Quaesquer que fossem as sympathias....*, «A Revolução de Setembro», 4357, 24 Out. 1856, p. 1, cols. 1-3.
681. *Aonde estavam os ministros actuaes....*, «A Revolução de Setembro», 4361, 28 Out. 1856, p. 1, cols. 1-3.
682. *O ministerio nasceu hontem, e já está....*, «A Revolução de Setembro», 4364, 31 Out. 1856, p. 1, cols. 1-3.
683. *Propriedade intellectual e convenção litteraria com o imperio do Brasil*, «A Revolução de Setembro», 4365, 1 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-3.
684. *O ministerio, graças ás portarias....*, «A Revolução de Setembro», 4366, 4 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-3.
685. *Os escandalos eleitoraes, os abusos....*, «A Revolução de Setembro», 4369, 7 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-3.
686. *O espectáculo da luta eleitoral em 1856....*, «A Revolução de Setembro», 4372, 11 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-2.
687. *De todos os angulos do paiz chegam....*, «A Revolução de Setembro», 4375, 14 Nov. 1856, p. 1.
688. *Se os acontecimentos politicos....*, «A Revolução de Setembro», 4378, 18 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-3.
689. *Publicamos em seguida....*, «A Revolução de Setembro», 4378, 18 Nov. 1856, p. 2, col. 4.
690. *O triumpho das ambições individuaes....*, «A Revolução de Setembro», 4381, 21 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-3.
691. *Este ministerio que foi acolhido....*, «A Revolução de Setembro», 4384, 25 Nov. 1856, p. 1.
692. *O estado, nas vagas doutrinas do progressismo....*, «A Revolução de Setembro», 4387, 28 Nov. 1856, p. 1, cols. 1-2.
693. *Um dos espectaculos senão dos mais....*, «A Revolução de Setembro», 4390, 2 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-2.
694. *Não exigiamos do ministerio senão....*, «A Revolução de Setembro», 4391, 3 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-2.
695. *O ministerio na sua gerencia financeira....*, «A Revolução de Setembro», 4392, 4 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-2.
696. *As cóleras do progressismo historico....*, «A Revolução de Setembro», 4393, 5 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-2.

697. *Os partidos historicos e os partidos do progresso*, «A Revolução de Setembro», 4394, 6 Dez. 1856, p. 1.
698. *Apesar das subtilesas com que....*, «A Revolução de Setembro», 4395, 7 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-3.
699. *A administração financeira do ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 4398, 12 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-3.
700. *Em 3 de Julho deste anno escreviamos....*, «A Revolução de Setembro», 4401, 16 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-3.
701. *Em seis mezes de governo....*, «A Revolução de Setembro», 4404, 19 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-3.
702. *A nossa divisa seria: paz aos....*, «A Revolução de Setembro», 4407, 23 Dez. 1856, p. 1.
703. *A portaria do sr. marquez de Loulé....*, «A Revolução de Setembro», 4412, 30 Dez. 1856, p. 1, cols. 1-3.
704. *Perspectivas do nosso tempo*, «Revista Peninsular», II, 5, Janeiro, 1857, pp. 221-30.  
Embora fosse intenção do autor continuar a publicação deste artigo na «Revista Peninsular», efectivamente isso não se concretizou.
705. *Annuncia-se a proxima aparição....*, «A Revolução de Setembro», Typ. de Manoel José Mendes Leite. Rua da Bicca de Duarte Bello, n.º 55, 4417, 6 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-3.
706. *A abertura do parlamento veiu....*, «A Revolução de Setembro», 4419, 9 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-2.
707. *Os velhos partidos contam com o....*, «A Revolução de Setembro», 4422, 13 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-2.
708. *A depravação doutrinal do ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 4426, 17 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-3.
709. *Temos seguido, com profunda atenção....* «A Revolução de Setembro» 4428, 20 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-2.
710. *Os partidos historicos, e os partidos das idéas*, «A Revolução de Setembro», 4431, 24 Jan. 1857, p. 1.
711. *Historicos e Historia*, «A Revolução de Setembro», 4433, 27 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-3.
712. *O néo-ordeirismo historico*, «A Revolução de Setembro», 4436, 30 Jan. 1857, p. 1, cols. 1-3.
713. *Historia dos historicos*, «A Revolução de Setembro», 4441, 6 Fev. 1857, p. 1 e p. 2, col. 1.
714. *Conselhos aos historicos*, «A Revolução de Setembro», 4444, 10 Fev. 1857, p. 1, cols. 1-3.

715. *O nosso talentoso e popular poeta....*, «A Revolução de Setembro», 4447, 13 Fev. 1857, p. 1, cols. 1-2.
716. *Respondemos a alguns artigos....*, «A Revolução de Setembro», 4447, 13 Fev. 1857, p. 1, col. 3.
717. *A votação quasi unanime....*, «A Revolução de Setembro», 4451, 18 Fev. 1857, p. 1, cols. 1-2.
718. *Se ha assumptos que demandem....*, «A Revolução de Setembro», 4452, 19 Fev. 1857, p. 1, col. 4 e p. 2, col. 1.
719. *O que disse hoje o sr. Julio....*, «A Revolução de Setembro», 4455, 22 Fev. 1857, p. 1, cols. 1-3.
720. *Não podemos, infelizmente, assistir....*, «A Revolução de Setembro», 4455, 22 Fev. 1857, p. 1, col. 4 e p. 2, col. 1.
721. *O ministerio está em termos....*, «A Revolução de Setembro», 4457, 26 Fev. 1857, p. 1, cols. 1-3.
722. *De todas as promessas maravilhosas....*, «A Revolução de Setembro», 4460, 1 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
723. *Ha dias que não se falla....*, «A Revolução de Setembro», 4463, 5 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
724. *Transcrevemos a carta que se segue....*, «A Revolução de Setembro», 4463, 5 Mar. 1857, p. 1, col. 4.
725. *Sentimos deveras que os acontecimentos....*, «A Revolução de Setembro», 4466, 8 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
726. *Esta situação parece, á primeira vista....*, «A Revolução de Setembro», 4469, 12 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
727. *Organisou-se um ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 4473, 17 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
728. *Não invejamos a situação dos srs. Ávila e Carlos Bento....*, «A Revolução de Setembro», 4475, 19 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-2.
729. *Os patriotas eximios pretendem....*, «A Revolução de Setembro», 4478, 22 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
730. *Os espiritos verdadeiramente liberaes....*, «A Revolução de Setembro», 4482, 28 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-2.
731. *Os primeiros decretos promulgados....*, «A Revolução de Setembro», 4483, 29 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-2.
732. *Nada ha mais natural do que....*, «A Revolução de Setembro», 4484, 31 Mar. 1857, p. 1, cols. 1-3.
733. *Introdução*, «Annaes das Sciencias e Lettras publicados debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias. Sciencias moraes e politicas, e bellas lettras», Lisboa, Typographia da mesma Academia, I, Março, 1857, pp. V-VIII.

Esta introdução é assinada também por L. A. Rebello da Silva.

734. *A litteratura portuguesa nos seculos XVI e XVII*, in «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», I, Março, 1857, pp. 1-27.  
Seguem-se *Notas e Additamentos*, pp. 28-44.
735. *Revista da economia politica em 1856*, in «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», I, Março, 1857, pp. 45-53; I, Abril, 1857, pp. 88-118; I, Maio, 1857, pp. 169-84; I, Junho, 1857, pp. 217-44.
736. *Os ministros novos seriam....*, «A Revolução de Setembro», 4485, 1 Ab. 1857, p. 1, cols. 1-2.
737. *O poder é aparentemente facil....*, «A Revolução de Setembro», 4487, 3 Ab. 1857, p. 1.
738. *Nós vemos claramente desenhados....*, «A Revolução de Setembro», 4489, 4 Ab. 1857, p. 1, cols. 1-2.
739. *Fomos involuntariamente inexactos....*, «A Revolução de Setembro», 4490, 7 Ab. 1857, p. 1, cols. 3-4.
740. *O caminho de ferro do norte*, «A Revolução de Setembro», 4497, 17 Ab. 1857, p. 1, cols. 1-3.
741. *Em 29 de Junho de 1846 sir Robert Peel....*, «A Revolução de Setembro», 4499, 19 Ab. 1857, p. 1, cols. 1-3.
742. *O que se pode discutir nesta situação....*, «A Revolução de Setembro», 4506, 28 Ab. 1857, p. 1, cols. 1-3.
743. *A maioria da camara actual acaba....*, «A Revolução de Setembro», 4508, 30 Ab. 1857, p. 1, cols. 1-3.
744. *Eis o final de um dos discursos....*, «A Revolução de Setembro», 4512, 5 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.
745. *A imprensa ministerial conserva-se....*, «A Revolução de Setembro», 4514, 7 Maio 1857, p. 1, cols. 1-2.
746. *Os historicos e o contracto do tabaco*, «A Revolução de Setembro», 4517, 10 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.
747. *A velha parcialidade que o sr. Avila....*, «A Revolução de Setembro», 4520, 11 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.
748. *O monopolio do tabaco por arrematação....*, «A Revolução de Setembro», 4523, 17 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.
749. *O publico tem devidamente avaliado....*, «A Revolução de Setembro», 4526, 21 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.
750. *Ouvimos hoje um dos mais eloquentes....*, «A Revolução de Setembro», 4528, 24 Maio 1857, p. 1, cols. 1-2.
751. *O sr. José Estevão definio expressivamente....*, «A Revolução de Setembro», 4531, 28 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.
752. *Este ministerio no parlamento....*, «A Revolução de Setembro», 4534, 31 Maio 1857, p. 1, cols. 1-3.

753. *Curiosidades historicas e litterarias ácerca do seculo XVI em Portugal*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», I, Maio, 1857, pp. 121-31.  
Segue-se a transcrição da carta de *Cleynarts ao seu amigo Latomus*, pp. 131-46.
754. *Não estranhemos realmente as deploraveis....*, «A Revolução de Setembro», 4537, 4 Jun. 1857, p. 1, cols. 1-3.
755. *Ha quasi um anno que o progressismo....*, «A Revolução de Setembro», 4543, 11 Jun. 1857, p. 1, cols. 1-2.
756. *Em menos de um anno o progressismo....*, «A Revolução de Setembro», 4547, 18 Jun. 1857, p. 1, cols. 1-3.
757. *Não é necessario um grande financeiro....*, «A Revolução de Setembro», 4549, 21 Jun. 1857, p. 1, cols. 1-3.
758. *M. Hyde de Neuville*, «A Revolução de Setembro», 4551, 24 Jun. 1857, p. 1, cols. 3-4 e p. 2, col. 1.
759. *O orçamento é um caos, o déficit....*, «A Revolução de Setembro», 4554, 28 Jun. 1857, p. 1, cols. 1-3.
760. *Dois grandes escandalos assignalam....*, «A Revolução de Setembro», 4556, 2 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-2.
761. *A situação desconjunta-se debattendo-se....*, «A Revolução de Setembro», 4559, 5 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-2.
762. *A questão do projecto da arrematação....*, «A Revolução de Setembro», 4562, 9 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-3.
763. *A administração municipal de Lisboa....*, «A Revolução de Setembro», 4562, 9 Jul. 1857, p. 1, col. 4 e p. 2, col. 1.
764. *Esse grande concelho municipal....*, «A Revolução de Setembro», 4565, 12 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-3.
765. *Esperâmos sempre que fosse o partido....*, «A Revolução de Setembro», 4568, 16 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-2.
766. *Cada dia descobrimos melhor que a....*, «A Revolução de Setembro», 4568, 16 Jul. 1857, p. 1, cols. 2-3.
767. *Temos noticias frescas do ministerio....*, «A Revolução de Setembro», 4571, 19 Jul. 1857, p. 1.
768. *O déficit não aterra, por nenhum modo....*, «A Revolução de Setembro», 4574, 23 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-2.
769. *O principal redactor desta folha....*, «A Revolução de Setembro», 4577, 26 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-3.
770. *Se se verificar a noticia de que....*, «A Revolução de Setembro», 4580, 30 Jul. 1857, p. 1, cols. 1-2.

771. *A carta que foi dirigida pelo sr. José Justino de Andrade e Silva....*, «A Revolução de Setembro», 4580, 30 Jul. 1857, p. 1, cols. 2-4.
772. *Apontamentos para a historia da conquista de Portugal por Filipe II*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», I, Julho, 1857, pp. 266-302; I, Agosto, 1857, pp. 313-28; I, Outubro, 1857, pp. 461-75; I, Dezembro, 1857, pp. 613-31; I, Janeiro, 1858, pp. 637-55.  
Estes artigos são intercalados por *Provas e documentos*, I, Julho, 1857, pp. 303-307; I, Agosto, 1857, pp. 329-45; há um *Appendix* ao cap. VI da *Introdução*, I, Outubro, 1857, pp. 476-81; *Provas e documentos*, I, Outubro, 1857, pp. 482-96; há uma *Nota à pag. 624 — Cap. VIII*, da *Introdução*, I, Janeiro, 1858, pp. 655-57 e *Provas e documentos*, I, Janeiro, 1858, pp. 658-62 e *Entrega de Çafim e Azamor*, I, Janeiro, 1858, pp. 663-68.
773. *Já houve quem escrevesse o cartaz....*, «A Revolução de Setembro», 4583, 2 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-2.
774. *Tudo quanto dissemos a respeito....*, «A Revolução de Setembro», 4586, 6 Ag. 1857, p. 1, col. 4 e p. 2, col. 1.
775. *O contracto do tabaco arrematou-se....*, «A Revolução de Setembro», 4588, 8 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-2.
776. *A Opinião desconhece a significação....*, «A Revolução de Setembro», 4588, 8 Ag. 1857, p. 1, col. 2.
777. *Talleyrand dizia para caracterizar....*, «A Revolução de Setembro», 4589, 9 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-2.
778. *É admiravel a linguagem de certos jornaes....*, «A Revolução de Setembro», 4590, 11 Ag. 1857, p. 1.
779. *O Rei e Ordem no seu artigo....*, «A Revolução de Setembro», 4592, 13 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-2.
780. *Os austeros moralistas da escola....*, «A Revolução de Setembro», 4593, 14 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-3.
781. *A discussão que tem havido ácerca....*, «A Revolução de Setembro», 4594, 15 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-3.
782. *A questão dos caminhos de ferro é....*, «A Revolução de Setembro», 4596, 19 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-3.
783. *Nós deixariamos em paz a pessoa....*, «A Revolução de Setembro», 4597, 20 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-3.
784. *Julgavamos que o progressismo historico....*, «A Revolução de Setembro», 4600, 22 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-3.
785. *«Os caminhos de ferro ou são bons....»*, «A Revolução de Setembro», 4600, 23 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-2.
786. *A linguagem de certos jornaes toca os....*, «A Revolução de Setembro», 4603, 27 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-2.

787. *Só tarde nos chegou ás mãos....*, «A Revolução de Setembro», 4606, 30 Ag. 1857, p. 1, cols. 1-3.
788. *Todas as reformas na administração....*, «A Revolução de Setembro», 4612, 6 Set. 1857, p. 1, cols. 1-2.
789. *Cedemos a palma á Opinião....*, «A Revolução de Setembro», 6 Set. 1857, p. 1, cols. 2-3.
790. *O celebre historiador Macaully....*, «A Revolução de Setembro», 4615, 10 Set. 1857, p. 1, cols. 1-2.
791. *Esperamos desde já um coro....*, «A Revolução de Setembro», 4618, 13 Set. 1857, p. 1, cols. 1-3.
792. *Não nos admiram que pareçam....*, «A Revolução de Setembro», 4621, 17 Set. 1857, p. 1, cols. 1-2.
793. *O sr. visconde de Sá tem sido....*, «A Revolução de Setembro», 4621, 17 Set. 1857, p. 1, col. 2.
794. *Pedimos hoje ao sr. marquez de Loulé....*, «A Revolução de Setembro», 4621, 17 Set. 1857, p. 1, cols. 2-3.
795. *A questão dos emigrados hespanholes....*, «A Revolução de Setembro», 4624, 20 Set. 1857, p. 1, cols. 1-2.
796. *A Nação vive realmente nas mais....*, «A Revolução de Setembro», 4630, 27 Set. 1857, p. 1, cols. 1-2.
797. *Noticias scientificas*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», I, Setembro, 1857, pp. 424-44.
798. *Um dos themas mais frequentes....*, «A Revolução de Setembro», 4633, 1 Out. 1857, p. 1, cols. 1-3.
799. *As colonias mais poderosas....*, «A Revolução de Setembro», 4636, 4 Out. 1857, p. 1, cols. 1-2.
800. *Ao imperio do Brasil e ao futuro....*, «A Revolução de Setembro», 4639, 8 Out. 1857, p. 1, cols. 1-2.
801. *O governo prometeu ocupar-se solemnemente....*, «A Revolução de Setembro», 4642, 11 Out. 1857, p. 1, cols. 1-2.
802. *Em fevereiro de 1846 escreviamos....*, «A Revolução de Setembro», 4645, 15 Out. 1857, p. 1, cols. 1-2.
803. *Meu charo Sampaio — Permitta-me que eu venha....*, «A Revolução de Setembro», 4739, 9 Fev. 1858, p. 1, cols. 4 e p. 2, col. 1.
804. *A batalha de Toro*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», I, Fevereiro, 1858, pp. 701-17.

Este artigo é seguido de uma *Carta do rey Catholico á cidade de Baeza, fazendo-lhe saber a victoria conseguida na batalha de Toro*, pp. 718-23 e da *Relação que Elrey D. João segundo mandou ao Conselho de Evora da batalha de Touro, que o dito Rey com seu Pay Elrey Dom Affonso 5.º*

tiverão com Elrey D. Fernando de Castella, pp. 723-29 e ainda de um *Regimento que mandou o dito Rey Dom João 2.º com a carta, e Relação acima, dos que hão-de servir nas quatro procissões do Corpo de Deos, em cada um anno....*, pp. 729-37.

805. *Factos e anedoctas de personagens portuguezes*, «Archivo Pittoresco», Lisboa, Typographia de Castro e Irmão, I, t. 1.º, 33, Fevereiro, 1858, p. 264.
806. *Os ultimos annos do reinado de D. Affonso V. Com documentos ineditos*, «O Panorama. Jornal litterario e instructivo», Lisboa, Typographia do Panorama, 4.ª série, II, 13, 27 Mar. 1858, pp. 100-102; II, 14, 3 Ab. 1858, pp. 109-12; II, 15, 10 Ab. 1858, pp. 117-20; II, 17, 24 Ab. 1858, pp. 131-35; II, 20, 15 Maio 1858, pp. 154-59; II, 29, 17 Jul. 1858, pp. 226-30; II, 33, 14 Ag. 1858, pp. 259-63; II, 37, 11 Set. 1858, pp. 290-91; II, 38, 18 Set. 1858, pp. 298-99; II, 39, 25 Set. 1858, pp. 306-308; II, 42, 16 Out. 1858, pp. 333-35; II, 43, 23 Out. 1858, pp. 341-43; II, 50, 11 Dez. 1858, pp. 394-96; II, 52, 25 Dez. 1858, pp. 409-11.
807. *Historia litteraria. D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu. Obras de Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu, impressas á custa do seminario da sua diocese. Tomo I, 1848. — Tomo II, 1849. — Tomo III, 1853. Na Typographia de José Baptista Morando*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», II, Março, 1858, pp. 5-36; II, Outubro, 1858, pp. 449-77; II, Novembro, 1858, pp. 513-40.

O antetítulo «Historia litteraria» corresponde ao título da secção desta publicação em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.

808. *Curiosidades historicas. Acerca dos preços em Portugal nos seculos XV e XVI*, «Archivo Pittoresco», I, t. 1.º, 43, Abril, 1858, pp. 342-44.
809. *Carta inedita do Vice-Rei D. Francisco de Almeida a Elrei D. Manuel*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», II, Abril, 1858, pp. 65-79.

Segue-se a transcrição da carta, pp. 79-89 e II, Maio, pp. 141-58.

810. *Lições para maridos. Comedia em três actos, imitada de verso hespanhol. — Ver infra, n.º 849.*
811. *D. João de Castro historiador*, «O Panorama», 4.ª série, II, 23, 5 Jun. 1858, pp. 182-83.

Segue-se a *Relação do cerco de Dio, e da batalha ganha por D. João de Castro contra o exercito do rei de Cambaya extrahida de uma carta inedita de D. João de Castro a el-rei D. João III, escripta em Dio aos 16 de Dezembro de 1546*, II, 23, 5 Jun. 1858, pp. 183-84; II, 24, 12 Jun. 1858, pp. 186-88; II, 25, 19 Jun. 1858, pp. 196-98; II, 26, 26 Jun. 1858, pp. 206-208; II, 27, 3 Jul. 1858, pp. 212-14. Alguns excertos desta carta foram publicados, com comentários de Lopes de Mendonça, sob o título *Extractos de uma carta inedita de D. João de Castro para el-rei D. João III, escripta em Diu a 16 de Dezembro de 1546*, «Archivo Pittoresco», II, t. 2.º, Julho, 1858, pp. 17-20.

812. *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal. Estudo biographico.* — Ver *supra*, n.º 24.
813. *Algumas noticias sobre a Africa Oriental Portugueza*, «O Panorama», 4.ª série, II, 31, 31 Jul. 1858, pp. 242-43.  
Segue-se a publicação de um extracto de um manuscrito que, segundo Lopes de Mendonça, teria sido enviado ao marquês de Pombal sob o título *Breve noticia da Africa Oriental, e arbitrios para o estabelecimento de uma companhia na Costa Oriental d'ella e India*, pp. 243-48.
814. *Noticia sobre a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, «O Panorama», II, 35, 28 Ag. 1858, pp. 279-80.  
Segue-se a *Relação dos provedores que tem sido da santa casa da misericórdia desde o anno de 1533, tempo em que a confraria e irmandade da dita santa casa passou da sé*, p. 280 e II, 36, 4 Set. 1858, pp. 283-86.
815. *Filipe II e a nobreza portugueza durante as pretensões ao throno de Portugal. (Apontamentos de um livro inedito)*, «Archivo Pittoresco», II, t. 2.º, 7, Agosto, 1858, pp. 50-52; II, t. 2.º, 9 Agosto, 1858, pp. 67-70; II, t. 2.º, 13, Setembro, 1858, pp. 98-101.
816. *Critica litteraria. Manoel Antonio Alvares de Azevedo, poeta brasileiro*, «Archivo Pittoresco», II, t. 2.º, 10, Setembro, 1858, pp. 77-79.  
O antetítulo «Critica litteraria» corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.
817. *Critica litteraria. José Agostinho de Macedo e a sua época*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», II, Outubro, 1858, pp. 449-77 e pp. 513-40.  
O antetítulo «Critica litteraria», corresponde ao título da secção desta publicação em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.
818. *A guerra do Maratá em 1739*, «Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias», II, Outubro, 1858, pp. 478-82.  
Segue-se a *Relaçam summaria dos successos de Goa com a guerra do Maratá no anno de 1739*, pp. 483-501; e *Extractos*, pp. 501-503; II, Nov. 1858, pp. 541-61, afirmando aqui que o artigo continua, o que efectivamente não se concretiza.
819. *A batalha de Alcacer-Quibir e a perda d'el-rei D. Sebastião*, «O Panorama», 4.ª série, II, 44, 30 Out. 1858, pp. 349-52; II, 46, 13 Nov. 1858, pp. 365-66; II, 47, 20 Nov. 1858, pp. 372-73.
820. *Uma scena da peste de Milão em 1630 — Desenho de Marmocchi — Gravura de Coelho*, «Archivo Pittoresco», II, t. 2º, 25, Dezembro, 1858, pp. 193-94.  
O título corresponde à legenda da gravura que encabeça o artigo.
821. *Uma viagem á India nos fins do seculo XVII*, «O Panorama», 4.ª série, II, 49, 4 Dez. 1858, p. 390.  
Segue-se *Breve relação do que se passou na viagem da India. O conde de Villa Verde, vice-rei d'aquelle estado no anno de 1692*, pp. 390-92.

822. *A bom entendedor meia palavra. Proverbio.* — Ver *supra*, n.º 24.
823. *A sociedade e os bailes.* — Ver *supra*, n.º 24.
824. *A corte de Philippe IV.* — Ver *infra*, n.º 851.
825. *A inquisição em Portugal. (Apontamentos)*, «A Ilustração Luso-Brasileira. Jornal Universal», Lisboa, Typographia de A. Y. F. Lopes, III, 39, 1 Out. 1859, p. 310, cols. 1-2; III, 40, 8 Out. 1859, p. 313, col. 3 e p. 314, col. 1.  
Segue-se a *Relação dos inquisidores-móres que houve em Portugal*, p. 314, cols. 1-2.
826. *Opiniões dos professores e mestres da universidade de Coimbra sobre os direitos de D. Antonio prior do Crato á successão do throno de Portugal. (Fragmento de uma carta escrita ao santo padre Gregorio XIII)*, «A Ilustração Luso-Brasileira», III, 50, 17 Dez. 1859, p. 398, cols. 2-3 e p. 399, col. 1.
827. *A renascença e o mosteiro da Batalha. (Fragmento de um livro inedito)*, «Revista Contemporanea de Portugal e Brazil», Lisboa, Typographia da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, I, Abril, 1860, pp. 13-16 e pp. 120-27.
828. *Criticas litterarias. M. M. Barbosa du Bocage — Francisco Manoel do Nascimento — José Agostinho de Macedo*, «Revista Contemporanea de Portugal e Brazil», I, Abril, 1860, pp. 184-92.  
O antetítulo «Criticas litterarias» corresponde ao título da secção da revista em que está integrada a colaboração de Lopes de Mendonça.

### III. TRADUÇÕES

829. DUMAS, Alexandre, *Isabel de Baviera, reinado de Carlos VI*, 3 tomos, Lisboa, Typographia de Gaudencio Maria Martins, 1841, VII + 813 pp.
830. HOFFMANN, *Os contos fantasticos*, in «A Revolução de Setembro»; *O conto d'Antonia*, 1953, 15 Set. 1848, pp. 1-2; 1954, 16 Set. 1848, pp. 1-2; 1957, 20 Set. 1848, p. 1; 1958, 21 Set. 1848, p. 1; 1959, 22 Set. 1848, pp. 1-2; *Salvator Rosa*, 1965, 29 Set. 1848, p. 1; 1966, 30 Set. 1848, pp. 1-2; 1968, 3 Out. 1848, pp. 1-2; 1969, 4 Out. 1848, p. 1; 1977, 13 Out. 1848, pp. 1-2; 1978, 14 Out. 1848, pp. 1-2; 1980, 17 Out. 1848, p. 1; 1981, 18 Out. 1848, p. 1; 1982, 19 Out. 1848, p. 1; 1987, 25 Out. 1848, p. 1; 1988, 26 Out. 1848, p. 1; 1989, 27 Out. 1848, p. 1; 1990, 28 Out. 1848, p. 1; 1992, 31 Out. 1848, p. 1; 1993, 2 Nov. 1848, p. 1; 1994, 3 Nov. 1848, p. 1; 1995, 4 Nov. 1848, p. 1; 1997, 7 Nov. 1848, p. 1; 1998, 8 Nov. 1848, p. 1; 1999, 9 Nov. 1848, p. 1; 2000, 10 Nov. 1848, p. 1; *Aventuras do jovem Traugott*, 2005, 16 Nov. 1848, p. 1; 2006, 17 Nov. 1848, p. 1; 2007, 18 Nov. 1848, p. 1; 2009, 21 Nov. 1848, p. 1; 2010, 22 Nov. 1848, p. 1; 2011, 23 Nov. 1848, p. 1; 2012, 24 Nov. 1848, p. 1; 2017, 30 Nov. 1848, p. 1; 2019, 2 Dez. 1848, p. 1; 2022, 6 Dez. 1848, p. 1; 2024, 9 Dez. 1848, p. 1; 2028, 14 Dez. 1848, pp. 1-2.
831. SAND, George, *O operario no giro de França*, in «Ecco dos Operarios», II, 36, 11 Jan. 1851, p. 6, col. 2; II, 37, 18 Jan. 1851, p. 6, col. 2, p. 7 e p. 8, col. 1;

II, 38, 25 Jan. 1851, p. 5, col. 2 e pp. 6-7; II, 39, 1 Fev. 1851, p. 5, col. 2, pp. 6-7 e p. 8, col. 1; II, 41, 1 Mar. 1851, p. 5, col. 2, p. 6 e p. 7, col. 1; II, 42, 8 Mar. 1851, p. 7; II, 46, 12 Ab. 1851, p. 7; 2.ª série, 49, 4 Out. 1851, p. 14, col. 2 e p. 15.

Esta tradução foi feita conjuntamente com Souza Brandão. O último capítulo, publicado no n.º 49, anuncia a sua continuação o que efectivamente não se concretizou, tanto mais que a publicação deste jornal, poucos dias depois, seria suspensa. Alguns dos artigos aparecem com o título *O operario do giro de França*.

832. MUSSET, Alfred de, *É mister que uma porta esteja aberta ou fechada*, in «A Semana», 2.ª série, I, 5, 6, Agosto, 1852, pp. 51-53; pp. 61-65.  
Saíu também em folheto de 10 pp. na série «Theatro de sala», em 1860, s.e., s.l., traduzido do francês e com o título *Uma porta deve estar aberta ou fechada*.
833. GALLEANO-RAVARA, A., *Maria Modesta. Leggenda del secolo passato*, in «Album Italo-Portuguez», Lisboa, Imprensa Nacional, 1853, pp. 120-50.  
Lopes de Mendonça não faz propriamente a tradução mas sim a crítica a esta poesia de Galleano-Ravara, pp. 148-50.
834. HEINE, Heinrich, *Horas de amor e horas de desengano. (Imitação)*, «A Illustração Luso-Brasileira», Lisboa, Typographia de A. J. F. Lopes, I, 13, 29 Mar. 1856, pp. 103, cols. 2-3 e p. 104, col. 1; I, 14, 5 Ab. 1856, p. 110 e p. 111, col. 1.  
Veja-se a p. 34, nt. 4, deste trabalho.
835. AINSWORTH, William Harrison, *O ultimo abbade de Whalley*, in «O Panorama», Lisboa, Typographia de A. J. F. Lopes, 4.ª série, I, 25, 20 Jun. 1857, pp. 195-96; I, 26, 27 Jun. 1857, pp. 205-206; I, 27, 4 Jul. 1857, pp. 211-13; I, 28, 11 Jul. 1857, pp. 220-21; I, 29, 18 Jul. 1857, pp. 226-28; I, 30, 25 Jul. 1857, pp. 237-39; 4.ª série, Lisboa, Typographia do Panorama, II, 8, 20 Fev. 1858, p. 59; II, 9, 27 Fev. 1858, pp. 66-67.
836. MACAULAY, M., *Lord Byron*, in «Archivo Pittoresco», I, t. 1.º, 31, Janeiro, 1858, pp. 242-43.  
Seguem-se vários artigos sob o título *Vida de Lord Byron por Moore. (Estudo critico por Macaulay)*, I, t. 1.º, 32, Fevereiro, 1858, pp. 253-55; I, t. 1.º, 33, Fevereiro, 1858, pp. 258-60; I, t. 1.º, 34, Fevereiro, 1858, pp. 270-72; I, t. 1.º, 36, Março, 1858, pp. 282-84; I, t. 1.º, 38, Março, 1858, pp. 298-99; I, t. 1.º, 42, Abril, 1858, pp. 330-33. Segundo nota de Lopes de Mendonça (I, t. 1.º, 32, Fevereiro, 1858, p. 253), este estudo critico incide sobre a obra *Letters and journals of lord Byron with notice of his life de Thomas Moore*.
837. *Lições para maridos. Comedia em três actos, imitada do verso hespanhol*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1858, 6 inum. + 168 pp.  
Foi publicada em «A Illustração Luso-Brasileira», II, 23, 5 Jun. 1858, p. 182, cols. 2-3 e p. 183, cols. 1-2; II, 24, 12 Jun. 1858, p. 190, col. 3 e p. 191; II, 25, 19 Jun. 1858, p. 198, cols. 2-3; p. 199 e p. 200, col. 1; II, 26, 26 Jun. 1858, p. 206, col. 3 e p. 207; II, 27, 3 Jul. 1858, p. 214,

- cols. 2-3 e p. 215, col. 1; II, 28, 10 Jul. 1858, p. 222, cols. 2-3 e p. 223; II, 29, 17 Jul. 1858, p. 231 e p. 232, col. 1; II, 30, 24 Jul. 1858, p. 240; II, 31, 31 Jul. 1858, p. 246, col. 3 e p. 247; II, 32, 7 Ag. 1858, pp. 254-55; II, 33, 14 Ag. 1858, p. 263, cols. 2-3 e p. 264; II, 36, 4 Set. 1858, p. 287; II, 37, 11 Set. 1858, p. 295, cols. 2-3; II, 38, 18 Set. 1858, p. 303, cols. 2-3 e p. 304; II, 39, 25 Set. 1858, p. 311 e p. 312, col. 1; II, n.º 40, 2 Out. 1858, p. 319, cols. 2-3 e p. 320, col. 1; II, 41, 9 Out. 1858, p. 326 e p. 327, col. 1; II, 42, 16 Out. 1858, p. 334, col. 3, p. 335 e p. 336, cols. 1-2; II, 43, 23 Out. 1858, p. 343, col. 3 e p. 344; II, 44, 30 Out. 1858, p. 351 e p. 352, col. 1; II, 45, 6 Nov. 1858, p. 359 e p. 360, cols. 1-2; II, 46, 13 Nov. 1858, p. 367 e p. 368, col. 1; II, 47, 20 Nov. 1858, p. 375, cols. 2-3 e p. 376.
838. HEINE, Heinrich, *No mar. (Phantasias)*, in «Archivo Pittoresco», II, t. 2.º, 11, Setembro, 1858, pp. 82-83.  
Veja-se p. 34, nt. 3 deste trabalho.
839. *Tutor e pupilla. Comedia em um acto.... Imitação....*, Lisboa, Typographia Costa Sanches, 1859, 37 + 2 inum. pp.  
As reticências pertencem ao próprio título.
840. MACAULAY, Thomas Babington, *Paralelo entre Cromwell e Napoleão*, in «Archivo Pittoresco», II, t. 2.º, 29, Janeiro, 1859, pp. 226-27; II, t. 2.º, 30, Janeiro, pp. 238-39.
841. MACAULAY, Thomas Babington, *Milton. Estudo critico por Macaulay*, in «A Ilustração Luso-Brasileira», III, 19, 14 Maio 1859, p. 147, cols. 2-3 e p. 150, cols. 1-2; III, 20, 21 Maio 1859, p. 154, col. 3 e p. 155, cols. 1-2; III, 22, 4 Jan. 1859, p. 170 e p. 171, col. 1; III, 23, 11 Jun. 1859, p. 179 e p. 182, col. 1.
842. MACAULAY, Thomas Babington, *Oliver Goldsmith. Estudo biographico, por Macaulay*, in «A Ilustração Luso-Brasileira», III, 33, 20 Ag. 1859, p. 258, cols. 1-2 e p. 259, col. 1; III, 34, 27 Ag. 1859, p. 266; III, 36, 10 Set. 1859, p. 283, cols. 1-2 e p. 286, cols. 1-2; III, 37, 17 Set. 1859, p. 289, col. 3 e p. 290.
843. *A corte de Filipe IV. Drama em 4 actos. Imitação do verso hespanhol....*, Lisboa, Typographia Universal, 1860, 112 pp.  
Foi publicado apenas com o título *A corte de Filipe IV*, in «Archivo Universal», 2.ª série, Lisboa, Typographia Universal, II, 8, 22 Ag. 1859, pp. 124-26; II, 9, 29 Ag. 1859, pp. 139-41; II, 10, 5 Set. 1859, pp. 151-53; II, 11, 12 Set. 1859, pp. 169-71; II, 12, 19 Set. 1859, pp. 187-88; II, 14, 3 Out. 1859, pp. 214-17; II, 15, 10 Out. 1859, pp. 232-34; II, 17, 24 Out. 1859, pp. 265-67; II, 19, 7 Nov. 1859, pp. 297-98; II, 20, 14 Nov. 1859, pp. 313-15; II, 21, 21 Nov. 1859, pp. 329-32; II, 22, 28 Nov. 1859, pp. 347-49; II, 23, 5 Dez. 1859, pp. 363-65.

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO